

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA
LABORATÓRIO DE CLÍNICA FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL

**TRÊS MODOS DA EXPERIÊNCIA DE “SER-COM” E
“SER-SI-MESMO” EM SITUAÇÃO CONJUGAL:
um estudo exploratório.**



CLAUDINE ALCOFORADO QUIRINO COSTA

Recife/2005.

CLAUDINE ALCOFORADO QUIRINO COSTA

**TRÊS MODOS DA EXPERIÊNCIA DE “*SER-COM*” E
“*SER-SI-MESMO*” EM SITUAÇÃO CONJUGAL:
um estudo exploratório**

Dissertação apresentada à Banca de avaliação da Universidade Católica de Pernambuco, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica.

ORIENTADOR(a): Profa. Dra. Henriette Tognetti Penha Morato

CO-ORIENTADOR(a): Profa. Dra. Ana Lúcia Francisco

Recife/2005.

C387t Costa, Claudine Alcoforado Quirino
Três modos da experiência de “ser-com” e
“ser-si-mesmo” em situação conjugal : um estudo
exploratório / Claudine Alcoforado Quirino Costa ;
orientadora Henriette Tognetti Penha Morato, 2005.
161 f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de
Pernambuco. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação,
2005.

1. Psicologia clínica. 2. Relações humanas - Aspectos
psicológicos. 3. Afeto (psicologia). 4. Pessoas casadas -
Aspectos psicológicos. 5. Cultura. I. Título.

CDU 159.94

CLAUDINE ALCOFORADO QUIRINO COSTA

**TRÊS MODOS DA EXPERIÊNCIA DE “SER-COM” E
“SER-SI-MESMO” EM SITUAÇÃO CONJUGAL:
um estudo exploratório**

Dissertação apresentada à Banca de avaliação da Universidade Católica de Pernambuco, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica.

Data de Aprovação: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. ANA MARIA LOPES CALVO FEIJOO (UFRJ)

Profa. Dra. ALBENISE DE OLIVEIRA LIMA (UNICAP)

Profa. Dra. HENRIETTE TOGNETTI PENHA MORATO (Orientadora)

Profa. Dra. ANA LÚCIA FRANCISCO (Co-Orientadora)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Alexandre Costa, meu querido marido, por possibilitar-me em situação conjugal à abertura de mim mesma. Espaço em que posso experienciar ser-no-mundo-com-outra em conjugalidade sendo “eu mesma”.

AGRADECIMENTOS

O meu reconhecido agradecimento a quem, com muito amor, me fez chegar até aqui: Garibaldi e Darci;

Em especial a Papai, por seu exemplo e amor a ciência e ao conhecimento, ensinou-me a viver o trabalho, o conhecimento e o crescimento profissional como uma dádiva divina;

À minha mãe, a quem trago no coração uma admiração, e que se viu privada de minha atenção nesses últimos anos em função de minhas atribuições;

Ao meu esposo Alexandre, um caloroso agradecimento, por me acompanhar a cada passo nos momentos de angústia, de alegria, de dor, de desespero e de amor;

A Suely e Gustavo pela grande amizade dispensada;

A Hermes e Paula pelas fundações;

A Fabiana, por acolher-me na angústia;

A meus clientes, pela possibilidade de fazer da minha profissão uma grande realização;

Aos amigos e parentes, que souberam respeitar este momento que era essencialmente meu;

Aos irmãos, Giuseppe e Djalma pela compreensão;

Ao Tio Gerson, pelo exemplo e incentivo;

De modo muito especial, a vocês Ana Lúcia e Henriette, que ao seu modo, facilitaram tornar meu sonho, realidade;

A Ana Lúcia Francisco, pelo cuidado, pela paciência e por ter me acompanhado até o fim;

A Henriette, pela sua permanente beleza de espírito e por encorajar-me sempre.

O nosso muito obrigado a todos!

Que contribuíram direta e indiretamente para realização deste sonho.

Claudine.

EPÍGRAFE

*“Não há ponte entre homem e homem...
Pois estranhos somos e estranhos ficamos
Exceto algumas identidades
Em que eu e você nos juntamos.
Ou, melhor ainda, onde você me toca
E eu toco você
Quando a estranheza se faz familiar”.*
(FREDERICK PERLS)

RESUMO

O objetivo deste trabalho visa compreender a experiência de “**ser-si-mesmo**” e “**ser-com**” em situação conjugal na contemporaneidade. Para compreender tal paisagem subjetiva, discutem-se os processos de subjetivação dominantes em nossa cultura, sob a ética da eficácia e do consumo do sujeito individualista. As relações sociais e conjugais nesse cenário preocupam psicólogos clínicos e sociais por modos coisificantes de ser, exclusores de diferença: o “**ser-si-mesmo**” e o “**ser-com**” o outro têm sofrido tensão pois a individualização gera uma ruptura no modo de “**ser-com**”. Para compreender essa experiência, foram entrevistados três casais em modos diversos de situação conjugal. A interpretação seguiu o método da Analítica do Sentido. Percebe-se que cada casal apresenta seu modo próprio de compreensão de “ser-com” em situação conjugal. Uma compreensão do modo de ser humano, pelo recorte da situação conjugal poderia empreender-se como: **ser entre tensão**. A conjugalidade pode ser caracterizada “por uma oscilação maior ou menor entre momentos de fusão e momentos de diferenciação entre os parceiros”. Apontando, também, um “bem estar” como sendo a direção do sentido de *estar com* o outro. Essa elaboração de experiência pelos participantes possibilitou o encaminhamento de articulação entre a dimensão existencial da clínica e a cultura no modo de ser do homem contemporâneo como ser-no-mundo-com-outros sendo si mesmo. Neste sentido, talvez seja essa a contribuição deste trabalho: introduzir o diferente, como possibilidade de encontrar-se, pelo coletivo, como alteridade.

Palavras-chave: Experiência de “ser-si-mesmo” com. Conjugalidade. Contemporaneidade. Psicologia Clínica.

ABSTRACT

This work aims to comprehend the experience of “**being oneself**” and “**being with**” in conjugal situation in the contemporaneous world. To articulate a possible comprehension such subjective landscape, we discuss the dominant processes in our culture to constitute the subjectivity, taking into account the individualistic subject’s ethics of efficacy and of consume. The social and conjugal relationships in such scenery are a critical preoccupation among clinical and social psychologists; they are concerned by the modes of being as *a thing*, which promote exclusion of difference: “**being oneself**” and “**being with other**” have been suffering tension by the individualization which creates a rupture in the mode of “**being with**”. To reflect upon that experience, three couples, living different modes of conjugal situation, were interview. The interpretation followed the Analytical of Sense Method. Each couple presented his own proper comprehension mode for “**being with**” in conjugal situation. A comprehension of the man’s mode of being, by the scrap in conjugal situation would be undertake like “**being among tension**”. The conjugality could be characterized by wobbliness least or minor among moments of fusion and moments of differentiation between the couples. Also pointing to a “**well being**” as the sense direction *to be with the other*. The participants elaboration of experience made possible to show how culture articulates with a clinical existential dimension and the culture towards the contemporaneous man’s mode of being as **being-in-the world-with-others by being oneself**. The contribution of this work is introduce the difference like possibility by being oneself including the collective and the others.

Key-words: Experience of being oneself with. Conjugality. Contemporaneous world. Clinical Psychology.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	11
1 CULTURA E SUBJETIVIDADE: CRIANDO UMA HISTÓRIA DA SITUAÇÃO CONJUGAL.....	15
1.1 Uma breve explanação sobre o conceito de cultura.....	15
1.2 Uma breve explanação sobre o conceito de subjetividade.....	24
1.3 Modos de com-vivência: entre cultura e subjetividade.....	26
1.4 Modos de com-vivência na contemporaneidade.....	32
1.5 Como “ser-si-mesmo” e “ser-com” neste cenário cultural.....	39
2 MODOS DE SUBJETIVAÇÃO E CLÍNICA.....	44
2.1 “Ser-com”: condição humana.....	44
2.2 Encontrar-se: experienciando “ser-com” e “ser-si-mesmo”.....	47
2.3 Os modos de subjetivação na contemporaneidade.....	50
2.4 Modos de subjetivação e clínica.....	65
2.5 Práticas clínicas psicológicas e o sujeito da modernidade.....	71
3 METODOLOGIA.....	74
3.1 Co-autores.....	82
3.2 Apresentação da colheita.....	84
3.3 Interpretação das Narrativas.....	84

4 VIVENDO A CONJUGALIDADE: COMO “SER-SI-MESMO”?	89
4.1 Rui e Isis	89
- Segundo Momento com os cônjuges	116
4.2 Ana e Eva	118
- Segundo Momento com os cônjuges	129
4.3 Pedro e Maria	131
- Segundo Momento com os cônjuges	143
5 REFLEXÕES: À GUISA DE UMA PROVISÓRIA CONCLUSÃO	144
REFERÊNCIAS	157

APRESENTAÇÃO

A partir da especialização em Terapia Familiar na Universidade Federal de Pernambuco, quando realizei, juntamente com outros colegas, atendimentos a casais em dificuldades conjugais, surgiu o interesse em pesquisar casais, tomando como foco a fenomenologia existencial. O interesse pelo tema ainda surgiu a partir de minha prática clínica como psicoterapeuta, dos relatos de colegas sobre casamento e de minha experiência como noiva. Afetada pelo tema, na minha experiência clínica, percebo, nos atendimentos que realizo a casais, e individualmente, que um dos grandes conflitos é saber a justa medida entre individualidade e conjugalidade.

Na minha experiência como noiva, questionava-me como iria continuar realizando meus projetos pessoais e conciliá-los com os do meu noivo. Passei por momentos difíceis, de muita angústia, era como se já estivesse vivendo uma “crise pré-nupcial”. Como viver a conjugalidade e a individualidade? Como ser eu mesma e “ser-com” outra pessoa?

Meu momento de inquietação, dúvida e angústia era compartilhado com colegas que pareciam estar num caminho de incerteza igual ao meu. Percebia que a questão da individualidade e da conjugalidade angustiava muitos: eu, colegas e clientes.

Angústias e incertezas, quantos de nós não vivemos permeados por esses sentimentos? Pois é, a ambigüidade e a dúvida habita em nós, estão implicadas o tempo todo enquanto “*ser-si-mesmo*” e “*ser-com*”.¹

O que percebo é que a maioria das pessoas continua se casando. Contudo, somos únicos e múltiplos ao mesmo tempo. Somos sós, mas não deixamos de buscar o outro para nos relacionar, sendo esta tensão condição existencial.

Ao expressar essa questão, dou-me conta de uma multiplicidade de termos que podem nela estar implicados, demandando um esclarecimento. Tal consideração decorre da dificuldade percebida em como escolher uma palavra que, de fato, pudesse expressar o sentido do questionamento. Nesse sentido, deparei-me com os termos: relação e situação, conjugal e conjugalidade, individualidade e singularidade.

Segundo o Houaiss (2004, CD), encontrei: Conjugal advindo do latim *conjugalis*, onde o prefixo *jug* significa união conjugal, casamento, também entendido como junto com, que une, combinar e união, pode ser compreendido como adjetivo de cônjuge, do casal, matrimonial ou da vida de casado. No mesmo dicionário, relação significa ato de relatar, vinculação de alguma ordem entre pessoas, ligação, conexão. Situação, por sua vez, significa ato ou efeito de situar-se, localizar-se, posição, o fato de estar num lugar.

Os termos individualidade e singularidade, no dicionário Houaiss (2004, CD), significam praticamente a mesma coisa, inclusive são utilizadas as mesmas palavras para defini-los. Tenho como propósito, nesta dissertação, ampliar o entendimento sobre os devidos termos, à medida que vários autores utilizam modos e maneiras

¹ Embora os termos “ser-si-mesmo” e “ser-com” tem ligação com Heidegger o sentido que estamos trabalhando é outro, seria numa dimensão ôntica, ou seja, da experiência de como se vive e como se percebe a experiência de “ser-si-mesmo” e “ser-com”. Recorremos aos termos referendados por Heidegger, por isso que continuam aspeados, num sentido de iluminar a compreensão de nossa questão a luz da fenomenologia existencial.

diferentes de compreendê-los, a depender dos autores percorridos. A partir de então estarei mais atenta aos termos e quais os seus sentidos.

Com este trabalho, objetivamos compreender a experiência de “**ser-si-mesmo**” e “**ser-com**” em situação conjugal na contemporaneidade. Para isso, tentamos conhecer os possíveis modos de “**ser-com**” na situação conjugal procurando, através de uma breve contextualização, situá-los histórica e culturalmente; pesquisamos como alguns autores compreendem a experiência subjetiva de “**ser-com**” e “**ser-si-mesmo**” na cultura contemporânea; buscamos, através de experiências vividas, o modo de “ser-si-mesmo” e “ser-com” em situação conjugal; além de articularmos as experiências relatadas de “ser-com” e “ser-si-mesmo” na situação conjugal com as construções teóricas apresentadas, a fim de buscar, a título de estudo exploratório, possibilidades de compreensão dessa experiência na dimensão clínica.

Justifica-se o estudo deste tema, por se tratar de uma questão muito atual na contemporaneidade, necessitando, portanto, ser problematizada. A instituição casamento, as novas configurações familiares e os papéis de gênero têm sido objetos de debates e reflexões no mundo científico, buscando-se, através de um conjunto de pesquisas, compreender como vêm sendo vividas essas experiências subjetivas. Também é de meu interesse, enquanto pesquisadora clínica e Psicoterapeuta de casais, entender como é a experiência da conjugalidade na contemporaneidade, ou melhor, como é “ser-si-mesmo” e “ser-com” em situação conjugal neste cenário tão individualista em que vivemos.

Como forma de aproximação à questão que se pretendeu investigar, abordamos, no primeiro capítulo, o conceito de cultura por entendermos a indissociabilidade da experiência subjetiva com o contexto histórico e cultural na qual

está inserida e da qual emerge. Neste sentido, realizamos um breve percurso histórico acerca da instituição casamento, no intuito de conhecer os vários modos de “ser-com” que se apresentaram no decorrer dos tempos. O conceito de subjetividade também foi objeto de nossas reflexões, de um lado pela interdependência cultura-subjetividade, de outro porque nosso foco, nesta dissertação, é buscar compreender a experiência subjetiva de “ser-com” e “ser-si-mesmo” em situação conjugal.

O segundo capítulo procurou tratar dos modos de subjetivação predominantes na cultura contemporânea, buscando articulá-los às experiências vividas no cotidiano dos indivíduos e suas ressonâncias na clínica psicológica.

Compreendendo que uma das possíveis formas de conhecimento da experiência é a própria narrativa do vivido, a partir daquele que vive, assim o terceiro capítulo, buscou, através de uma pesquisa de natureza qualitativa e fenomenológica, ouvir as experiências de casais em situação de conjugalidade, quer esta situação se configure institucionalmente como casamento quer não.

Finalmente, considerando necessário articular os depoimentos colhidos com o referencial teórico que serviu de base a esta dissertação, procuramos trazer reflexões que pudessem nos auxiliar no aprofundamento desta temática.

À medida que estamos trabalhando com uma metodologia fenomenológica, não estamos determinando nenhum pressuposto teórico, *a priori*, razão porque buscamos um quadro referencial a partir de diversos olhares que nos pudessem servir como recursos ao que pretendemos problematizar.

1 CULTURA E SUBJETIVIDADE: CRIANDO UMA HISTÓRIA DA SITUAÇÃO CONJUGAL.

1.1 Uma breve explanação sobre o conceito de cultura.

Na história da humanidade é recorrente encontrar algumas tentativas de se explicarem as diferenças de comportamentos entre os homens. Questionaram-se essas variações se não estariam associadas às características genéticas ou, até mesmo, a determinismos ambientais.

Segundo Laraia (2004), de um modo geral, os antropólogos perceberam que homens e mulheres apresentavam comportamentos diferenciados numa mesma cultura e, também, em culturas diferentes, passando a questionar se o que torna seus comportamentos diferentes seria de natureza anatômica e fisiológica, ou seja, se as diferenças seriam determinadas pelo sexo. Verificaram que é falsa a premissa de que as diferenças existentes entre os sexos possam ser determinadas biologicamente. A antropologia tem demonstrado que muitas atividades atribuídas às mulheres em uma cultura podem ser atribuídas aos homens em outra. Então, a divisão sexual do trabalho mostra que ele é determinado culturalmente e não em função de uma racionalidade biológica.

Para o mesmo autor (LARAIA, 2004), o comportamento dos indivíduos depende de um aprendizado em que meninos e meninas recebem educação diferenciada, o que explica porque homens e mulheres agem de forma diferente. Esse fenômeno recebe o nome de Endoculturação, sendo um processo de

aprendizado, no qual os representantes da cultura ensinam aos mais novos os modelos e papéis sociais a serem desenvolvidos dentro daquele contexto cultural.

Neste sentido, gênero e cultura estariam implicados, à medida que não seria possível pensar em gênero sem considerar os aspectos culturais e vice-versa. Entretanto, ao falarmos da influência da cultura nos modos de agir de homens e mulheres, nos parece necessário conceituar estes termos, ressaltando-se que não há, entre eles, determinismos ou superposições, à medida que o biológico designa a constituição anatômica dos sujeitos, independente do gênero. Assim sendo, sexo designaria a diferença entre aparelhos biológicos, enquanto gênero se constituiria através das relações sociais.

Desde esta perspectiva, as diferenças existentes entre os homens não podem ser explicadas em termos das limitações que lhes são impostas pelo seu aparato biológico nem pelo seu meio ambiente, “mas, sim nos arranjos sociais, na história, nas condições de acesso aos recursos da sociedade, nas formas de representação” pois, “[...] é no âmbito das relações sociais que se constroem os gêneros”. (LOURO, 1997, p. 22).

Não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico. (LOURO, 1997, p. 21).

Outra diferenciação, também necessária diz respeito a sexo e identidade sexual. Ainda recorrendo a Louro (1997), as identidades sexuais podem ser vividas dissociadas do sexo em si, referindo-se às formas como se vive a sexualidade, com parceiro/a do mesmo sexo, do sexo oposto, de ambos os sexos ou sem parceiro. Ou

seja, o sexo pode ser feminino ou masculino, mas a identidade sexual pode ser vivida de várias formas.

Vale ressaltar que a visão biologizante e naturalista que considera, como única opção sexual ou identidade sexual, a heterossexualidade, provavelmente não tenha levado em conta esta diferenciação.

No que diz respeito a gênero, segundo Louro (1997, p. 26), “os sujeitos também se identificam, social e culturalmente, como masculinos e femininos e assim constroem suas identidades de gênero”. A identidade de gênero, masculino e feminino, deve ser entendida diferenciando-se tanto do sexo como da identidade sexual. Pois “sujeitos masculinos ou femininos podem ser heterossexuais, homossexuais, bissexuais e, ao mesmo tempo, eles também podem ser negros, brancos, índios, pobres ou ricos etc”. (LOURO, 1997, p. 27).

Assim posto, a identidade de gênero refere-se, portanto, a algo que transcende o mero aparato biológico, a identidade sexual e, até mesmo, o desempenho de papéis sociais. A identidade de gênero faz parte do sujeito, constituindo-o, como, por exemplo, sujeito brasileiro, negro, homem, heterossexual etc, sendo, portanto, o conjunto de tudo aquilo que permite ao sujeito apresentar-se como tal. Neste sentido, para esta autora (LOURO, 1997), seria interessante compreender e incluir as diferentes formas de masculinidade e feminilidade que se constituem socialmente.

Percebe-se a existência de uma narrativa convencional que adota e vê o gênero como um molde social, cuja marca é estampada na criança, como se as personalidades masculina e feminina saíssem de uma fábrica modeladora, confundindo-se, portanto, gênero e norma.

Neste sentido, “aqueles homens que se afastam da forma de masculinidade hegemônica são considerados diferentes, são representados como o outro e, usualmente, experimentam práticas de discriminação ou subordinação”. (LOURO, 1997, p. 48, aspas do autor).

Assim o que permanece é a dificuldade em conceber e aceitar as diferenças, sejam elas consideradas culturais, sociais ou subjetivas, incidindo diretamente no acolhimento da alteridade, submetida que é pela imposição de modelos normatizadores, modelos que, sem dúvida, são construídos e incorporados pela cultura.

Nesta direção, parece-nos importante tecer algumas considerações acerca do conceito de cultura, para compreender o modo como a cultura interfere na vida dos indivíduos e nos seus modos de subjetivação.

A primeira definição de cultura, do ponto de vista antropológico, pertence a Tylor (1871 apud LARAIA, 2004), ainda que numa perspectiva naturalista e adotando uma compreensão de causalidade dos fenômenos, o que permitiu um estudo objetivo e uma análise capaz de proporcionar formulação de leis sobre o processo cultural.

Para ele (TYLOR, 1871 apud LARAIA, 2004, p. 25) a cultura é “este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”.

Para Laraia (2004) era de se esperar que existisse hoje um razoável acordo entre os antropólogos a respeito do conceito de cultura, pois mais de um século transcorreu desde a definição de Taylor e, a partir daí, as centenas de definições elaboradas por outros autores serviram mais para estabelecer uma confusão do que para ampliar os limites do conceito.

Mais do que preocupado com a diversidade cultural, Tylor (1871 apud LARAIA, 2004), a seu modo, preocupava-se com a igualdade existente na humanidade. A diversidade é explicada por ele como o resultado da desigualdade de estágios existentes no processo de evolução, compreendendo o processo cultural como o produto do evolucionismo.

A principal reação ao evolucionismo inicia-se com Franz Boas (1920 apud LARAIA, 2004) cuja desenvolve o conceito de particularismo histórico, que é a compreensão de que cada cultura segue os seus próprios caminhos, em função dos diferentes eventos históricos enfrentados. Nesta direção, não existem culturas iguais, pois cada uma sofre determinadas mudanças sociais.

Alfred Kroeber (1949 apud LARAIA, 2004), antropólogo americano, em seu artigo “O superorgânico” (1949) mostrou como a cultura atua sobre o homem. A preocupação dele era a de evitar a confusão, ainda tão comum, entre o orgânico e o cultural, ou seja, acreditava que somos seres humanos portadores de características biológicas comuns, mas, ao mesmo tempo, criamos histórias e culturas diferentes.

Não se pode ignorar que o homem, membro proeminente da ordem dos primatas, depende muito de seu equipamento biológico. Para se manter vivo, independente do sistema cultural ao qual pertença, ele tem que satisfazer um número determinado de funções vitais, como a alimentação, o sono, a respiração, a atividade sexual etc. Mas, embora estas funções sejam comuns a toda a humanidade, a maneira de satisfazê-las varia de uma cultura para outra. É esta grande variedade na operação de um número pequeno de funções que faz com que o homem seja considerado um ser predominantemente cultural. (LARAIA, 2004, p. 37).

Para Kroeber (1949 apud LARAIA, 2004), o homem é o único ser possuidor de cultura, devido a sua capacidade de criar histórias, comunicá-las para outros homens, retê-las em sua memória e transmiti-las para os seus descendentes como uma herança sempre crescente. Assim sendo, a comunicação é um processo

cultural, mais explicitamente, a linguagem humana é um produto da cultura e não existiria cultura, se o homem não tivesse a possibilidade de desenvolver um sistema articulado de comunicação oral. O homem, como ser histórico, possuidor de um tesouro de signos, tem a faculdade de multiplicar infinitamente sua história.

O homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e as experiências adquiridas pelas numerosas gerações que o antecederam. A manipulação adequada e criativa desse patrimônio cultural permite as inovações e as invenções. Estas não são, pois, o produto da ação isolada de um indivíduo, mas o resultado do esforço de toda uma comunidade. (LARAIA, 2004, p. 45).

Enfim, à contribuição de Kroeber para a ampliação do conceito de cultura levou a compreensão de que a cultura determina o comportamento do homem, mais do que a herança genética; os homens agem de acordo com seus padrões culturais e a cultura é o meio de adaptação aos diferentes ambientes ecológicos, sendo a cultura um processo acumulativo, resultante de toda a experiência histórica das gerações anteriores.

Roger Keesing (1974 apud LARAIA, 2004) elabora um esquema no qual classifica as tentativas modernas de obter uma precisão conceitual sobre cultura. Refere-se, inicialmente, às teorias que consideram a cultura como um sistema adaptativo, difundida por neo-evolucionistas. Segundo ele,

culturas são sistemas de padrões de comportamento socialmente transmitidos que servem para adaptar as comunidades humanas aos seus embasamentos biológicos. Esse modo de vida das comunidades inclui tecnologias e modos de organização econômica, padrões de estabelecimento, de agrupamento social e de organização política, crenças e práticas religiosas, e assim por diante. (LARAIA, 2004, p. 59).

A compreensão do conceito de cultura significa uma compreensão da própria natureza humana, tema perene da incansável reflexão humana. Os antropólogos sabem de fato o que é cultura, mas divergem na maneira de exteriorizar este conhecimento.

Depreende-se, a partir deste conjunto de definições acerca da cultura, que não há, entre os autores, consenso em sua compreensão. Cada um, ao seu modo, parece privilegiar um ou outro aspecto, o que nos revela não só a complexidade desta temática mas a pluralidade de elementos envolvidos na cultura.

Para nós, o que fica claro é que a cultura não se define por um determinismo genético nem tampouco geográfico, podendo ser considerada como um processo histórico e cumulativo, transmitida e criada através dos homens. Compreendemos que o comportamento dos homens sofre muito mais influência da cultura em que está inserido do que pelo seu aparato biológico. Neste sentido, a cultura tem um papel fundante e constituidor no comportamento de homens e mulheres.

O homem tem despendido grande parte da sua história separado em pequenos grupos, cada um com a própria linguagem, sua própria visão de mundo, seus costumes e expectativas. O fato de que o homem vê o mundo através de sua cultura tem, como consequência, a propensão em considerar o seu modo de vida o mais correto e o mais natural. Tal tendência, denominada etnocentrismo, para Laraia (2004), é responsável, em seus casos extremos, pela ocorrência de numerosos conflitos sociais. Etnocentrismo é um fenômeno universal, pois é comum a crença de que a própria sociedade é o centro da humanidade, ou mesmo a sua única expressão. O modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma

determinada cultura. Portanto podemos entender o fato de que indivíduos de culturas diferentes podem ser facilmente identificados por uma série de características, tais como o modo de agir, vestir, caminhar, comer, sem mencionar a evidência das diferenças lingüísticas, pelo fato de ser a mais imediata observação empírica.

Laraia (2004) complementa que a participação do indivíduo em sua cultura é sempre limitada; nenhuma pessoa é capaz de participar de todos os elementos de sua cultura, mas é necessário um conhecimento mínimo para operar dentro do mesmo sistema cultural de forma a permitir a convivência.

O homem é o único ser humano que é capaz de questionar os seus próprios hábitos e modificá-los; qualquer sistema cultural está num contínuo processo de modificação, mudanças que podem ser de ordem interna, resultante da dinâmica do próprio sistema cultural, como podem ser, também, o resultado do contato de um sistema cultural com um outro, reforçando o caráter dinâmico da cultura.

O tempo constitui um elemento importante na análise de uma cultura. Nesse mesmo quarto de século, mudaram-se os padrões de beleza, regras morais que eram vigentes passaram a ser consideradas nulas: hoje uma jovem pode fumar em público sem que a sua reputação seja ferida. Ao contrário de sua mãe, pode ceder um beijo ao namorado em plena luz do dia. Tais fatos atestam que as mudanças de costumes são bastante comuns. Entretanto, elas não ocorrem com a tranquilidade que descrevemos. Cada mudança, por menor que seja, representa o desenlace de numerosos conflitos. Isto porque em cada momento as sociedades humanas são palco do embate entre as tendências conservadoras e as inovadoras. As primeiras pretendem manter os hábitos inalterados, muitas vezes atribuindo aos mesmos uma legitimidade de ordem sobrenatural. As segundas contestam a sua permanência e pretendem substituí-los por novos procedimentos. (LARAIA, 2004, p. 99).

Por falar em mudanças externas que interferem nos processos culturais, não poderíamos deixar de lado o processo de globalização, em que as culturas mais do

que nunca estão em constante processo de interação, promovendo uma articulação mais próxima de uma cultura com a outra e derrubando as barreiras entre as mesmas.

Segundo Mc Grew (1992 apud HALL, 2003, p. 67)

globalização se refere àqueles processos, atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo, em realidade e em experiência, mais interconectado.

Sabe-se dos processos de mudanças que a globalização vem produzindo nas identidades culturais, com os avanços tecnológicos em alta escala e o desenvolvimento das sociedades capitalistas. É agora um lugar comum dizer que a época moderna fez surgir uma forma nova e decisiva de individualismo, no centro da qual se erige uma nova concepção de sujeito individual e de sua identidade, questão que será discutida mais adiante quando falarmos da sociedade moderna.

Todo sistema cultural está sempre em mudança. Entender esta dinâmica é importante para atenuar o choque entre as gerações e evitar comportamentos preconceituosos. Da mesma forma que é fundamental para a humanidade a compreensão das diferenças entre os povos de culturas diferentes, é necessário saber entender as diferenças que ocorrem dentro do mesmo sistema. Este é o único procedimento que prepara o homem para enfrentar serenamente este constante e admirável mundo novo do porvir.

Após esta breve explanação de uma possível compreensão acerca da cultura, teceremos, agora, algumas considerações sobre o que conceituamos como subjetividade.

1.2 Uma breve explanação sobre o conceito de subjetividade.

Novamente aqui, dada à complexidade com a qual se reveste o termo subjetividade, também abordado em diferentes acepções, é importante ressaltar que a escolha a partir do referencial teórico utilizado por Guattari (1997) tem um propósito.

Para nós, a compreensão trazida por este autor pareceu-nos a mais adequada para o que pretendemos problematizar, à medida que encerra, em sua definição, a indissociabilidade cultura-subjetividade.

A subjetividade se constrói a partir de um campo de forças tanto de natureza intrapsíquica como extrapsíquica; ela não é grupal nem tampouco individual; a subjetividade está no ENTRE o individual e o coletivo, configurando-se através de “agenciamentos coletivos de enunciação”, ou seja, “sistemas maquínicos, econômicos, sociais, tecnológicos, icônicos, ecológicos, etológicos, de mídia, enfim sistemas que não são mais imediatamente antropológicos”. (GUATTARI; ROLNIK, 2000, p. 31).

A preocupação em re-dimensionar o conceito de subjetividade justifica-se, à medida que, parece existir uma tendência em reduzir subjetividade ao psiquismo ou ao indivíduo, dificultando a compreensão dos fenômenos psíquicos e de suas configurações subjetivas. Em outra direção, compreendemos que os modos de subjetivação que se apresentam na sociedade, de um modo geral, estão em constante relação com a cultura e a história, influenciando as diferentes maneiras de se estar no mundo, inclusive os modos de “ser-com” e “ser-si-mesmo” em situação conjugal. Neste sentido, parece-nos imprescindível para a compreensão desta

experiência tecer algumas breves considerações acerca dos modos de subjetivação vigentes na contemporaneidade.

Na consideração, já mencionada, da indissociabilidade cultura-subjetividade e levando-se também em conta os diferentes campos de força na construção do sujeito, plural e absolutamente singular em suas formas de reagir e sentir, seria mais interessante falar em SUBJETIVIDADES.

Neste sentido, poderíamos pensar em várias produções de subjetividades ou processos de subjetivação ou até mesmo como Figueiredo (1996) chama, “modos de subjetivação”. É preciso esclarecer que a construção da subjetividade não é algo fixo, estático e acabado; ela está em constante interação com a cultura e, logo, em constante processo de mutação.

Considerada esta condição, pode-se pensar na constituição histórica do sujeito, sendo relevante para os propósitos deste trabalho, uma reflexão sobre o casamento, à medida que o modo de vivê-lo também tem sofrido mutações. Sob esta perspectiva, o que se observa é que o modo de ser dos casais também varia de acordo com as diversas configurações culturais que se apresentam ao longo dos tempos.

Os agenciamentos coletivos de enunciação interferem na maneira como o sujeito percebe o mundo e comporta-se nele, assim como os sujeitos interferem nos processos de subjetivação, existindo uma interdependência entre eles.

[...] Não há subjetividade sem uma cartografia cultural que lhe sirva de guia e reciprocamente, não há cultura sem um certo modo de subjetividade que funcione segundo o seu perfil. A rigor, é impossível separar essas duas paisagens. (ROLNIK; GUATTARI, 2000, p. 29).

Quando nascemos e viemos ao mundo, já encontramos uma cultura e sistemas sociais aos quais nos integramos; existe uma herança cultural que

perpassa as gerações, mas não permanece estável, pois está em permanente processo de transformação. Cada momento histórico apresenta processos de subjetivação dominantes e, para compreender o modo como a cultura se manifesta no homem, é interessante abordar os processos de subjetivação dominantes nesta cultura, dado o engendramento entre o modo como eles se apresentam e os modelos culturais.

1.3 Modos de com-vivência: entre cultura e subjetividade.

O casamento é uma das instituições mais antigas do mundo civilizado, que vem sofrendo profundas mudanças socioeconômicas ao longo dos tempos, com conseqüentes alterações nas atitudes, comportamentos e modos de subjetivação dos indivíduos. Compreendendo que o homem é um ser no mundo e respondente àquilo que se apresenta e que constitui o seu modo de ser, convidamo-lo a um breve recorte histórico acerca da instituição “casamento” e de outros modos de situação conjugal e suas vicissitudes no decorrer dos séculos.

Segundo Costa (1999), na Idade Antiga (800 a.C.), as famílias se inspiravam no espírito de coletividade, pelo qual todos se ajudavam mutuamente; a mulher, tinha como função distribuir, organizar e realizar as tarefas domésticas, agrícolas e o cuidado com a prole. No entanto este cuidado era apenas inicial, pois, após um certo período, as crianças eram deixadas aos cuidados coletivos, voltando a mulher aos seus afazeres com a agricultura. As relações sexuais eram vividas com liberdade e o parceiro era aquele(s) por quem a mulher se interessasse. Sendo este período,

conhecido como Matriarcalismo. O foco era a reprodução livre para trabalhar e viver suas relações.

É ainda Costa (1999) que complementa dizendo que, como contraponto, na Grécia Clássica e na Roma Antiga, surge o modelo Patriarcal que consistia no domínio do homem apropriando-se da esposa e dos filhos: o homem passa a ser o responsável pela família; a mulher passa a ter a função de procriadora e educadora, tornando-se propriedade dos homens e pouco valorizada pelo marido; perde sua liberdade sexual para tornar-se procriadora e submissa, sendo dela exigida a fidelidade como garantia de uma prole legítima, que teria direito a herdar os bens conquistados, como uma forma de manutenção da família.

O casamento estava pautado na troca de dotes entre famílias, feito em função de interesses econômicos e políticos, não restando à noiva o direito de escolha com quem casar; casavam-se muito jovens e o sexo passou a ter a finalidade de reprodução, ou melhor, produção de herdeiros para garantir a transmissão da herança. Desta forma, o casamento era, acima de tudo, uma unidade econômica e de parentesco. O amor e o envolvimento não se constituíam como elementos de base legitimadora do casamento; ao contrário fundamentava-se na desigualdade de sexos e na posse legal das mulheres, pelos maridos.

Segundo Castells (1999), a sociedade Patriarcal era caracterizada pela autoridade do homem sobre a mulher e os filhos, no contexto familiar, como imposição institucional e legal; Assim, surge o casamento enquanto instituição normativa e moral. O homem tinha papel de provedor econômico e a mulher, de cuidadora do lar e dos filhos.

Se, no chamado período Matriarcal, o que prevalecia eram os princípios da comunidade e sua coesão, não havendo distinção entre público e privado, pode-se

dizer que, com o Patriarcalismo, esta distinção é inaugurada. Além disso, os papéis masculinos e femininos passam a ser bem delimitados, bem como os poderes conferidos a estes papéis que, uma vez definidos e instituídos, passam a ser normatizados.

Com o advento do Cristianismo (323 d. C), a instituição “casamento” passou a ter um significado sacramental, concebido como indissolúvel. Abre-se, portanto, espaço para uma outra dimensão do casamento, qual seja, a do sagrado, reforçando a institucionalização e a norma social. Além disso, alia-se ao casamento a noção de pecado e castigo e o adultério é compreendido como crime. A escolha do parceiro, ainda que pautada no princípio do dote, é referida pelos fundamentos da Igreja como uma ação de “livre consentimento”.

A religião passa a exercer um forte poder na relação entre o casal, expressa pelo primado “unidos até que a morte os separe”. Para o homem desta época, cabe a tarefa de prover condições materiais e financeiras para criar a família e, para a mulher, o “normativo”, o “destino”, está centrado na idéia de ter filhos com o marido e constituir uma família. Pensamos que, neste sentido, a mulher está fadada a um destino fechado e normatizado pela sociedade, cabendo-nos, pois, questionar o lugar ocupado pelo seu desejo? Desejo social? Norma social que impõe um desejo?

A finalidade do casal era a da procriação e da manutenção da família, independente dos sentimentos que os envolvessem. Acreditava-se que o amor se desenvolvia após o casamento e ao longo de uma vida em comum e, enquanto isso não acontecia, o amor era relegado a um segundo plano, pois a sua falta não era motivo de dissolução do casamento, à medida que o amor não era “condição” nem finalidade para que o casamento se mantivesse.

Tomado nesta perspectiva, o casamento era compreendido como um destino e não como uma destinação; isso porque, enquanto destinação, haveria lugar para o desejo, ao contrário do destino, que é algo já dado como condição, sem opção de escolha.

Percebe-se que, com a institucionalização do casamento, ele passa a ser carregado de normas e valores sociais, tais como a imposição à mulher de ter filhos e criá-los; o amor não era tão importante nem essencial nesta relação.

Segundo Jablonski (1998), “Até que a morte os separe” era uma realidade próxima até o início deste século, mesmo porque há que se considerar que as pessoas tinham vida mais curta que nos tempos de hoje. Para ele, a longevidade influenciou no casamento e, como na atualidade o tempo médio de vida dos indivíduos é bem maior, torna-se mais difícil atender a este ditame de convivência perene. O mesmo autor também faz uma reflexão acerca do “amor”, considerando-o como um dos aspectos que mais afetou o processo de mutação desta instituição na contemporaneidade. Se àquela época, se esperava que o amor se desenvolvesse no convívio, atualmente ele passa a ser condição para se estabelecer e manter uma relação amorosa. O amor passa a ser “norma”, “condição normativa” nos tempos atuais.

Na Idade Média (século V até séc XV), a vasta documentação existente atesta o alto grau de interferência exercido pela Igreja Católica na moral, na sexualidade e nas normas de comportamento como um todo das famílias cristãs. A situação conjugal não se modificou substancialmente, pois o modelo Patriarcal continuou em vigor, exceção feita ao surgimento do chamado “amor cortês”.

Definiu-se o amor cortês como aquele sentimento mágico, especial, que vai além dos ideais da beleza, caracterizando-se por uma alternância de dor e de

extrema felicidade. Entretanto só aos homens era conferido o poder de experimentar esse sentimento fora da relação conjugal, pois o que prevalecia era a manutenção dos interesses socioeconômicos como base dos casamentos, independente do prazer na própria relação conjugal. Para esse mesmo autor (JABLONSKI, 1998), foi o amor cortesão que deu origem ao que hoje denominamos de “amor romântico”.

No final do século XV e início do século XVI, deu-se o período de transição entre a Idade Média e a Idade Moderna. Com a revolução comercial surgiram idéias diferentes da visão do mundo medieval e a Igreja passou a ser questionada no seu poder absoluto.

A Idade Moderna passa a valorizar o sentimento de amor revestindo o casamento de toda uma aureola romântica. O sexo passa a não ser tão pecaminoso, homens e mulheres já podem associar sexo com amor, tendo a liberdade na escolha do cônjuge. Neste período, há uma ruptura do Catolicismo com o início da Reforma Protestante, trazendo consigo o respeito às diferenças, questionando-se as imposições da Igreja Católica e seus modos de opressão, levando a Igreja a se reconfigurar enquanto poder.

A partir dos séculos XVII e XVIII, a razão passa a ser colocada no centro do projeto da modernidade: o sentimento de amor se torna ridicularizado e o estilo de amor romântico repudiado. Surge o divórcio e a diminuição da desigualdade de direitos entre os sexos.

O Romantismo, como contraponto ao racionalismo, reivindica a retomada do amor, como protesto à razão e à moral vigente; considera o amor como uma força poderosa e uma finalidade nobre de vida. O ritual do casamento se instala, tendo seu início com o flerte, depois o namoro e, posteriormente, o noivado, culminando com o casamento. Outros sentimentos começaram a ter importância significativa

para o relacionamento entre os casais, tais como, o companheirismo mútuo, a amizade e a paixão.

No final do século XVIII e início do século XIX, a Revolução Industrial encontra-se em seu apogeu, marcando um período de muitas mudanças socioeconômicas. Surgem as máquinas, em paralelo aos avanços tecnológicos repercutindo de forma significativa na vida das pessoas. O modo de vida e a mentalidade de milhões de pessoas se transformam e o mundo novo do capitalismo, da cidade, da tecnologia e da mudança incessante cresceu. “A sociedade Moderna se caracteriza como uma sociedade de mudanças constantes e rápidas, abrangentes e contínuas, sendo também, uma forma altamente reflexiva de vida”. (BUCHER, 1999, p. 85).

O espírito de competição capitalista e o individualismo são despertados, assim como o trabalho, que, se antes era realizado em coletividade, passa a ser feito por pessoas distintas e especializadas através das divisões de tarefas; cada um busca o seu aperfeiçoamento para a realização de uma determinada tarefa.

Segundo Jablonski (1998, p. 50):

A maior mudança histórica nos valores familiares se deu no sentido da perda da visão coletiva para aquela ancorada no individualismo e nos sentimentos. Ênfase nas prioridades individuais e na intimidade, afeto e privacidade, como a maior razão de ser das relações familiares [...].

O que se percebe a partir desta breve cartografia é a ênfase no individualismo, produzindo subjetividades voltadas à busca da satisfação pessoal, pouco considerando o coletivo e a própria família. Da ética coesiva, pautada na busca do bem-estar da comunidade e em objetivos coletivos, passamos para uma

ética da eficácia e da excelência, cuja norma principal é o engrandecimento de si mesmo em detrimento de projetos sociais compartilhados.

1.4 Modos de com-vivência na contemporaneidade.

No casamento, o amor tornou-se prioridade em relação ao ato de procriar, sendo a atração romântica necessária para a escolha do cônjuge. A Modernidade (século XVII ao século XX), considerada a era do amor, privilegia a combinação de sexo, amizade, afeto e procriação na instituição do casamento.

Segundo Magalhães (2003), a conjugalidade estrutura-se a partir do encontro amoroso, considerando o pressuposto de que o amor, no Ocidente e na Modernidade, passou a compor o laço conjugal, percebido como fonte de motivação e de manutenção da instituição casamento. O ideal de felicidade conjugal no imaginário social relaciona-se ao ideal de amor correspondido e ao encontro da “cara-metade”.

Na metade do século XX, surge o movimento feminista: as mulheres alteraram seu status pessoal com direito a voto, ao trabalho e ao controle da natalidade. A mulher, por opção, começa a trabalhar fora de casa, buscando sua independência financeira, o que vai permitir que viva um casamento dissociado do sustento. Esse movimento em direção ao igualitarismo levou a uma gradual perda de força do Patriarcalismo. Além disso, o uso de anticoncepcionais contribuiu para desvincular o binômio casamento-procriação, ou melhor, sexo-procriação, associando o sexo, também, ao prazer.

Os papéis sexuais e as relações de gênero têm sofrido grandes alterações diante deste cenário. Segundo Margaret Movius (1976 apud JABLONSKI, 1998, p. 22):

Hoje, os filhos e a casa já não são mais, como eram, a razão de ser da mulher urbana, contemporânea [...]. Outras alternativas, em termos de ideais de realização e satisfação pessoal cresceram bastante em importância, diminuindo a disposição de se submeter aos sacrifícios impostos pela atual vida do lar.

Atualmente a maioria das pessoas sobe ao altar por amor, sendo que este passa a ser critério soberano de escolha conjugal. A cultura contemporânea vem valorizando o amor e a sexualidade, privilegiando a máxima de que “só o amor constrói”. Vivemos em uma cultura que valoriza a importância do amor e da paixão, numa visão hollywoodiana da afetividade. Desta forma, agora é o amor a “condição normativa” ou estabelecida como norma.

Os adolescentes aprendem, através de maciça doutrinação, que o amor funciona como uma espécie de crachá, que permite aos seus afortunados portadores entrarem em graciosos aposentos com vista permanente para um paraíso nupcial terreno. Faz parte deste pacote cultural a idéia de que um dia eles encontrarão um príncipe encantado (ou uma princesa encantadora), com todas as qualidades possíveis e imagináveis; uma alma gêmea com a qual compartilharão dias dourados pelo resto de suas vidas, criando nos indivíduos uma expectativa muito difícil de ser alcançada.

Ganham ênfase os aspectos emocionais de intimidade e privacidade, em detrimento de uma vida mais coletiva. Se esta mudança de valores teve seus méritos em termos de aumento das liberdades individuais, em compensação, veio

privilegiar um individualismo exacerbado que acaba contribuindo para isolar os próprios parceiros.

Percebe-se o quanto as subjetividades se constituem e se expressam, hoje, em um espaço repleto de paradoxos. Por um lado, a negação do outro, através de uma afirmação de auto-suficiência e exaltação de si; por outro, o sofrimento e a dor gerados pelo esvaziamento das relações, em um palco onde se exultam as exterioridades e os papéis multifacetados.

Hodiernamente podemos perceber, nas relações conjugais, alguns fenômenos ditos Pós-Modernos: o número reduzido de filhos, com a predominância de famílias nucleares; a coabitação e a união consensual, que passaram a ter um aumento significativo na sociedade; um maior número de pessoas vivendo sozinhas. Com o aumento de separações e divórcios, percebe-se, também, um crescimento das famílias recasadas e monoparentais, tendo a mulher como chefe da casa.

Segundo Diniz (1999), acompanhamos, nos últimos 40 anos, como a impessoalidade relativa da vida urbana, bem como as mudanças quanto ao significado de família, casamento e de moralidade, foram responsáveis por abrir espaço para a reorganização dos valores sexuais e para a reconstrução dos papéis de gênero. Vimos como os movimentos feministas, considerados como um dos fatores de decréscimo da força da autoridade patriarcal, contribuíram para o questionamento das noções tradicionais de gênero e sexualidade, levando mulheres e homens a transformarem seus modos de vida.

As pessoas, na nossa sociedade, têm confundido muito a noção de individualismo com individualidade. Explanarei a seguir uma perspectiva da individualidade, segundo Giddens (1993), para quem ser autônomo e independente é ter condições de se relacionar com outras pessoas de modo igualitário.

Para Giddens (1993), o reconhecimento das potencialidades individuais não é necessariamente uma ameaça à relação, e a comunicação aberta e livre entre os membros do casal é uma condição necessária para a intimidade e a qualidade da interação conjugal. Nesse contexto, a intimidade é entendida como uma abertura para o outro, uma disponibilidade para a troca e uma explicitação dos limites pessoais de cada um. Tal intimidade, para ser alcançada, depende, essencialmente, da igualdade entre os parceiros e de uma comunicação emocional de cada um consigo mesmo e com o outro.

ser autônomo e independente também é necessário para o crescimento do indivíduo; ser independente é respeitar a si e ao outro, é saber se relacionar com os demais e se desenvolver na relação com o outro, influenciando e sendo influenciado pelo mesmo. (GIDDENS, 1993, p. 87).

Para o mesmo autor, nas relações atuais, preponderam o culto ao eu individual, a negação do outro, através de uma afirmação de auto-suficiência, e a exaltação de si. Para ele, autonomia é reconhecer suas capacidades e limitações; é estar consciente de suas características individuais que o fazem diferente dos demais, configurando a idéia de ser único e exclusivo no universo; é respeitar os outros e acreditar que é, na relação com o outro, que ele pode amadurecer e crescer como pessoa.

O Individualismo visa às suas próprias necessidades, sem respeitar nem se interessar pelo outro, pois acredita que o outro é desnecessário para seu desenvolvimento. É como se o Individualismo absoluto negasse a necessidade do coletivo e da cooperação e do “**ser-com**” os outros.

O indivíduo tem autonomia e responsabilidade para rever e criar novos valores de sua cultura. Observar e questionar os valores culturais cria mais afinidade do indivíduo com o que está sendo modificado.

Carretero (2001, p. 126) complementa que

Os indivíduos são produtos da história ao mesmo tempo buscam ser atores da mesma. Em toda trajetória social há uma tensão constante entre o sujeito, produto da história e o agente de historicidade.

Segundo Hall (2003), a globalização vem produzindo um conjunto de impactos sobre as identidades com conseqüências que podem ser analisadas de três formas: uma delas é que as identidades locais ou particulares estão sendo reforçadas pela resistência à globalização; um outro desdobramento provocado pela globalização seria a desintegração das identidades locais como resultado do crescimento da homogeneização cultural, e, um terceiro aspecto, assinalando também que as identidades locais estariam em declínio, mas novas identidades-híbridas estão tomando seu lugar criando uma multiplicidade identitária.

Alguns teóricos da cultura argumentam que a tendência em direção a uma maior interdependência global está levando ao colapso de todas as identidades culturais fortes e está produzindo uma fragmentação de códigos culturais, multiplicidade de estilos, ênfase no efêmero, no flutuante, no impermanente, na diferença e no pluralismo cultural. Nesta direção, as identidades têm-se tornando desalojadas de tempo, lugares, histórias e tradições, acarretando, por um lado, a quebra de todas as referências já conhecidas e, por outro, a apresentação de uma pluralidade de modelos novos, cedendo lugar para as angústias, pois, no intuito de manter antigas referências, os indivíduos sentem-se pressionados a aderirem a novos modelos, existindo uma tensão entre o “novo” e o “velho”. Há uma fascinação

com a diferença e, ao mesmo tempo, uma tendência em direção à homogeneização global.

Hall (2003) conclui, ao menos provisoriamente, segundo ele, que a globalização acarreta contestar e deslocar as identidades centradas e fechadas de uma cultura local, tendo um efeito pluralizante sobre as identidades, produzindo uma variedade de possibilidades.

Para o mesmo autor (HALL, 2003), o cidadão individual tornou-se enredado nas maquinarias burocráticas e administrativas do Estado Moderno, pois a mesma globalização que intensifica as misturas e pulveriza as identidades implica, também, a produção de perfis-padrão a serem consumidos pelas subjetividades. Transformações que esvaziam de sentido as figuras vigentes lançam as subjetividades no estranho e forçam-nas a reconfigurarem-se, criando um grande desassossego nos indivíduos que se sentem vazios de sentidos, o que é vivido, muitas vezes, como uma experiência insuportável. As subjetividades são tomadas pela sensação de fracasso, despersonalização ou até enlouquecimento, retrato que reverbera na clínica psicológica, fazendo-nos pensar acerca das repercussões da cultura e dos modos de subjetivação vigentes.

Como podemos, então, nos singularizar neste cenário cultural que se apresenta? De um lado, é como se não pudéssemos ser individuais, pois estamos em todos os momentos no social e interagindo com outros; de outro, procuramos nossa singularidade, negando muitas vezes o coletivo; em meio a tantos paradoxos, como não sermos assujeitados, modelados, normatizados e massificados pelas imposições sociais? De outro modo, como não desenvolver o individualismo, como preservar nossas identidades locais, sem negar a pluralidade de identidades produzidas pela globalização? Por fim, como viver numa cultura de massa, em um

modo operante capitalista, sem nos perdermos nas referências e desejos que nos são impostos?

Segundo Giddens (2000), a globalização está reestruturando o modo como vivemos, os efeitos do mercado global contribuem para o estresse e as tensões que afetam os modos de vida e as culturas tradicionais na maior parte das regiões do mundo; as tradições estão mudando; a família, a escola e a religião estão também passando por transformações de vulto. Para ele, a globalização tem algo a ver com a tese de que agora vivemos todos num único mundo, sem fronteiras – será essa idéia realmente válida? Ele acredita que a maioria das pessoas pensa que a globalização está retirando poder de comunidades locais e nações para transferi-los para a arena global, sendo realmente esta uma de suas conseqüências, mas, ao mesmo tempo, por um movimento de resistência à globalização, têm ressurgido culturas locais fortificadas como uma forma de se proteger da onda global, estabelecendo uma luta entre dependência e autonomia.

Para o autor acima citado (GIDDENS, 2000), estas mudanças têm repercutido no modo de subjetivação dos indivíduos, não podendo deixar de enfatizar aquelas que acontecem em nossas vidas pessoais: na sexualidade, nos relacionamentos, no casamento e na família. A família tem sido o local para as lutas entre tradição e modernidade. Há talvez mais nostalgia em torno do santuário perdido da família do que em qualquer outra instituição com raízes no passado.

1.5 Como “ser-si-mesmo” e “ser-com” neste cenário cultural.

Quando começamos a pesquisar e a revisitar a história do casamento na sociedade Ocidental, observamos uma escassez de bibliografia sobre a conjugalidade como um modo de “**ser-com**”. Têm-se muita bibliografia acerca do **casamento**, aquele tradicionalmente concebido e pouco se fala dos outros modos de “**ser-com**” em situação conjugal, seja ela legalizada ou não. Percebe-se uma ênfase no casamento tradicional.

Este trabalho não tem a pretensão de tomar o casamento legalizado como foco. Ao contrário, procuraremos falar sobre a conjugalidade, enfatizando, assim, a relação conjugal e não o casamento. Entendemos relação conjugal a partir da perspectiva adotada por Vitale (1999, p. 3) “A relação conjugal é a relação de duas pessoas que se apresentam como casal e não apenas aquela considerada legal do ponto de vista jurídico”. Desse modo, o casamento será contemplado nesta pesquisa, embora não visto como único modo de relação conjugal.

Segundo Kingma (2003), o casamento é compreendido como um modo convencional de relação conjugal, podendo haver outras possibilidades de relacionamentos. Segundo este autor, somos educados para considerar o casamento tradicional como a única relação respeitável, porém despertamos para a descoberta de que não existe uma única forma de se estar na relação conjugal.

Ainda para Kingma (2003), a nossa cultura é uma cultura casamenteira e, sendo assim, o casamento é o retrato tradicional que temos de uma relação, não sendo aceitável não querer casar ou não ter uma relação afetiva com alguém.

Simmel (1950 apud FERES-CARNEIRO, 2001) aponta para as sérias conseqüências que o ideal de casamento moderno pode trazer, em que se deseja o outro por inteiro e pretende-se penetrar em sua intimidade por completo. Neste sentido, há um aumento das expectativas, uma extrema idealização do outro e uma superexigência consigo mesmo, provocando tensão e conflito; ressalta que as tensões existentes entre individualidade e conjugalidade no casamento contemporâneo contribuem para a dificuldade de se ser casal.

As características individualistas do casal contemporâneo são enfatizadas por Singly (1993 apud FERES-CARNEIRO, 2001), que aponta para a existência de uma grande atenção dispensada à qualidade das relações interpessoais nos espaços conjugais. No mundo contemporâneo, homens e mulheres organizam suas vidas a partir da reivindicação por um lugar próprio, desvalorizando o lugar da dependência. O compromisso nestas relações é o de sustentar o desenvolvimento individual, e a relação se mantém enquanto for prazerosa e útil para ambos. Todavia, paradoxalmente, quanto maior a busca de autonomia individual no seio do casamento, menos se compartilha, se divide e se respeita o outro em sua individualidade como um diferente.

Todas essas discussões trazem o mesmo questionamento: como “ser-si-mesmo” e “ser-com” neste cenário cultural?”

As transformações sociais pelas quais o casamento tem passado, geram, muitas vezes, confusão e ansiedade para os cônjuges que, diante de uma pluralidade de modelos de conjugalidade e na falta de referências sólidas, têm que construir suas próprias referências.

Atualmente estamos muito mais próximos do casamento como bem-estar e satisfação do indivíduo, haja vista as inúmeras formas de casamento que vêm sendo estabelecidas neste último século.

Há aqueles que vivem juntos sem nenhum tipo de contrato legal e formal, no entanto obedecem a regras de um compromisso mútuo. Há aqueles que vivem em casas separadas, acreditando ser esta a forma de manterem a sua individualidade e há aqueles que casam como manda a tradição e, no entanto, modificam e alteram as regras conforme a convivência do casal. Observamos, portanto, que não há uma única forma de se estar casado.

Prado (1999) conta uma história, que citaremos a seguir, para ilustrar a dificuldade em lidar com a conjugalidade neste cenário tão individualista. Parece que existe uma contradição entre as pessoas, ao mesmo tempo em que não querem viver sós, também não conseguem estar juntas.

ENCONTRO DOS MITOS DE ECO COM NARCISO²

Um dia, ela o viu e apaixonou-se por ele, seguindo-lhe os passos. Desejava imensamente dirigir-lhe a palavra, dizer-lhe coisas gentis e conquistar seu coração, mas isto estava fora de seu alcance. Esperou, então, com impaciência, que ele falasse primeiro, para que pudesse responder-lhe. Certo dia, tendo-se separado de seus companheiros, ele gritou bem alto:

- “Tem alguém aqui?”

- “Aqui?”, respondeu ela.

Ele olhou em torno e como não via ninguém, gritou: - “Vem!”

- “Vem!”, respondeu ela.

- “Porque foges de mim?”, perguntou ele. E ela respondeu com a mesma pergunta.

- “Vamos nos juntar”, disse ele, e ela repetiu, com todo ardor, as mesmas palavras, correndo para junto dele, mas ele, horrorizado, então ordenou-lhe que se afastasse, dizendo:

- **“Prefiro morrer a deixar-te possuir-me!”³**

- “Possuir-me disse ela!”, disse ela.

Foi tudo em vão: ele fugiu e ela foi esconder-se. (PRADO, 1999, p. 150, pontuação do autor).

² Grifo e sublinhado nosso.

³ Grifo do autor.

A partir das reflexões aqui propostas, esboçadas nesta breve cartografia, algumas questões nos parecem relevantes e pertinentes: como se vem construindo, neste cenário, a experiência de “ser-si-mesmo” em situação conjugal? como viver a dois respeitando as individualidades, nesta sociedade em que o individualismo está bastante exacerbado?

Considerando-se que a cultura e o processo histórico repercutem na maneira como as pessoas vivem determinadas situações, passaremos agora a buscar compreender como a cultura interfere nas subjetividades dos indivíduos, de forma mais pontual na experiência subjetiva de “ser-si-mesmo” em situação conjugal. Quais os modos de subjetivação que se vêm configurando e como esses modos têm se apresentado à clínica? Para tanto, recorreremos a alguns autores que vêm discutindo modos de subjetivação e suas repercussões na clínica psicológica.

Na inter-relação cultura-indivíduo, configuram-se modos de subjetivação ou várias formas de configurações familiares e experiências subjetivas conjugais, interferindo/ construindo/ desconstruindo os modos de ser, agir, pensar e sentir dos indivíduos.

No entanto, tal como lembra Jurandir Freire Costa (1999), as mudanças culturais são mais rápidas que as mudanças subjetivas, fenômeno que, sem dúvida, produz impactos nos indivíduos e gera um conjunto de sofrimentos que acabam por habitar a clínica.

Não ao acaso, alguns autores vêm chamando atenção para as mudanças que a clínica vêm enfrentando e os concomitantes desafios que as configurações contemporâneas lhe vêm fazendo. Basta lembrar, apenas, a título de exemplo, que, enquanto no século XIX predominavam as neuroses, hoje estão presentes, na

clínica, sofrimentos vinculados às dificuldades de relacionamento interpessoal, conjugal, vidas afetivas esvaziadas etc. Sem dúvida, a experiência da conjugalidade não está à margem deste processo, razão porque a abordaremos articulando-a aos modos de subjetivação e suas ressonâncias na clínica.

2 MODOS DE SUBJETIVAÇÃO E CLÍNICA.

2.1 “Ser-com”: condição humana.

Nos acontecimentos da vida diária, podemos evidenciar o quanto estamos implicados no mundo. Para sabermos quem somos, precisamos, de certo modo, contextualizar-nos existencialmente, pois a singularidade de cada um de nós se configura a partir dos acontecimentos que vivemos no mundo. Sem dúvida, uma tal visão ancora-se num modo de compreensão acerca da condição humana, pela qual busca-se encontrar os modos como esse humano se mostra dando-se a conhecer. Nesse sentido, será empreendida, aqui, uma tentativa de compreensão do fenômeno humano, recorrendo-se à perspectiva fenomenológica existencial como forma de iluminar a questão do “ser-com” no homem.

Sob essa ótica, o modo humano de ser aponta, como condição da existência, que o homem é “ser-no-mundo-com-outros”, implicado e imerso que está por sua contextualização no mundo entre outros homens: somos seres com família, na escola, no trabalho, entre outras das formas possíveis do habitat humano. É por ser imerso nessa trama de significados que o “ser-si-mesmo” constitui-se singular a partir de registro coletivo. Desta forma, o modo originário de ser é compreendido como sendo o de um ser lançado em direção ao que a ele se apresenta dada essa sua propriedade de abertura ao que o interpela.

Uma tal maneira de ser implica desalojamento e desamparo desde que nascemos; nosso estar no mundo demanda inevitavelmente poder conhecê-lo e a

nós mesmos através situações nas quais somos "atirados". Sendo essa uma necessidade originária, compreende-se que estar em situação é condição para o ser humano encontrar-se no mundo com outros, constituindo-se cada homem como singularidade própria no percurso de sentido de existir. Dessa forma, "ser-si-mesmo" "sendo-com" diz de um ser em lançamento, como pro-jecto, originariamente descentrado e deslocado, demandando-se a tarefa de cuidar de ser sendo desalojado. Tal condição desnuda a presença de uma angústia originária nessa mesma tarefa: não ser mais o que já foi mas também não ser ainda o que pode ser.

O primordial ser-no-mundo não é uma abstração, mas uma ocorrência concreta; acontece e se realiza, apenas, nas múltiplas formas peculiares do comportamento humano e nas diferentes maneiras dele relacionar-se às coisas e às pessoas. 'Ser' não é uma estrutura ontológica existindo em algum supermundo que se manifesta uma vez ou outra na existência humana. Ser-no-mundo consiste na maneira única e exclusiva do homem existir, se comportar e se relacionar às coisas e às pessoas que encontra [...]. (BOSS, 1963, p. 34).

Vattimo (1987), valendo-se do pensamento de Heidegger, afirma que no mundo contemporâneo "ser-com" muitas vezes se confunde com ser igual ao outro, se assujeitar ao que o outro quer, ser como o outro gosta, ocultando, assim, diferenças possíveis. Desse modo, estar no mundo é ser lançado, ao mesmo tempo, à tarefa de "ser-si-mesmo-sendo-com", implicando que a experiência com a alteridade se faça presente ao si mesmo, como uma intrincada trama de significados.

Essa constituição em meio ao "emaranhado" surge pelo modo de "ser-com" na família. Assim, o ser humano só pode ser pensado se contextualizado. Desarticulado do ser no mundo entre outros, não há homem, nem história, nem experiência a ser elaborada, nem passado e nem sonhos como futuro.

Ser-no-mundo-com-outros é estrutura originária, não podendo ser decomposta em elementos isolados. Entretanto, tal estrutura primordial pode ser visível, descrita e compreendida em diferentes momentos constitutivos, sendo, assim, possível perceber-se o mesmo eixo norteador por entre os vários modos de ser que se apresentam pelo caminho do existir de uma singularidade. É desse modo que podemos compreender a condição humana: pelas diferentes maneiras do homem existir no mundo.

Forghieri (1993), apoiando-se em Binswanger, distingue três esferas de relação do homem com o mundo: o mundo mundano, o mundo humano e o mundo próprio. O primeiro mundo – mundo mundano - diz respeito à relação que o homem estabelece com o ambiente, que por sua vez, abrange as coisas, as plantas e os animais, suas necessidades e o clima. Para essa autora, o homem percebe coisas a partir do sentido que a elas atribui e não por aquilo que são em si mesmas.

O âmbito da relação do mundo humano diz respeito ao encontro e convivência da pessoa com os seus semelhantes. A relação do homem com outros seres humanos é fundamental em sua existência; desde o nascimento ele se encontra em situações que incluem a presença de outro. Sendo assim, o mundo é sempre compartilhado com outros. É a essa experiência que nos propomos a buscar compreender, pois na dimensão da concretude do ser humano, essa condição originária ocorre como experienciar-se em relação a algo e a alguém.

Assim, a terceira esfera da relação homem-mundo, como citada por Forghieri, refere-se a essa experiência. Consiste no contato que o indivíduo estabelece consigo, seu ser-si-mesmo, denominado como mundo próprio. O ser-si-mesmo não consiste num ensimesmamento, pois o homem é um ser-no-mundo-com, mas significa dizer que é sempre uma pessoa singular em relação a algo ou a alguém.

Ainda, segundo Forghieri (1993), o homem dispõe, em sua existência, de uma ampla gama de possibilidades para escolher suas relações com o mundo. É pela tarefa do “ser-si-mesmo” que se faz possível perceber-se abrindo caminhos entre essas inúmeras e variadas possibilidades. Para conhecer e realizar o que precisamos, ou seja, sermos nós mesmos, demanda compreender-se imerso numa rede de significados, significações, situações e outros significantes e significativos. Uma complexidade de articulações é como se revela o modo humano de ser-no-mundo-com-outros.

2.2 Encontrar-se: experienciando “ser-com” e “ser-si-mesmo”.

Uma vez compreendido que é na articulação entre “ser-com” e “ser-si-mesmo” que se apresenta a possibilidade de compreender-se esse modo complexo de ser do homem iluminado pela fenomenologia existencial, passamos agora a buscar uma aproximação possível na dimensão do psicológico. Isso implica atentar ao espaço de “experienciação” do “ser-si-mesmo” e do “ser-com” concreto de um sujeito, no qual possa evidenciar-se essa experiência em ação. O termo experienciação, traduzido por alguns autores ao que Gendlin denominou “experiencing”, é questionado por Morato (1989), à medida que procura a tradução do termo no que diz respeito a usar-se de um substantivo ou de um tempo verbal. Nesse sentido, a tradução mais exata ao que Gendlin chamou “experiencing” seria experienciando, pois, segundo Morato (1989), pelo gerúndio transmitir-se-ia a idéia de ação, de movimento. Logo a

tradução mais próxima ao que Gendlin quis dizer seria “experienciando”, como tempo verbal, e não “experencição”, como substantivo.

Experienciando, para Gendlin (1962 apud Morato, 1989, p. 77, aspas do autor), “é uma dimensão subjetiva de eventos; refere-se ao que a pessoa ‘conhece’ intimamente”. O sujeito vive em seu mundo experienciando, construindo seu espaço subjetivo e olhando para o mundo a partir dele e através dele. Poderíamos entender experienciando como aquilo que acontece a partir da condição originária de ser no mundo com. É por esse modo aberto de ser que mundo e outros são necessariamente constituintes de modos de subjetivação de “ser-si-mesmo”.

Por Gendlin, Morato (1989) reflete que o experienciando diz respeito a sentimentos e sensações que surgem enquanto está se fazendo uma experiência; ou seja, experienciar algo implica a abertura da via afetiva⁴ que, tendo sido interpelada a responder ao que se apresenta, dispõe-se a sentir como via de acesso à criação de sentido ou elaboração dessa experiência. Assim, o experienciando implica uma articulação entre significado e sentido da experiência, ao que Gendlin chamou de “felt meaning” traduzido como *significado sentido* por Morato (1989, p. 82). Considera que “o experienciando ocorrendo em situações, refere-se a que sua organização ocorra tanto pela história evolucionária do corpo quanto pela cultura e situações, em parte organizadas pela linguagem”.

Nessa direção, apresenta-se como espaço intersubjetivo, através do qual uma compreensibilidade entre significados e sentido (experienciando) articula-se como elaboração de experiência ao humano. Assim, é pelo modo de abertura do homem para constituir-se no espaço intersubjetivo que ocorre a compreensibilidade para articular significados e sentido fazendo-se experiência para o encontrar-se consigo

⁴ Afetiva, aqui, se refere a ser afetado, tocado, marcado.

mesmo em presença de situação com outros, pela possibilidade da comunicabilidade dessa compreensão. É no encontro entre objetividade e subjetividade que uma intersubjetividade "constitui significados privados que podem ser comunicados e compreendidos". (GOMES, 1983 apud MORATO, 1989 p. 80).

Sentirmo-nos a nós mesmos vivendo afetações em situações com outros, implicitamente compreendendo *como* e *o que* estamos fazendo (*significados sentido*), podendo comunicarmos essa experiência compreendida entre mim e outros, seriam, para Gendlin (1978/79), as dimensões do experienciando, a partir do que Heidegger chamou de "Befindlichkeit". Refere-se à condição existencial como "experienciando-com-outros-no-mundo". Neste sentido, a experiência depende de nós tanto quanto da situação (o mundo), do outro, do social, do coletivo. Vivemos no espaço da afetabilidade, à medida que afetamos e somos afetados pelos outros. Além de sermos afetados e de nos afetar, buscamos uma compreensibilidade através da intersubjetividade, possibilitando comunicarmo-nos através da linguagem. Assim, Befindlichkeit refere-se às dimensões consideradas por Heidegger (1927, apud GENDLIN, 1978/79) como *existenciais* próprios da condição humana: *afetabilidade, compreensibilidade e comunicabilidade*.

Para Morato (1989), buscar em Heidegger o significado do conceito de "Befindlichkeit" foi o modo que Gendlin (1978/79) encontrou para mais pertinentemente expressar o significado de *experienciando*. Segundo ele, *Befinden* é um verbo em alemão que poderia ser expresso por perguntas que conduziriam o sujeito a refletir sobre seu estar no mundo, ou seja, a como se encontra situado em seu viver. Refere-se, enquanto verbo, a conduzir a pessoa indagada a necessariamente realizar uma ação de experienciar procurar a si mesma, considerando como se percebe entre as coisas e outros em meio às quais se situa,

levando a questionar-se quanto a sua situação entre as circunstâncias de seu viver para poder situar-se a si mesma ou *encontrar-se*.

Befindlichkeit é um conceito relacional entendido como condição existencial “sendo-no-mundo-com-outros”, implicando uma disponibilidade para acessar a si mesmo junto aos outros e encaminhar compreensibilidade, cuja interpretação poderá ser comunicada. Esse dizer permite ao homem localizar-se a si mesmo no mundo com outros, pois dizer como se situa implica ação de autorizar-se desde seu lugar próprio: seu ser *autêntico*.

Significado sentido- ou sentido- vai sendo formado, na complexidade relacional do experienciando; ou seja, é na interligação simultânea implícita entre o que é sentido, compreendido e articulado que o sentido se cria. Significados não são nem conceitos em si, nem experiência em si. Vão ocorrendo na articulação relacional do experienciando. (MORATO, 1989, p. 87).

O sentido de si mesmo entre as coisas no mundo com outros acontece como modo singular de experienciar *encontrar-se* pela articulação entre afetabilidade, compreensibilidade e comunicabilidade realizadas por cada homem.

2.3 Os modos de subjetivação na contemporaneidade.

Contemplando a forma como vem sendo conduzida estas tentativas de aproximação entre modos de subjetivação e clínica, exploramos agora uma outra perspectiva de compreensão de modos de subjetivação: refere-se à articulação entre cultura e constituição da subjetividade. Para isto, recorreremos a autores que se orientam por essa ótica, tomando como foco Birman (2000 a, 2000 b), para dialogar

com questões e autores por ele referidos quanto à relação entre subjetividade e alteridade.

Para Birman (2000b), a sociedade contemporânea configura alguns modelos de subjetividades que estão presentes no imaginário social, entendendo que existem alguns estilos de subjetividades que são privilegiados. Propõe pensar dois tipos ou modelos de subjetividades dominantes na contemporaneidade. Um primeiro, cunhado por Debord no final dos anos 60, como “Sociedade do Espetáculo” e um segundo modelo, que Lasch, em 1984, chamou de “Cultura do Narcisismo”.

O conceito de espetáculo unifica e explica uma grande diversidade de fenômenos aparentes. Suas diversidades e contrastes são as aparências dessa aparência organizada socialmente, que deve ser reconhecida em sua verdade geral. Considerado de acordo com seus próprios termos, o espetáculo é a afirmação da aparência e a afirmação de toda vida humana – isto é, social – como simples aparência. (DEBORD, 1997, p. 16).

Segundo Debord (1997), o espetáculo é a principal produção da sociedade atual, em que as pessoas valorizam as aparências, pois “o que aparece é bom, o que é bom aparece”, havendo uma

degradação do ser para o ter. A fase atual, em que a vida social está totalmente tomada pelos resultados acumulados da economia, leva a um deslizamento generalizado de ter para o parecer, do qual todo ‘ter’ efetivo deve extrair seu prestígio imediato e sua função última. (DEBORD, 1997, p. 18, aspas do autor).

Ainda segundo este autor, as relações sociais passaram a ser mediadas por imagens e representações, considerando que “o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens”. (DEBORD, 1997, p. 14). Além destas características, esta sociedade leva os indivíduos a viverem numa espécie de êxtase do espetáculo permanente, em que as

subjetividades estariam expostas, atendendo à performance permanente do espetáculo.

Debord (1997) considera que o espetáculo se apresenta como um pseudo instrumento de unificação, pois é um lugar comum para todos serem iguais, ao mesmo tempo que leva a um isolamento entre os indivíduos. “A vedete do consumo, embora represente exteriormente diferentes tipos de personalidade, mostra cada um desses tipos como se tivesse igual acesso à totalidade do consumo, e também como capaz de encontrar a felicidade nesse consumo”. (DEBORD, 1997, p. 40). Levando muitos a experimentarem sentimentos de solidão, desamparo e angústia, pois todos os bens selecionados pelo sistema espetacular servem como “reforço constante das condições de isolamento das ‘multidões solitárias’”. (DEBORD, 1997, p. 23).

A cultura do narcisismo caracteriza-se, segundo Birman (2000b, p. 25), “pela impossibilidade de poder admirar o outro em sua diferença radical, já que não consegue descentrar de si mesmo”. O autocentramento, aliado ao desaparecimento da alteridade como valor, foi considerado por Lasch (1984, p. 166), como traço fundamental da cultura do narcisismo: “O que importa para a individualidade é a exaltação gloriosa do próprio eu”.

Para Birman (2000b), a sociedade atual conjuga tanto as características da sociedade do espetáculo como a da cultura do narcisismo e, nesta, o sujeito vive “em torno de seu umbigo”, não conseguindo enxergar nada além da “ponta do seu nariz”, perdendo, conseqüentemente, qualquer *noção de alteridade*. Constrói sua existência no plano do espetáculo, preocupado em robustecer e inflacionar o seu eu. Para esse sujeito, o outro serve apenas como uma espécie de apêndice para sua existência, como veículo – instrumento de expansão das fronteiras do seu EU. O

espaço da interioridade cede lugar para o espaço da exterioridade, o espaço do espetáculo.

Ainda segundo este autor (BIRMAN, 2000b), algumas psicopatologias atuais refletem os modos de subjetivação tanto da sociedade do espetáculo quanto da cultura narcísica. Neste sentido, faz algumas considerações acerca da depressão e do pânico, sofrimentos muitos comuns na clínica contemporânea. Esta sociedade exige um “sujeito cheguei” sendo a incapacidade dos depressivos e panicados a de corresponder a essa exigência. O panicado vive o pânico permanente de se expor a uma situação do espaço público, de se colocar sob o olhar dos outros; o deprimido, por sua vez, é aquele que sofre de um excesso de interioridade, não tendo capacidade de ocupar o lugar da exterioridade.

Neste contexto, a mídia se destaca como instrumento fundamental para exaltação do eu, produzindo, segundo Birman (2000b, p. 167), uma *cultura da imagem*: “A cultura da imagem é o correlato da cultura da estetização do eu [...] O sujeito vale pelo que parece ser, mediante as imagens produzidas para se apresentar na cena social”. A exibição se transforma no lema essencial da existência; destaca-se para o indivíduo a exigência infinita da performance, confundindo o “ser-com” com parecer, ou melhor, com aparecer. “Nesta performance, marcada pelo narcisismo funesto em seus menores detalhes, o que importa é que seu eu seja glorificado, em extensão e intenção”. (BIRMAN, 2000b, p. 168).

Neste contexto cabe questionar o lugar da alteridade. Como pensar a experiência de ser-com se ela exige, necessariamente, um olhar para o outro reconhecendo-o como parte sua, mas radicalmente diferente de si? Como cultivar a

própria imagem em um cotidiano marcado, em tese pela necessidade de projetos compartilhados? Como viver a experiência da conjugalidade nesta cultura narcísica?

Nesta direção, Birman (2000b) refere-se a uma desvalorização das instituições políticas na contemporaneidade, pois o sujeito passa a ser o grande centro de referência e controle social, instituindo-se no lugar do poder. Assim, uma série de instituições, que configuravam o quadro de funcionamento social e produziam um determinado tipo de subjetividade, encontram-se, atualmente, em uma espécie de limite em seu modo de funcionamento, pois, se antes funcionavam como instâncias disciplinares, hoje, pela perda do referencial político e, como consequência, a perda do poder simbólico das instituições, há um retorno a uma espécie de individualismo, egocentrismo, narcisismo.

A imagem é, pois, condição sine qua non para o espetáculo na cena social e para a captação narcísica do outro. A imagem é a condição de possibilidade da sedução e do fascínio, sem a qual o ideal de captura do outro não pode jamais se realizar nesse festim diabólico de exibicionismo. (BIRMAN, 2000b, p. 188).

Em termos de produção da subjetividade, isso tem levado a experiências de sofrimento, ao aumento do sentimento de desamparo, excessiva angústia que mal o sujeito consegue nomear, sofrimentos que constituem, na atualidade, o centro para o qual se tem voltado o que poderíamos chamar de cuidado clínico. Para Birman (2000b), o problema central que atravessa a clínica e todas as ciências humanas é o problema da *construção da identidade*, havendo, segundo sua ótica, uma espécie de fragilidade identitária. Tece uma crítica ao funcionamento das instituições psicológicas que privilegiam uma escuta excessivamente individualizante, narcisante dos pacientes, acreditando que este modo é produtor de doenças. Nesta direção, Birman (2000b), lança mão do termo; utilizado por Foucault (1979 apud Birman,

2000b), “micropolítica” e refere que a clínica deveria retomar o seu exercício em qualquer nível. Entende a clínica como uma forma de micropolítica, voltada tanto para psicologia individual como coletiva, à medida que o indivíduo se constitui numa teia de relações com os outros, ou seja, se constitui a partir de determinados processos coletivos de enunciação, que ele chama de referências institucionais. Refere-se a Foucault, quando diz que o sujeito não é dado; ele é produzido a partir de determinadas formas de subjetivação, que passam por uma gestão constante no plano social e institucional.

Neste sentido, fica cada vez mais evidente a produção de subjetividades na ordem do coletivo. Há um aspecto político e social que precisa ser considerado em nossa prática clínica que, ao nosso ver, nem sempre é objeto de reflexão e que parece incidir na própria compreensão que se tem acerca da subjetividade. Esta, muitas vezes, é tratada como sinônimo de psiquismo e interioridade o que justificaria a prática de uma clínica ainda individualizante.

Birman (2000b) faz referência a uma gestão entre subjetividades, que são normas produzidas por um acordo entre sujeitos, num determinado campo histórico e social, e marcado pela provisoriedade e pela conciliação de opostos. Gestão entre subjetividades também pode ser associada à própria condição de casamento, podendo compreender esta instituição como um acordo provisório de conciliação de opostos, produzido entre intersubjetividades, num determinado campo histórico e social. Como são acordos entre intersubjetividades em processo de transformações, daí suas mutações, tanto na forma de concebê-los como de vivê-los ao longo dos tempos.

À medida que a construção da subjetividade incide na formação das identidades dos sujeitos, faremos uma breve exposição acerca da construção da

identidade no cenário contemporâneo. Esta questão, discutida por vários autores, tem sido apontada como o centro de uma problemática, visto que consideram que estamos vivendo uma “crise de identidade”.

Para Hall (2003), a crise de identidade é parte de um processo mais amplo de mudança que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. Para ele, as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno.

Birman (2000a) aponta para uma fragilidade identitária, acreditando que este é o ponto central que atravessa a clínica psicológica como já apontado anteriormente. Para ele, o que caracteriza o modelo de subjetivação contemporânea, promovido pela cultura do narcisismo e pela sociedade do espetáculo, é a auto-suficiência, chamada por ele a “ética da auto-suficiência”; como contraponto, elege a “ética da fraternidade” como opção para se questionar a auto-suficiência do mundo de hoje.

A “ética da fraternidade” supõe a existência de um sujeito incompleto e precário, que tem a capacidade de reconhecer os limites de sua auto-suficiência, sendo, pois, pelo reconhecimento de sua não-suficiência que o sujeito poderia encarar o outro como incompleto também, e reconhecê-lo como igual. Neste sentido, a ética da fraternidade se aproxima mais de nossa condição existencial: “ser-com”, um sujeito incompleto e susceptível à facticidade, não-suficiente. Percebemos que esta é uma das maiores angústias de nossos clientes: a falta, o reconhecer-se enquanto ser faltoso. No que diz respeito à situação conjugal, percebemos que,

muitas vezes, o “ser-com” está permeado por esta busca de completude que se torna incansável, por não se ter o sucesso alcançado.

A fraternidade implica a igualdade dos sujeitos na cena do mundo, portanto, a solidariedade é a consequência imediata da ética do laço fraterno. A solidariedade entre as pessoas é o que se manifesta, no registro tangível das relações humanas, como o desdobramento da fraternidade. (BIRMAN, 2000a, p. 185).

Costa (1999) considera que a maneira pela qual nos individualizamos ou ganhamos consciência de nossa identidade pessoal, tem a ver com os valores definidos como ideais aos quais devemos aspirar. Tornamos-nos sujeito através de identificações, condutas, sentimentos, desejos e crenças, que introjetamos no processo do aprendizado da língua e dos modelos de comportamentos recomendados.

Ainda para este autor, até bem pouco tempo, a cultura ocidental fornecia dois grandes moldes para a construção do indivíduo: de um lado, o sujeito universal; e de outro, o sujeito particular. Desde a perspectiva universal, deveríamos ser iguais no exercício da cidadania ou no gozo dos direitos jurídico-políticos e, no pólo das singularidades, deveríamos ser todos diferentes. Para ele, o convívio entre exigência de diferença e igualdade configura o efeito dos ideais históricos da modernidade, o que se reflete, também, na divisão estabelecida entre espaço público e privado.

Na esfera pública, pesaria, sobretudo, a exigência de igualdade; na esfera privada, a prática da diferença. Considera que o equilíbrio entre essas esferas seria garantido pelo máximo respeito às diferenças individuais, com a preservação de mínimos compromissos com o bem de todos.

O comércio das imagens e sensações tornou-se a âncora identificatória do “indivíduo incerto”; sem referências, estes indivíduos, para reconhecerem sua

própria singularidade, apelam constantemente para as imagens de si, segundo as regras de mídia. Na ausência ou declínio dos meios tradicionais, como a escola e a família, surgem formas de construção de subjetividades absolutamente desvinculadas da preocupação com o bem comum, com o universal, com o coletivo e com o outro. Esses indivíduos fazem do público sinônimo de publicitário e tratam o bem comum como se fosse uma feira de troca de experiências, mercadorias ou interesses privados. Existe uma oferta de modelos de subjetivação através da mídia, cabendo aos sujeitos adquirir novos produtos ou serviços que irão operar o milagre da “salvação individual”, pela via da neutralização do outro.

Neste contexto, os indivíduos começam a aprender que devem contar exclusivamente consigo mesmos para sobreviverem ou terem sucesso econômico-social. As redes de solidariedade se desfazem e, mais do que nunca, exige-se do sujeito que veja o mundo como uma arena onde devem entrar, para dominar ou ser dominado. Esta realidade social tem impacto direto na realidade psíquica dos sujeitos, principalmente na situação conjugal em que pessoas vivem o estar-com, muitas vezes, como sofrimento. O sentimento de solidão cresce e a desconfiança em relação ao outro se torna crônica. Todo mundo é um potencial adversário, competidor ou inimigo ao invés de colaboradores, na difícil tarefa de viver. Costa (1999) conclui que a identidade subjetiva é indissociável da imagem do mundo que a constitui.

Ainda no que diz respeito aos modos de construção da identidade, é interessante abordar as reflexões trazidas por Woodward (2000). Para este autor, a identidade se constitui no espaço da diferença, confirmando a compreensão de que as subjetividades se configuram na ordem do coletivo e que nos estabelecemos como indivíduos singulares na convivência com os outros.

Deste ponto de vista, a identidade se constrói no espaço simbólico, representacional e social, sendo, sobretudo, relacional e não uma essência; como tal, não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente e tampouco é homogênea, definitiva, acabada. Ao contrário, podemos dizer que a identidade é uma construção, um processo de produção, uma relação e é, também, instável, contraditória, fragmentada e inacabada. Para este autor (WOODWARD, 2000), a identidade significa o ponto de encontro, o ponto de sutura entre o social e as figuras de subjetivação. A identidade não é o oposto da diferença, ela se estabelece nesta conexão, no entre individual e social, entre intersubjetividades, não se tratando, pois, de uma posição binária entre opostos. À medida que este modo de compreensão dicotômica acaba por levar a uma maior valorização de um dos elementos, ela é rechaçada em prol de uma idéia multifacetada dos fenômenos, o que implica uma relação entre diferentes, mas não entre opostos.

Este mesmo autor, citando Derrida (1976 apud WOODWARD, 2000), traz questionamentos acerca das oposições binárias, pois, segundo ele, a dicotomia é um dos meios pelo qual o significado é fixado e regido. Indica que, para Derrida, a reflexão entre significado e significante não é algo fixo. O significado é produzido por meio de um processo de diferimento, o qual Derrida chama de “Différance”. Nesta direção, o que parece determinado e fixo é, na verdade, fluido e inseguro, sem nenhum ponto de fechamento. Ao invés de se falar em fixidez, melhor pensar na existência da contingência. Nesta linha de reflexão, caberia pensar o “*ser-com*” e o “*ser-si-mesmo*” não como opostos, mas sim, como complementares. As subjetividades, portanto, se configuram na implicação entre “*ser-com*” e “*ser-si-mesmo*”.

Talvez a questão seja considerar a alteridade como elemento fundante para a construção de nossa identidade e, acompanhando as reflexões de Birman (2000a) acerca da pulverização da alteridade na cultura narcísica, é relevante problematizar como considerar e respeitar as alteridades nos dias de hoje.

A compreensão do ser humano, numa leitura voltada à perspectiva mais social e cultural, tem-se utilizado do termo *identidade*, com mais freqüência, para designar o sujeito e sua particularidade; alguns autores discutem a identidade e o social, trazendo, como já ressaltado anteriormente, a importância do outro, o estrangeiro fora de mim, ou seja, o social para a construção da identidade do sujeito.

Numa outra perspectiva, a leitura do sujeito, a partir de uma compreensão existencial, pode ser articulada com o termo *singularidade* e não *identidade*, à medida que compreende que o estranho não diz respeito apenas, àquele fora de mim, discutindo o estranho dentro de cada sujeito, sendo uma temática do fazer clínico. Nesta direção, teceremos, agora, algumas considerações a partir desta perspectiva existencial, respaldada em pressupostos filosóficos existenciais. É importante ressaltar que a referência à alteridade não designa apenas o outro como o diferente, mas também a alteridade em nós mesmos, o outro em nós, o estrangeiro que nos habita. Nesta perspectiva, o outro fora de mim também é fundante para a singularidade, mas não é o único responsável para a constituição da mesma.

Depreende-se que nosso trabalho apontou para a perspectiva social, articulando identidade e social, levando-nos agora, a dirigir-se para uma outra perspectiva, ressaltando que é possível fazer a leitura da compreensão do ser humano de várias formas.

Arbex (1998), ao estudar o tema do estrangeiro, faz algumas considerações acerca da mídia no processo de construção deste estrangeiro. Segundo ele, o

estrangeiro também é construído pela mídia, à medida que transforma o outro em mercadoria para o consumo, tornando-o uma necessidade para a afirmação do si mesmo. Para ele, é mais fácil excluir, extirpar aspectos negativos de minha própria imagem e projetá-los no outro, fora de mim, como se nada tivesse a ver comigo; assim, a figura do estrangeiro, na mídia, é a representação do que não sou. Ao excluir de mim os aspectos desagradáveis, projetando-os no outro, continuo me achando um ser “positivo”, identificando-me, apenas, com aqueles que me são semelhantes.

Na era da comunicação de massa, os estereótipos, dos shopping centers e das modas universais, o estrangeiro é, potencialmente, todo aquele que foge a tudo, o que reconheço como parte da minha vida, de minha rotina, de minhas precárias certezas. É o que não faz parte do meu show, o personagem que não está na telenovela de todos os dias. É o incomodo, a sombra, o lado de lá de um mundo que não conheço e não quero conhecer. O estrangeiro é o que escapa ao repertório que construí em meu mundo padronizado. (ARBEX, 1998, p. 18).

Para Arbex (1998), cada vez mais a diferença é sinônimo de marginalidade e, também, de ameaça. Comenta como é cruel esse mundo midiático contemporâneo, pois ele existe no paradoxo, cujos meios técnicos para comunicação entre os homens nunca foram tão perfeitos, embora o homem nunca se tenha comunicado tão pouco. Procuramos, por todos os lados, os sinais de nossa identificação com os outros e odiamos aquilo que foge ao nosso padrão. Como viver a dois respeitando o diferente e considerando a alteridade?

Enriquez (1998) tece algumas considerações acerca do estrangeiro e complementa que ele não designa um outro fora de si mesmo, mas, ao contrário, o estrangeiro ou a estrangeirice é habitada no interior de nós mesmos, enquanto sujeito social.

Reconhecer sua própria estranheza é encontrar a si mesmo com surpresa, é também encontrar os outros, na medida em que [sic] fazem parte de nós mesmos, e dialogar com seres sempre desconcertantes. Assim como o interesse por si, a procura preliminar de si dirige, então o interesse para os outros, que são percebidos como sendo também os em-si e os para-si. (ENRIQUEZ, 1998, p. 39).

Ainda segundo Enriquez (1998), quando evitamos o contato com nossa própria estranheza, a alteridade do outro se torna um problema a ser rejeitado. Afirma que o estrangeiro sempre faz mal àquele que recusa a sua interrogação, pois o outro externo sempre nos faz questionar as nossas certezas. “[...] Se somos aventureiros da vida interior e estamos abertos ao mundo, então o estrangeiro em nós e o outro será acolhido [...]”. (ENRIQUEZ, 1998 p. 40).

Mantém-se o estrangeiro longe para que ele não nos incomode com a proximidade. Pois,

o difícil é conservar-se na proximidade do estranho, neste espaço potencial em que, acolhendo-o e hospedando-o podemos nos fazer e refazer com base em uma experiência que é sempre mais ou mesmo incomoda (FIGUEIREDO, 1996, p. 74).

Talvez habite, nesse espaço, a dificuldade em viver em situação conjugal, pois o outro externo, muito próximo e familiar, nos mostra, todo tempo, os nossos outros, os visitantes do nosso eu, mostra as nossas estrangeirices e nossas incompletudes. Como, no mundo contemporâneo, buscamos a auto-suficiência a todo custo, conviver e ter que lidar com nossa condição de incompletude torna-se angustiante, levando-nos, muitas vezes, ao afastamento do outro para resguardar os nossos estrangeiros.

Você é estrangeiro; e se finalmente o localizamos, não é para nos deixar comover por suas negativas, suas juras de boa fé, pois doravante você nos é necessário como o ar que respiramos. Sua existência permite que nos fechemos em um reconfortante entre-nós. Você é aquele que finalmente descoberto situará a fronteira, permitindo separar o joio do trigo, o fora do dentro, o santificado da podridão. (HASSOUN, 1998 p. 89).

Segundo Koltai (1998), reconhecemos nosso estrangeiro no outro. Para ela, é mais fácil amar o outro quando ele se encontra distante, pois não nos deparamos nem com o seu estrangeiro nem com o nosso. Porém, quando o outro se aproxima demais, ele reflete nossas incompletudes e estrangeirices, tornando-se, então, difícil suportá-lo. “O modo como se lida com a própria estrangeiridade pesa na hora de definir o outro como estrangeiro”. (KOLTAI, 1998, p. 110). Conhecer nossos estrangeiros talvez seja o modo menos inquietante de lidar com o estrangeiro, com “o outro”.

[...] Talvez pudesse o sujeito dizer sim ao estrangeiro, esse passageiro da diferença, e o estranho haveria de se conjugar, não com inquietude, desalento, dor e medo, paixões tristes, mas aliar-se com a alegria do novo, com a afirmação do múltiplo, afirmação trágica do plural, do diferente. Só assim o estranho viria a se definir como afirmação alegre da diferença, verdadeiro antídoto contra toda forma de racismo [...] (SOUZA, 1998 p. 163).

Nascer é ser criado no estrangeiro, no outro, no diferente, na alteridade, na família, na escola, entre outras instituições; é uma experiência da qual nenhum sujeito escapa, pois o próprio processo de subjetivação procede do *estar junto ao outro*, sem o qual o acesso ao eu é impossível. Desse modo, podemos entender que o estrangeiro é a nossa condição existencial de seres co-existentes.

Existem dois estrangeiros: o outro externo que representa os processos culturais; e o outro, dentro de nós, que, através do encontro com o estrangeiro

externo (cultura e o outro), conhece e revela o modo específico de sua estrangeiridade (singularidade).

A preocupação com os outros, os de fora, os diferentes, não é um fenômeno dos tempos modernos; a história nos mostra como, em sua tessitura sempre houve um movimento de negação da alteridade. Segundo Birman (2000a, p. 190), “as noções de alteridade se esvaziam e tendem ao silêncio na sociedade narcísica do espetáculo”. Para ele, a individualidade somente pode ser constituída como singularidade, à medida que o sujeito da diferença se constitui. A experiência da alteridade apenas se constitui, quando o sujeito é permeado pela diferença e pelo desejo. “Com isso, a possibilidade de reconhecimento da singularidade do outro e a ruptura com o universo monótono do mesmo estão na estrita dependência da instauração do sujeito nos registros da diferença e do desejo”. (BIRMAN, 2000a, p. 260). Assim, como reconhecer o diferente nesta sociedade narcísica do espetáculo?

Segundo Birman (2000a), o sujeito apresenta duas possibilidades de movimento, nesta tensão entre si mesmo e “ser-com” o diferente.

Pela primeira possibilidade, o outro é sempre encarado como uma ameaça mortal para a existência autocentrada do sujeito, pois é permanentemente reconhecido como um inimigo e um rival, na medida em que [sic] balança o sujeito das certezas e o faz vacilar face a seu eixo e sistema de referência. Pela segunda possibilidade, o outro é encarado como uma abertura para o possível, pois coloca o sujeito diante de sua diferença radical face a qualquer outro, impondo-lhe assim o reconhecimento da experiência da alteridade e da intersubjetividade. (BIRMAN, 2000a, p. 297).

Ai está a nossa grande dificuldade: como manter o estranho na proximidade sem assimilá-lo ou destruí-lo?

Faltaria a noção de alteridade entre os indivíduos, pois, ao voltarem-se para o individualismo, torna-se difícil reconhecer o outro como diferente, caindo, muitas

vezes, nos preconceitos, como uma tentativa de tornar-nos todos iguais. Percebemos uma dificuldade por parte do ser humano em lidar com as suas incompletudes, com sua condição de facticidade, levando-o, muitas vezes, a conflitos, quando em relação com o outro, com o diferente fora de si, à medida que este reflete o estranho (a incompletude) dentro de nós. Esta dificuldade assume um caráter ainda mais complicado, por estarmos inseridos numa sociedade, caracterizada por Birman (2000a), como narcísica, na qual buscamos nossa auto-suficiência a qualquer custo, não aceitando, assim, nossas faltas.

2.4 Modos de subjetivação e clínica.

Na história da Psicologia, inúmeras tentativas foram realizadas, objetivando torná-la reconhecida e validada enquanto ciência. Para tanto, acreditava-se que ela deveria estar embasada na idéia de uma epistemologia moderna, em que o sujeito epistêmico, plenamente constituído, deveria ser o sujeito consciente de si, senhor absoluto de sua vontade, um sujeito fundante dos sistemas representacionais.

Segundo Figueiredo (1996), a Psicologia, por não conseguir atender a essa exigência do sujeito epistêmico, cria um conjunto de teorias psicológicas com base em uma epistemologia própria. Constata-se que, entre as teorias psicológicas, existem diferenças quanto aos pressupostos ontológicos e quanto aos pressupostos epistemológicos.

Nesta direção, várias são as classificações, na área da psicologia como: psicologia organizacional, escolar, social, jurídica, hospitalar, experimental, clínica e tantas outras que poderíamos elencar aqui. Essas classificações partem do princípio de que o profissional psicólogo deve apresentar interesses e métodos específicos em cada área, muitas vezes diferenciando-se as áreas de atuação a partir de seu lugar de efetuação, outras vezes distinguindo-as pela problemática ou tema a ser tratado.

Figueiredo (1996) tece algumas considerações acerca dessas classificações, acreditando que essas ramificações da psicologia não fazem sentido no modo como são diferenciadas. Ressalta que, no que diz respeito à clínica, muitas vezes, esta é entendida, erroneamente, como uma modalidade de prática psicológica que se realiza em consultório. Nesse sentido, considera que a única oposição válida, no que se refere à psicologia, é aquela que se estabelece entre psicologia clínica e experimental, pois, “há, sem dúvida, um método clínico de pesquisa - mas seria equivocado reduzir a clínica a um método de pesquisa”. (FIGUEIREDO, 1996, p. 36).

É verdade que o sentido da intervenção clínica se diferencia, em alguns aspectos, mas é um equívoco tratar a clínica como uma mera área de atuação, ou defini-la pela sua intenção curativa; é verdade que há um tipo de conhecimento que é produzido na clínica e só nela, mas é um equívoco tratar a clínica como mera área de conhecimento separada de outras áreas a partir de seus temas. (FIGUEIREDO, 1996, p. 38).

A clínica define-se, portanto, para Figueiredo (1996), por um dado *ethos*; em outras palavras, o que define a clínica psicológica como clínica é a sua ética, pois a clínica não se restringe ao lugar onde ela acontece, muito menos à clientela que atende e nem tampouco diz respeito ao regime de trabalho do profissional. Também a clínica não se empresta a uma aplicação de teorias, como se fosse possível uma

prática clínica a partir de conhecimentos teóricos. “A clínica implica em [sic] intervenção, gerando um saber que jamais se converterá integralmente em teoria”. (FIGUEIREDO, 1996, p. 36). Clínica enquanto ética, para Figueiredo (1996, p. 40),

está comprometida, com a escuta do interdito e com a sustentação das tensões e dos conflitos. Talvez o clínico seja a escuta de que nosso tempo necessita para ouvir a si mesmo naquilo em que lhe faltam as palavras.

Nesse sentido, compreende a fala como um dispositivo para acessar e compreender a experiência do indivíduo consigo e com o mundo. A fala, na clínica, torna-se um elemento fundante, para que o processo aconteça, podendo ser entendida como meio universal de comunicação da experiência.

A fala é um dispositivo apto a propiciar, configurar, formar e constituir tanto os homens como seus mundos – suas moradas, tanto os sujeitos como seus objetos, tanto as experiências sociais como as experiências subjetivas de cada indivíduo [...] a língua no seu uso, enquanto fala é o meio universal da experiência. (FIGUEIREDO, 1996, p. 26).

Figueiredo (1996) faz, ainda, algumas considerações acerca da ética enquanto substantivo ou adjetivo. Enquanto adjetivo, a ética pode ser compreendida como *ethos*, referindo-se à morada, casa, representando um ambiente familiar; enquanto substantivo, se aproxima de moralidade, pois refere-se geralmente “aos padrões implícitos e/ou códigos explícitos que prescrevem ou proíbem determinadas condutas” (FIGUEIREDO, 1996, p. 42), sendo usado como sinônimo de moral, incluindo além dos “padrões e códigos implícitos os modos de implicação e obediência dos sujeitos”. (FIGUEIREDO, 1996, p. 42).

A ética, no sentido de *ethos*, é transistórica, pois, dependendo da cultura e da época, os padrões implícitos e os códigos podem variar. Nesta direção, acredita que

não há uma única ética, nem mesmo padrões ou códigos estabelecidos que sejam comuns a todas as culturas e épocas, considerando que “as éticas não só refletem diferenças nos modos de subjetivação, mas participam da constituição das subjetividades”. (FIGUEIREDO, 1996, p. 43).

Ética, enquanto *ethos* ou morada, considera os valores, as posturas, os costumes e os hábitos, variantes de acordo com os modos de subjetivação. “Contudo, é somente a partir de um primordial sentir-se em casa (*ethos*) que se criam as condições para as experiências de encontro da alteridade e para os conseqüentes acontecimentos desalojadores”. (FIGUEIREDO, 1996, p. 48, grifo do autor). É na relação com o outro que podemos experienciar o nosso si mesmo, pois o “ser-no-mundo se constitui como abertura, mesmo que limitada, aos encontros com o outro, espaço onde uma verdadeira alteridade possa insinuar-se e eventualmente impor-se”. (FIGUEIREDO, 1996, p. 48).

Uma ética, na verdade, institui uma troca regulada de afetos e obrigações recíprocas entre os indivíduos, é esta reciprocidade que permite que cada um possa, dentro de certos limites, confiar, contar com a presença de alguns outros. (FIGUEIREDO, 1996, p. 49).

Desta perspectiva, “clínica é inclinar-se diante de, dispor-se a aprender-com, mesmo que a meta, a médio prazo, seja aprender sobre”. (FIGUEIREDO, 1996, p. 126). Assim concebida, o que caracterizaria, então, a clínica como um saber-fazer fundado na ética da escuta, é “a submissão do sujeito a um outro que irrompe e se eleva à sua frente”. (FIGUEIREDO, 1996, p. 126).

Neste sentido, clínica é dispor-se ao encontro com o outro em sua alteridade, buscando-se, através da afetabilidade, da compreensibilidade e da comunicabilidade, dispor-se à ocorrência de uma experiência intersubjetiva para criação de sentido. Por essa perspectiva, não mais se suporia uma neutralidade por

parte do clínico ou do investigador, pois haveria entre cliente e clínico algo anteposto, implicando uma prévia interpretação frente ao contexto daquilo que quer investigar e conhecer. O homem, enquanto co-existente, encontra-se em situação de afetabilidade mútua, no modo originário de “ser-com” para poder *encontrar-se*.

O encontrar-se é uma condição ontológica do homem, correspondendo a uma possibilidade sua de ser. Expressa-se pelo estado de ânimo, o qual evidencia como o homem está em sua existência. Sempre o homem se dá no mundo afetivamente. (ALMEIDA, 1999, p. 48).

Almeida (1999), a partir de Heidegger, considera que o compreender é uma outra condição ontológica do homem. Faz uma articulação entre encontrar-se e compreender, considerando que estes são dois modos constitutivos de ser-no-mundo que se conjugam, pois “todo encontrar-se tem sua compreensão própria, na medida em que [sic], conforme nos encontramos, um mundo específico nos é dado a ver... toda compreensão é pautada pelo estado de ânimo”. (ALMEIDA, 1999, p. 49). Esta compreensão afetiva é anterior, a compreensão cognitiva.

Desse modo, o clínico vai construindo compreensões em conjunto com o cliente, à medida que a arte de interpretar não é uma atividade que resulta na obtenção de informações ou na aplicação prática de uma teoria, mas é a elaboração das possibilidades que o compreender afetado projetou; “[...] Não dá para ser homem sem ser compreensor; o homem é aberto a si mesmo compreendendo e encontrando-se [...]”. (ALMEIDA, 1999, p. 50).

Nesta direção, Almeida (1999) faz algumas considerações acerca dos estados de ânimo. Afirma que os estados de ânimo, em geral, nos colocam diante do mundo, mas o único que nos coloca diante de nós mesmos, é a angústia. Considera

a angústia como possibilitadora de uma abertura a si mesmo, fazendo uma distinção entre angústia e todos os outros estados de ânimo.

A angústia abre o ser aí numa dimensão em que lhe apreende o que lhe é mais fundamental, que é seu modo de aparecer no mundo enquanto cuidado. A angústia abre-nos para nosso modo mais elementar, originário de ser, que é o cuidado. (ALMEIDA, 1999, p. 51).

Para este autor, o mundo se abre através do encontrar-se e o angustiar-se é um modo de encontrar-se no mundo. Refere-se ao modo pelo qual o mundo inospitavelmente se abre ao ser-aí e, ao mesmo tempo, um modo pelo qual o ser-aí se abre a si mesmo no mundo, singularizando-se. Pois,

a angústia abre a singularidade, é através da angústia que o homem pode abrir-se para sua propriedade remetendo-se a si mesmo [...] “ser-si-mesmo” é uma primeira facticidade ontológica-existencial humana. Ser é algo que acontece como uma possibilidade peculiar a cada homem. (ALMEIDA, 1999, p. 54-55).

Heidegger (2002), ao abordar a forma própria e imprópria de ser-no-mundo, afirma que existe uma tendência, no homem, a viver na impropriedade (queda), como um modo do ser-aí fugir da inospitalidade do mundo, aberta pela angústia. O modo de ser impróprio seria um evitamento e uma fuga da inospitalidade e da angústia, contudo a inospitalidade persegue o ser-aí, constitutiva que é de sua condição existencial, transformando-se em um apelo ao ser aí para *cuidar de ser*. Neste sentido, a expressão cuidado, sob o viés heideggeriano, é constitutivo de ser-no-mundo: “o *cuidar* é simultaneamente a origem e a base ontológica do agir do homem”. (ALMEIDA, 1999, p. 59).

Se resgatarmos, a partir das considerações acima, o cotidiano da experiência vivida pela ótica do *experienciando* de Gendlin, poderíamos pensar que ao clínico se

apresentaria a tarefa de cuidando de ser si mesmo cuidar de ser com o outro que cuida de ser. Em outras palavras, ser clínico implica *encontrar-se como cuidado para cuidar*.

Desta forma, o instrumento de trabalho do psicólogo é ele mesmo. Ao cuidar da vida de outros, fica diretamente implicada a revisão e exame de sua própria vida, de sua personalidade, conflito, frustrações. Em outras palavras, é sua sensibilidade experienciada no encontro com o outro que propicia a condição de conhecimento, compreensão e comunicação para o cuidado e a cura. (MORATO, 1999, p. 69).

Pela intersubjetividade, na situação terapêutica, que acontece entre clínico e cliente, é que se revela a especificidade do fazer do psicólogo. O conhecimento desse sujeito que experiencia emoções ocorre na relação com outro sujeito. É em presença de outro que ocorre a possibilidade de “abrir-se ao outro, saindo de si para encontrar-se encontrando. Encontro com a diferença em si mesmo – alteridade”. (MORATO, 1999, p. 70).

2.5 Práticas clínicas psicológicas e o sujeito da modernidade.

Nesta cultura narcísica do espetáculo, como já discutido anteriormente, não há lugar para relações diretas, respeito às diferenças, nem tampouco reconhecimento de singularidades, ou seja, não há lugar para alteridade. Criam-se sujeitos “pseudo” auto-suficientes, desvinculados de compromissos e responsabilidades, seja com o outro seja com a comunidade. Caracterizam uma sociedade em que os homens não têm tempo para refletir e elaborar suas

experiências, muito menos, narrar suas histórias, pois vivem num mundo restrito ao imediatismo e pragmatismo, voltados para a vivência do aqui-e-agora, desvinculados de um passado ou futuro – sem história - geração voltada para o autocentramento, sem preservar nenhum compromisso com o outro.

Neste sentido, segundo Figueiredo (1996), surgem práticas clínicas, psicológicas ou psicoterapêuticas, voltadas a atender a imediatez dos indivíduos, objetivando livrá-los da angústia, por meio de aplicação de técnicas, partindo de todo um aparato tecnicista, cientificista, negando-se, por inúmeras vezes, a condição existencial do homem – a angústia. Segundo Morato (1999), as décadas de 70 e 80 foram marcadas por uma explosão de técnicas e abordagens psicoterapêuticas alternativas, para atender á demanda dos indivíduos desta época. Para Lasch (1997) tais formas de cuidar, ao invés de possibilitarem o encontrar-se via uma ação a partir da angústia existencial por sentido, apenas promoveram seu tamponamento pela ênfase na força atualizadora do organismo, acentuando e exacerbando modos individualistas de ser.

É neste contexto que emergem abordagens que, a pretexto de resgatar a individualidade oprimida pelo tecnicismo moderno, propõem-se como alternativas para promover o encontro consigo mesmo e com o outro, através de práticas psicológicas para promoção da melhoria das relações interpessoais. Exaltam a conscientização do “eu” e o encontro “com o outro”, recorrendo a técnicas de sensibilização pela expressão do organismo como corpo, no qual afetos são negados. Embora apontem o encontro com o outro como base para aceitar a diferença entre individualidades que demandam respeito, acentuam a oposição entre elas por abolir a experiência de diferença em si mesmo, ou seja, a singularidade de

experienciar a alteridade em si mesmo pelo modo de afetação como foi interpelado pelo outro com quem co-existe.

É por esta perspectiva de práticas psicológicas que atuam em situações de con-vivência entre homens que esta pesquisa também se oferece. Como cuidar inclinando-se para escutar o inter-dito entre modos de subjetivação singulares e co-existentes simultaneamente? Como cuidar do encontrar-se entre alteridades?

Após tecer algumas considerações acerca da história do casamento, os modos de subjetivação e a clínica, entramos em contato com a questão guia desta pesquisa: dirigimo-nos à escuta da experiência de “ser-si-mesmo” e “ser-com” através de depoimentos de casais. Para tanto, explicitaremos como a questão foi abordada, ou seja, a metodologia utilizada.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa busca **compreender a experiência de “ser-si-mesmo” e “ser-com” em situação conjugal na contemporaneidade**. Abordaremos cada “grupo casal” como uma singularidade, no intuito de compreender seu funcionamento e entendimento na situação conjugal.

A metodologia oferece-se como um caminho possível para chegar à questão, além de acentuar-se a implicação do pesquisador e do pesquisado. Diz respeito compreendendo como uma relação de mútua afetabilidade e não a de uma relação entre sujeito e objeto.

Trata-se de uma pesquisa clínica fenomenologicamente percorrida, pois entendemos pesquisa como um caminho a per-seguir, derivada do latim, em que significa busca, inquietação, ir atrás do dizer das coisas. Alguma semelhança com o sentido de clínica? Clínica pode ser compreendida, a partir do grego, como debruçar-se sobre a demanda do cliente, implicando per-seguir uma inquietação.

Deste modo, clinicar seria pesquisar e, quando pesquisamos, estamos clinicando, o que nos diz respeito como clínicos e pesquisadores seria o que está entre o que se mostra e o que é percebido como sendo o que se mostra: a “experiência subjetiva” singular. Assim, a ação clínica ou de pesquisa seria como comunicar a interpretação de compreensão do sentido, para além do significado comunicado pelo cliente ou pelo fenômeno.

Neste sentido, pesquisar e clinicar implicaria dirigir-se à presença do outro transitando no ENTRE, para fazer e elaborar experiência. Talvez esta fosse a tarefa

tanto do clínico como do pesquisador “**manter-se no ENTRE como alteridade**”, oferecendo uma interpretação do interdito que pede passagem para se dizer.

Nessa perspectiva, coisa “alguma pode, de si mesma, mostrar-se na sua totalidade, na sua inteireza, na sua patência definitiva. Isto, também, porque a coisa se mostra, sempre, para um certo olhar” (CRITELLI, 1996, p. 61). Isso porque o homem vai tecendo uma trama de significados entre si mesmo e com o mundo durante sua historicidade. Ele está em constante vir a ser e, deste modo, como pode uma teoria determinista e incontestável compreender um homem em trânsito constante em um mundo que, também, não se mostra em sua plena aparição? Não nos preocupamos com a generalização estatística, mas sim, com a compreensão que temos do fenômeno, a partir do que foi sua manifestação para mim, pesquisadora, em uma situação especificamente contextualizada.

Um dos pontos de contato e afetabilidade entre os sujeitos é a linguagem, ou seja, é por meio da linguagem que pesquisamos e clinicamos, pois nosso modo constitutivo de ser humano é narrativo, é linguagem. Neste sentido, usamos a linguagem como dizer para nos referirmos às coisas e comunicar nossa interpretação acerca delas. Nesta direção, tanto na pesquisa quanto na clínica somos narrativos.

Compreendemos a narrativa como possibilidade de mostraçã, modo como o sujeito fala e expressa sua experiência, e a narrativa, como metodologia, é, pois, um modo de percorrer a pesquisa para elucidar a questão.

Recorremos a Walter Benjamin (1994) que traz a narrativa como um meio de resgate da experiência, abrindo possibilidade para sua elaboração. Uma pesquisa de referência fenomenológica é aquela em que se vai seguindo a mostraçã do fenômeno, pela narrativa, como uma possibilidade de mostraçã da experiência do

sujeito, através da linguagem e da interpretação do pesquisador. A compreensão da experiência é o ponto de articulação possível entre pesquisa clínica e clínica; nessa conexão seria dada a *experiência* que se expressa por meio da narrativa.

Segundo Benjamin (1994), a arte de narrar está em vias de extinção. São cada vez mais raras as pessoas que continuam narrando suas histórias como experiência, no sentido de intercambiá-las com outros homens, no mundo da co-existência. A experiência, em nosso contexto contemporâneo, não é entendida como conhecimento válido, pois, a partir da Idade Moderna, passou a ser enfatizado o conhecimento representacional, a informática e a tecnologia. Tendemos, assim, a acreditar, naturalmente, na existência das coisas, independentemente do que pensamos e falamos acerca delas, confiando no conhecimento representacional que delas obtemos, como a verdade das coisas.

Para Benjamin (1994), nos tempos de hoje, a narração tem se expressado como informação e não como um contar de histórias como experiência. Neste sentido, a informação tem aumentado cada dia mais e a capacidade narrativa, como esse contar, vem se acabando. “Pouco do que hoje acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação”. (BENJAMIN, 1994, p. 204).

Uma aproximação entre narrativa e clínica pode ser feita no que diz respeito ao aconselhamento psicológico. O aconselhamento pode ser entendido como uma modalidade da psicologia clínica em que o cliente que sofre busca um outro para contar sua experiência de sofrimento no intuito de compreendê-la. Neste sentido, como aponta Benjamin (1994), aconselhar implica a possibilidade para o cliente que sofre, ao narrar, abrir-se para continuar sua história.

Figueiredo (1994) nos traz a noção de conhecimento tácito, para dizer que este modo de conhecimento é tão importante quanto o conhecimento explícito.

Entende conhecimento tácito como aquele que é constituído através do saber de ofício: o solo das experiências. Por sua vez, o conhecimento explícito é entendido como um discurso representacional, suscetível a ser modelado e normatizado pelos processos culturais vigentes. Neste sentido, o conhecimento tácito tem sido relegado a um segundo plano, considerado como menos importante, porque diz de um saber aprendido em ação, portanto, na experiência e não na informação representacional, território do conhecimento explícito.

Esta reflexão pode ser realizada com respeito ao modo de pesquisar e clinicar. Podemos compreender pesquisa e clínica pela via da informação e, assim, praticá-las, ou podemos compreendê-las pela via da narrativa, e a elaboração de experiência seria a privilegiada. Contudo, como essa passagem entre informação e narrativa podem representar-se de modo sutil, na fronteira tênue entre cognição e experiência, muita confusão ainda acontece na clínica e pesquisa psicológicas.

A pesquisa pela via da informação busca uma verdade absoluta, como compreensão única, fechada e taxativa, por ter como finalidade a transmissão de significados representacionais; já pela via da narrativa, abrem-se possibilidades de apreensão de sentido.

Nesta direção, se os objetivos de uma pesquisa são determinantes à metodologia, Critelli (1996) faz algumas considerações acerca do método metafísico de pesquisar, em contraponto ao método fenomenológico de pesquisa. Para ela, o pensamento metafísico e tecnicista “pressupõe que a verdade seja uma, estável e absoluta, bem como sua via de acesso a ela”. (CRITELLI, 1996, p. 11). Deste modo, segundo a mesma autora (CRITELLI, 1996), parece que o Ocidente moderno aceitou a via da informação como a única perspectiva adequadamente objetiva, viável para verificação e válida para aproximação entre homem e mundo. Neste

sentido, toda possibilidade de um conhecimento fidedigno é garantido pela construção de conceitos logicamente parametrados legitimando uma privação de intimidade entre os homens e a experiência que têm de seu mundo.

Para ela, “a metafísica instaura a possibilidade do conhecimento sobre a segurança da precisão metodológica do conceito, e a fenomenologia o instaura sobre a angústia”. (CRITELLI, 1996, p. 15). Complementa, dizendo, na mesma página, que para

a metafísica, o conhecimento é resultado de uma superação da insegurança dada a imprevisibilidade do existir; enquanto que para fenomenologia, é exatamente a aceitação de um desamparo humano frente ao imprevisível da existência que permite o conhecimento.

Neste sentido, a metafísica busca verdades absolutas para garantir a certeza das coisas e minimizar qualquer possibilidade de dúvida que venha a inquietar o sujeito, enquanto que, para a fenomenologia, esta dúvida é o motor impulsionador da investigação.

A civilização ocidental, sobretudo modernamente, no intento de livrar-se da inospitabilidade do mundo, voltou-se para a construção de uma forma especial de se saber o mundo e de se ser nele. Pela criação da representação, habitamos o mundo calculando-o e controlando-o. (CRITELLI, 1996, p. 21).

Interessante é que este modelo científico tecnicista tem-se impregnado em várias dimensões do viver humano, seja no modo de adquirir conhecimento, seja no modo de se relacionar com os outros, seja até mesmo, no modo de se estar no mundo. É um modelo que vende uma moradia segura de certezas e garantias. Vale ressaltar que, apesar de todas as tentativas, continuamos vivendo num mundo de

angústia e dúvidas. Segundo Critelli (1996), a partir de Heidegger, a angústia é o modo próprio do existir, não havendo nada que nos livre desta condição.

Por essa mesma linha de pensamento, cabe-nos retomar os objetivos da clínica. Se é próprio da clínica o debruçar-se sobre quem sofre e acolher essa experiência de sofrimento, o conhecimento pela via da narrativa se impõe. Neste sentido, e retomando a articulação já apresentada entre clínica e pesquisa, a pesquisa clínica se destinaria ao conhecimento propiciado pela narrativa como elaboração de experiência. Assim, estaríamos resgatando o conhecimento tácito.

Assim sendo, o conhecimento tácito, constituído a partir da experiência singular que, por sua vez, encontra na narrativa seu meio de expressão emergente da afetação pela presença entre narrador e ouvinte, possibilita comunicação e interpretação de experiência entre um e outro. Este seria o modo narrativo de pesquisar e construir conhecimento em clínica: pela clínica. Para Benjamin (1994, p. 205, aspas do autor),

A narrativa é uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o “puro em-si” da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso.

Neste sentido, a narrativa abre possibilidades de interpretação, criação de sentido e novos significados; é na situação de apresentação entre nós e o outro que podemos ser afetados e afetá-los com o nosso modo singular de subjetivação.

fazer uma experiência com o que quer que seja não coincide com a obtenção de informações ou com a formulação de conceitos acerca de algo; fazer uma experiência consiste em ser afetado, e me ser transformado, deixando a coisa “vir sobre nós”, para que nos caia em cima e nos faça outro. Fazer uma experiência é um encontro com o

outro na sua alteridade e, portanto, um acontecimento dramático. (FIGUEIREDO, 1994 p. 122, aspas do autor).

É entre subjetividades que a experiência se constitui como conhecimento tácito, abrindo para a intersubjetividade se revelar, como um modo de conhecimento também possível. Deste modo, optamos pela narrativa, como via de elaboração da experiência, abertura para o encontro consigo mesmo e com o outro “ouvinte-narrador” e como possibilitadora de criação de sentido e novos significados, próprio da clínica psicológica.

Não se trata de negar a fala representacional, mas sim, de afirmar que a palavra na sua eficácia plena não se resume aos signos da linguagem como sistema de representação. No modo da convivência entre os homens, a palavra está fora do campo da re-presentação. São imprevisíveis e incalculáveis as possibilidades de sentido e significados que ela pode sugerir.

A palavra não está interessada em capturar a essência da fala, fixando-se num conceito. Segundo Figueiredo (1994), os signos têm uma finalidade comunicativa, expressiva e representacional que é a atividade humana necessária para a convivência com os outros, ao que Heidegger chamou de “fala que fala”. Aponta, para outra dimensão da fala, que é a “poética”, nesta direção, entendida como “expropriada numa atividade interpretativa [...]” (FIGUEIREDO, 1994, p. 130).

Dentro desta perspectiva, coisa e mundo não podem ser entendidos como coisas em si, pois se trata de um “ENTRE”, que é condição para que a coisa seja coisa e mundo seja mundo. A este ENTRE, a este MEIO CONSTITUTIVO, Heidegger denominou “diferença”. Para ele, segundo Figueiredo (1994, p. 136), “a diferença é o meio, a dimensão constitutiva que permite que a coisa e o mundo se

distingam e se encontrem – o mundo acolhendo e propiciando coisas, e as coisas gestando mundo”.

Segundo Morato (2003⁵) podemos entender a pesquisa narrativa por modos: descrição, narração e dissertação. A descrição seria o modo da afetabilidade; diz respeito a fatos, situações e as afetações tanto do narrador como do ouvinte. O segundo seria o da narração, em que eu, pesquisadora ouvinte, passo ao lugar de narradora, buscando uma compreensibilidade desta afetação; refere-se a como conto ou narro a experiência vivida junto ao outro. Por último, há o modo dissertativo, pelo qual será comunicada a elaboração dessa experiência como o lugar da comunicabilidade, e diz respeito às articulações possíveis de minhas interpretações entre as experiências compreendidas em presença dos participantes e das teorias: pensamento e reflexão.

Neste sentido, disponível afetivamente a fazer experiência de conhecer por entre os modos referidos, tanto a clínica como a pesquisa, rendem-se à condição de humanidade do homem: estar “junto a” para compreender. Surge a possibilidade de nova trama de sentido, ao buscar situações (procedimentos) para navegar, lançado no mundo da incerteza, para desvelar a experiência do outro: modos de “ser-si-mesmo” e “ser-com” em situação conjugal.

⁵ As citações Morato 2003 são referentes às aulas ministradas no curso de Mestrado em Psicologia Clínica, da Universidade Católica de Pernambuco, na disciplina “Pesquisa Clínica Fenomenológica”.

3.1 Co-autores.

O sentido de nomear os participantes como co-autores, diz respeito à relação entre narrador e ouvinte, à medida que, esta experiência se faz junto ao outro e a autoria do trabalho também é co-existente, respeitando, assim, o modo anteriormente descrito de fazer pesquisa clínica.

Escolhemos por fazer experiência junto a casais, no intuito de compreender a conjugalidade em presença, um modo de olhar para o “sendo-com” em experiência, criando, assim, uma situação para a conjugalidade em ação se mostrar, olhando para o sentido de “ser-si-mesmo” e “ser-com” em acontecimento, como na clínica. No atendimento a casais, na clínica, atendemos o casal e não os cônjuges separadamente para compreender como se dá essa conjugalidade em ação.

Começamos, então, a procurar casais que se dispusessem em presença junto a mim, contar sua experiência de “ser-si-mesmo” e “ser-com” em situação conjugal. Nossa pesquisa contou com a participação de três casais da região metropolitana de Recife.

Agora, faremos a descrição da situação de onde e como essa experiência vai se fazer. Com o primeiro casal mantive contatos por telefone, nos quais pude explicitar qual era o objetivo da pesquisa. Acordamos um horário conveniente para o nosso encontro e definimos, como espaço para este acontecimento, meu consultório por considerá-lo reservado e íntimo, para garantir, também, que não seríamos interrompidos por outros. Este procedimento foi adotado com os demais casais.

A colheita de depoimentos como registro de experiência foi feita na forma de entre-vistas⁶; Estas foram realizadas com cada casal, iniciando com uma pergunta disparadora: ***Como é a experiência de “ser-si-mesmo” e “ser-com” para vocês em situação conjugal na contemporaneidade?*** Os depoimentos foram gravados em áudio com a devida autorização dos co-autores da pesquisa.

Assim, foram entrevistados três casais, em situação conjugal diferentes.

Um casal, que denominei Rui e Isis, vive junto há sete anos uma união consensual. Ambos são funcionários públicos na faixa de 40 anos e desta união nasceram dois filhos.

O outro casal, denominado Ana e Eva, vive junto há cinco anos e não tem filhos. São profissionais liberais na faixa de 30 anos.

O terceiro casal vive junto há dois anos, casados legalmente no civil e no religioso, e denominei-os Pedro e Maria, sendo ambos funcionários de empresas privadas, na faixa de 20 anos, sem filhos.

Para singularizar a fala de participante foi utilizado um tipo de letra diferente, inclusive, também, da que marca a pesquisadora, usada para escrever toda a dissertação, assim como nos depoimentos.

⁶ Entre-vista refere-se a uma vista articulada entre pessoas.

3.2 Apresentação da colheita.

Após a colheita dos depoimentos, as narrativas foram transcritas, eliminando indícios identificatórios. Posteriormente foram literalizados, ou seja, colocados em forma de texto literal, eliminando os vícios de linguagem e expressando a tonalidade da fala pelo uso de pontuação. Perguntas e comentários feitos pela pesquisadora foram incluídos na fala subsequente do narrador, como uma interrogação inicial, cuidando-se para que o que foi dito não fosse distorcido. Depois de literalizados, entramos em contato novamente com os co-autores da pesquisa para entregar-lhes seus depoimentos. Pedimos quinze dias para que pudessem lê-los, e marcamos um encontro individual com os narradores, a fim de que pudessem fazer o reconhecimento de sua fala e autenticá-la, alterando-a caso desejassem, e livres para tecer quaisquer outros comentários. Este encontro foi, também, gravado em áudio, transcrito e literalizado, sendo inserido, respectivamente, ao final dos depoimentos de cada casal.

3.3 Interpretação das Narrativas.

Como possibilidade de compreender a experiência e encaminhar a nossa questão recorreremos ao diálogo com cada depoimento

O método da Analítica do Sentido, de Dulce Critelli (1996), foi referência para interpretar as narrativas. A autora compreende que o movimento entre realização do

fenômeno e a realidade consiste em cinco momentos: ocultamento/desvelamento, revelação, testemunho, veracização e autenticação. Acontecem ao mesmo tempo, mas sem a obrigatoriedade de surgirem nesta ordem; mas, por uma questão de explicitação, apresentaremos cada um.

O ser se apresenta num movimento circular de aparição que corresponde no inesgotável circuito de mostrar-se e esconder-se, denominado de momento de ocultamento e desvelamento. É constitutivo do sentido evadir-se para o ocultamento, provocando o homem a desocultá-lo. Este movimento, denominado fenomênico por Critelli (1996), é constituído pelo mostrar-se e ocultar-se, ser e não-ser, identidade e diferença, por ser este o modo de mostrar-se dos entes.

Assim, o que se vê do ente é um aspecto dele que se mostrou. Os casais se mostram de um modo para mim, pesquisadora, e o que é visto acontece a partir de uma implicação afetiva, tornando-se um desvelamento possível. O outro, ao narrar sua experiência, me afeta com o seu depoimento, conduzindo minha interpretação para essa experiência.

O segundo momento, que Critelli (1996) denomina de revelação, seria o momento da linguagem, pois é através da fala que o ser das coisas pode ser comunicado; somente através da palavra o que é desvelado chega à sua efetiva revelação, ou aparecimento. A fala é entendida por Heidegger, segundo Critelli (1996, p. 76), como “possibilidade de se acolher e expressar o que se mostra”.

Assim, a linguagem é a grande produtora de significados e sentido entre os homens. Não basta dizer, para comunicar; faz-se necessário, também, se compreender o que é dito, pois o dizer demanda um ser compreendido. Por essa reflexão, é possível fazer-se uma articulação com a clínica: o cliente busca um

alguém para dizer do seu sofrimento no intuito de compreender, por sua fala, o que lhe acontece.

O desvelado e o expresso (revelado) demanda ser visto e ouvido por outros, para poder ser testemunhado. E este seria o terceiro momento, chamado testemunho. “O testemunho dos outros, seu olhar, constitui o olhar do eu, moldando-o, distorcendo-o, atrapalhando-o, iluminando-o, fortalecendo-o [...]. É sempre através do olhar dos outros que o eu pode começar a ver”. (CRITELLI, 1996, p. 82).

Compreendemos que o momento do testemunho seria aquele que abriria possibilidades de ser em presença consigo pela alteridade: o encontrar-se do sujeito consigo mesmo em sua própria estranha multiplicidade, pela reflexividade da outridade co-existente.

É na relação com o diferente, com a diferença, que nos damos conta das infinitas possibilidades de se ser, atestando a pluralidade ontológica do eu, que é plural e singular, individual e coletivo simultaneamente. “A coexistência assim como o compreender, são características ontológicas da existência humana”. (CRITELLI, 1996, p. 78). O olhar do outro, muitas vezes, serve como reconhecimento do que se é, a partir da diferença, ou seja, pela alteridade que se estabelece à identidade.

Pelo modo narrativo de pesquisar, a partir de entre-vistas com os casais, configurou-se a experiência entre subjetividades, ocorrendo por diferentes interlocuções de eus e outros: eu pesquisadora, o eu de cada casal e os eus de cada um consigo mesmo. O espaço de entre-vistas revelou-se fértil para elaboração de experiência, como espaço para reconhecimento pela diferença e de criação de sentido.

O quarto momento, a veracização, consiste em tornar público o que foi testemunhado, “pois coisa alguma é verdadeira em si mesma, mas veracizada

mediante uma referência (testemunho), algo que venha de fora dela mesma e a autorize a ser o que é e como é”. (CRITELLI, 1996, p. 85). Aquilo que se põe no mundo, enquanto se realiza, permite-se ser verdadeiro e pode respaldar-se em critério que o autorize enquanto verdade. Este critério é o da relevância pública, ou seja, onticamente é o que determina a verdade traduzida ontologicamente em coexistência ou pluralidade. No movimento de veracização, ocorre o jogo incessante de convencimento dos homens entre uns e outros, jogo que, por vezes, sai dos caminhos da persuasão pacífica e forja-se na força e na violência.

Na pesquisa, é este o momento de escrever a dissertação, ou seja, momento de tornar público o que foi desvelado, revelado e testemunhado por mim, na relação de co-existência singular e plural com os co-autores da pesquisa.

Por fim, o último momento é denominado de autenticação, pois é através de uma singularidade que aquilo que aparece encontra possibilidade significativa de se realizar. É pela experiência singular que as coisas tomam consistência, tornando-se efetivamente reais. “A realidade é uma trama comum produzida e solidificada ao longo do tempo pelo esforço em conjunto e de cada um em sua singularidade”. (CRITELLI, 1996, p. 90).

Neste sentido, a autenticação pode confirmar o modo narrativo como constitutivo da existência humana, já que, a partir da experiência subjetiva, é que configuramos o modo de “ser-si-mesmo”. Única e singular, a partir do espaço coletivo de con-vivência, é a experiência de cada homem que configura a autenticação. “Experiência que não está embasada pelo raciocínio ou pelo entendimento intelectual, mas passa pelo crivo da emoção”. (CRITELLI, 1996, p. 91). É uma experiência pautada numa afetabilidade, produzindo um conhecimento “afetado”, ou melhor, segundo Morato (2003), um “sentido sentido”.

A expressão “sentido sentido” pode ser compreendida, segundo Morato (2003), a partir de Gendlin. O primeiro “sentido” significa caminho, direção, norte, enquanto que o segundo “sentido” refere-se a emoção e sentimento como afetação. Esta autora considera, assim, a possibilidade de compreensão de um “sentido sentido”. Para fazer experiência, seja na clínica ou na pesquisa, um caminho “afetado” apresenta uma questão, que, provocada, se dirige a um norte, para compreender a experiência do caminho afetado. Afinal, as emoções são o solo onde a autenticação se nutre para fazer-se “si-mesmo” com sentido. Assim, um pensamento ou reflexão é, sempre, de alguma forma, também, emocionado.

Para os homens o ser das coisas, assim como o seu próprio ser, manifesta-se por emoções, a partir de seu modo emocionado de implicar-se no mundo. O significado das coisas abre possibilidades de sentido da nossa existência, conduzindo-nos a escolhas, a se fazerem experiência para ser. É por essa perspectiva que, no próximo capítulo, teceremos algumas considerações, ou melhor, um sentido possível para a questão do “ser-si-mesmo” e “ser-com” em situação conjugal, tocado que fui, enquanto narradora-ouvinte desta experiência, por **“algum sentido sentido”**.

4 VIVENDO A CONJUGALIDADE: COMO “SER-SI-MESMO”?

Abaixo são apresentados os nomes pela respectiva letra escolhida para sua fala: **Rui**, **Isis**, **Ana**, **Eva**, **Pedro**, **Maria** e Pesquisadora

4.1 Rui e Isis.

Como é para mim ser eu mesmo em situação conjugal? Situação conjugal para mim é dividir o mesmo espaço é compartilhar com ela... é dividir praticamente tudo da vida da gente... Os filhos são comuns aos dois... a cama é comum aos dois... Até às vezes a roupa termina comum aos dois... É compartilhar os ideais... Cada casal tem seu ideal e objetivo a serem atendidos nem que seja para os filhos...

No que se refere à fala “Casar é dividir espaço comuns”, poderíamos pensar que a conjugalidade seria um espaço em que se dividem as coisas materiais, lugar onde as coisas materiais são comungadas, espaço de “ter” em comum e não de “ser” comum (igual). Ressaltando a importância do reconhecimento de si para melhor conviver com o outro, a singularidade se configura através do encontro pela diferença. Nesta perspectiva, “ser-com” em situação conjugal não diz respeito a ser igual ao outro, mas sim, a um espaço de com-vivência onde se comungam experiências.

Ele diz que cada casal tem objetivos a serem atendidos. Atender a quem? Às imposições sociais? Ao modelo de casamento que se tem como ideal? Não nos parece que Rui está falando em atender a suas vontades e desejos, mas sim, a uma preocupação em atender aos objetivos impostos pela sociedade, dando-nos uma sensação de peso e obrigação.

Acredito que alguns ideais são comuns, mas acredito que outros ideais são BEM separados... È a questão da individualidade... De repente eu tenho meus anseios profissionais... os meus sonhos... que são diferentes dos dele... como exemplo... eu quero fazer meu mestrado e ele não quer fazer o mestrado dele... então, é uma coisa que já é minha... logo não é uma coisa comum ao casal! Existem alguns ideais que são comuns ao casal e outros não são!

Eu vejo um pouco diferente dela... Eu vejo que TUDO tem que ser comum sim!... Porque... se ela vai fazer mestrado... por exemplo... ela tem que administrar até o horário em que ela vai fazê-lo... Sempre tem que haver uma combinação! Lógico que a individualidade é de interesse particular... mas tem que estar em comum acordo... Até o trabalho tem que estar em comum... Tem que compartilhar os sonhos... os ideais... tudo precisa ser compartilhado! È... acho que o que estou querendo dizer... é que mesmo em situações de escolhas individuais você precisa de alguma forma administrar e dividir com o outro quando em situação conjugal?... As coisas precisam ser

administradas... compartilhadas... e divididas... É resolvido tudo junto... o modo como as coisas vão acontecer.

Nesta fala, ele demarca que existe uma diferença, marca a diferença, ao menos, na forma de pensar e, provavelmente, no modo de agir. Utiliza o verbo “precisar”, dando, mais uma vez, a conotação de necessidade. Traz alguns termos que acho interessante abordar, como negociação e combinação. Utilizaremos uma metáfora para discutir o termo combinação. Lembremo-nos daquelas blusas que utilizamos entre a peça de fora e a pele, denominada de combinação, a combinação é um ENTRE, é um modo de demarcar a diferença, e ao mesmo tempo de amaciá-la, o que possibilita uma mistura entre cores e texturas; a combinação pode, então, ser compreendida como um outro que está entre a relação blusa-pele. Articulado com a experiência em conjugalidade, poderíamos entender que a combinação é o que está entre subjetividades (entre ele e ela), e um espaço comum para comungar a vida a dois. Este entre, ou meio constitutivo, Heidegger (2002), nos aponta como o modo constituinte da condição humana de co-existentes (ser-no-mundo-com-outros), à medida que não conseguimos fugir desta condição.

O entre, a que nos estamos referindo, como já dito em capítulos anteriores, não diz respeito a uma relação de fora e dentro, numa perspectiva dicotomizadora, mas sim, numa ótica de travessia, ao que Serres (1993), chamou de trânsito. O entre revelaria um estar em situação de trânsito, implicados que somos no mundo com outros.

No que diz respeito ao termo negociação, as técnicas mais novas de negociação apontam que deveriam ser respeitados os interesses de ambos. Uma boa negociação seria aquela em que ambos negociadores se sentissem atendidos nos seus interesses, precisando ceder em algumas coisas, mas não se negar na sua

vontade. Entender a conjugalidade como negociação talvez fosse interessante, compreendendo que os cônjuges buscam ser atendidos e satisfeitos em seus desejos, mesmo abrindo algumas concessões. A negociação pode ser entendida como abertura ao outro e a si mesmo – abertura para “ser-si-mesmo”, sendo com o outro.

Eu acho que é um momento muito complicado a experiência de “ser-si-mesmo” em situação conjugal...é muito difícil viver a dois..È uma situação simples..ou melhor..deixa eu me fazer entender... Na nossa experiência... o que ele falou compartilhar... compartilhar... COMPARTILHAR... não é tomar o espaço do outro... é você ter o outro como parceiro no momento que precisa! Viver a dois... eu acho muito difícil...exatamente por essa questão da individualidade... você deixa de ser...até de ter sua própria vontade... porque a gente precisa realmente dividir..Como exemplo prático..hoje eu estou com vontade de ir ao cinema, assistir a um filme...Mas meu parceiro não quer ir...porque está com dor de cabeça... Então, muitas vezes você tem que abrir mão..tem que administrar..e não é fácil! Não é todo mundo que administra isso bem... A gente também tem essa dificuldade!

Esta fala retrata como é difícil viver a tensão entre “ser-com” e “ser-si-mesmo” em que, muitas vezes, você nega seu desejo, reprime sua vontade em função do outro. Fala das vezes que precisou negar sua vontade para atender a do outro, e reforça como é difícil viver a dois, pois precisa deixar, muitas vezes, de fazer aquilo que se quer e do que se gosta. Percebe-se a tensão entre singularidade e conjugalidade vivida como angústia, implicando um encontrar-se encontrando-se, segundo Morato (1999). Esta situação de encontrar-se pela alteridade reside no modo do homem ser, ou seja, a tensão entre “ser-si-mesmo” e “ser-com” é uma

tensão originária do modo de existir. Isto não é uma prerrogativa apenas das relações conjugais e sim da convivência com o outro de um modo geral.

Esta narrativa nos faz retomar o que foi discutido em capítulos anteriores, no que diz respeito ao “ser-com” em situação conjugal na contemporaneidade. Segundo Simmel (1950 apud FERES-CARNEIRO, 2001), habitamos um mundo de exclusão do “ser-com”, apontando para a dificuldade de conviver com o diferente, buscando, assim, cada vez mais, uma igualdade de pensamento, de objetivos e de opiniões.

Segundo este mesmo autor, as tensões existentes entre singularidade e conjugalidade no casamento contemporâneo contribui para a dificuldade de se ser casal. Percebemos, tanto na narrativa de Rui quanto na de Isis, uma tensão constante entre “si-mesmo” e “ser-com” em situação conjugal, habitando aí, talvez, a dificuldade de ser casal para eles.

Ontem mesmo a gente tinha combinado de sair para tomar uma cervejinha, mas quando foi à noite eu estava com enxaqueca... então... não saímos!

Eu estava com muita vontade de sair...mas não fui por causa dele...então coloquei minha cerveja no freezer e tomei cerveja em casa...Ou seja... se eu não fosse casada e não tivesse filhos, eu...com certeza...ontem...teria ido ao barzinho! Não que isso tenha abalado minhas estruturas, mas acho que a individualidade fica comprometida... Acho muito DIFÍCIL... tem que ter muito desprendimento para poder viver a dois! Desprendimento de minhas vontades...

Esta narrativa nos remete a uma conotação de sacrifício, uma idéia de que “me sacrifiquei por causa de você” como se não pudesse “ser-si-mesmo” por causa

do outro, posição muito vitimizadora. Tira-se, assim, a responsabilidade por suas atitudes situando-se numa postura de queixosa; sem assumir as responsabilidades de sua escolha, não se deixando levar para o espaço da angústia, pois atribui ao outro seu mal estar.

Articulando a fala de Isis ao que Heidegger (2002), diz, ao referir-se ao modo próprio e impróprio de se estar-no-mundo-com, teceremos algumas considerações, acerca do modo de estar no mundo dos homens. Certamente, aos olhos de Heidegger (2002), o modo de expressão dessa experiência imprópria não surpreende. Quando, em “Ser e Tempo”, Heidegger (2002) levanta os modos como o ser-aí pode decair na impessoalidade, ele evidencia que a compreensão de si mesmo do ser-aí está marcada pela condição da impropriedade. Por isso, o ser-aí *comumente* se mostra indeciso, por não poder comprometer-se consigo mesmo pelo que diz, por não poder compreender o que se apresenta como realidade, ou seja, por não perceber a pluralidade dos seus aspectos, não pode abrir-se a outras possibilidades de sentido e produção de significados a que conduz a compreensão. Daí a razão de compreender o ser humano como aquele a quem cabe a tarefa de cuidar de ser. Na verdade, não lhe escapou o fato de que a possibilidade do *próprio* é sempre uma condição a ser reiteradamente conquistada, uma vez que o ser-aí, na cotidianidade, existe no modo de ser da impessoalidade, ou seja, no ser próprio-impessoal.

Nesse percurso existencial, no caminho para encontrar a si mesmo, encontram-se, irremediavelmente, apenas vestígios de si mesmo, apontando-lhe para cuidar de ser o que não ainda pode ser. Sofrimento e desamparo são humores a se fazerem presença neste caminho, demandando re- visar e re-escolher outras possibilidades de ser, provocando desalojamento, que é condição para poder ser, ou

seja, angústia seria condição para poder ser “si-mesmo”, um modo de resgate da propriedade. É neste sentido, que a fala de Isis nos remete à impropriedade apontando, assim, para uma fuga da angústia no modo de encontrar-se.

Vamos trazer para nossa realidade sem generalizar... Eu sei que Rui não gosta que eu use blusa transparente... então... eu deixo de usar porque ele não gosta... e isso me chateia um pouco... È como se eu deixasse de fazer minhas vontades às vezes para atender ao outro...

Eu acho que isso acontece das duas partes... Cada cabeça é um mundo... Só que colocar dois mundos diferentes num mesmo espaço... é muito complicado! Muito difícil! Acho que todo casal deveria passar por um encontro de casais antes de casar para analisar se quer mesmo casar e se tem vontade... porque é muito sério! Desde que a gente está junto... para mim é para sempre... por mais briga e confusão que tenha... Pode ser que um dia a gente venha a se separar... mas minha cabeça é “para sempre”! A gente tem que administrar os problemas da melhor maneira possível... um cede de um lado... o outro cede de outro... e tentar ir conciliando os dois mundos que agora vivem no mesmo espaço!

Conciliação de dois mundos num mesmo espaço, criação de um modo de com-vivência entre “si-mesmo” e “ser-com”. Este incomodo, fundado na dificuldade de viver a singularidade e a conjugalidade, é uma questão conflituosa para ela, acabando por ser também uma questão para Rui, porque ele convive com ela.

Ele apresenta uma concepção de casamento pautada numa visão ainda tradicional de casamento, referendando os valores culturais e ideais de casamento

que estabeleceu para si, de acordo com sua experiência e relação com a cultura. Parece que, para ele, em primeiro plano, está a conjugalidade e, em segundo, estaria a singularidade, enquanto que, para ela, seria o contrário: a singularidade aparece como figura, deixando como fundo a conjugalidade, demonstrando uma concepção de casamento diferente da dele. Ao retomar nossa questão, **como é a experiência de “ser-si-mesmo e “ser-com” em situação conjugal na contemporaneidade?**, alguns aspectos relacionados à gestalt-terapia serão considerados, à medida que pode haver uma aproximação entre temáticas. Assim, alguns temas teóricos dessa abordagem serão aqui resgatados brevemente, visto não ser objetivo deste trabalho articular conceitos de teorias diferentes.

Um dos aspectos teóricos diz respeito ao conceito de figura e fundo, que é discutido como um jogo dinâmico de forças em que tanto pode emergir algo como figura ou fundo, dependendo do contexto subjetivo de cada indivíduo. Neste sentido, designa uma perspectiva dinâmica em que um elemento se torna figura em determinado momento a partir do fundo ou do contexto, em que está inserido. Não se trata de uma perspectiva de opostos, pois os elementos estão completamente implicados um no outro. Nesta ótica, “ser-si-mesmo” e “ser-com” poderia ser aproximado a partir deste jogo de figura e fundo, pelo qual só é possível emergir-se como “si-mesmo” quando em relação (“ser-com”) e vice-versa; diz respeito a uma relação de complementariedade e não de exclusão nem oposição. Enquanto se experiencia o “si-mesmo” simultaneamente, estamos, também, no modo de “ser-com”, ocorrendo, entretanto, alternâncias entre aquele evidente (figura) e aquele que se difunde (fundo), pelo contexto em que se mostram. Dizem respeito, por uma aproximação, com os modos de ser como conjugalidade e singularidade, mantidas em articulação tensional e não de oposição.

Engraçado que hoje eu estava almoçando com uma amiga do trabalho e estávamos conversando sobre uma colega que deixou de trabalhar por causa do marido ... eu ... comentando sobre o assunto... dizia que se meu marido chegasse para mim e falasse... ou o trabalho ou ele... eu ...Isis... perco o marido mas não deixo de trabalhar! A gente estava questionando como ainda hoje existem mulheres que acham melhor ficar em casa cuidando de filhos e do marido... abrindo mão da sua realização profissional em função de um casamento... Eu jamais faria isso! Eu perco meu marido... mas não perco o emprego!

Para mim, eu acho que a gente termina NÃO SENDO si mesmo na situação conjugal... A gente termina tendo tanto cuidado para não machucar o outro... que a gente termina não sendo... talvez a gente tenha momentos de si mesmo... é necessário compartilhar mesmo tudo! Eu não acho isso RUIM não... Parece que Isis acha o contrário... que quando a gente casa... deixa de “ser-si-mesmo”!

Esta fala me traz algumas reflexões: “quando casa deixa de “ser-si-mesmo”, trazendo-nos a compreensão que, quando se casa, não dá para “ser-si-mesmo” “em si”, ou seja, para conviver é necessário “ser-si-mesmo” sendo com, é ter o aspecto do conjugar que não se resume a viver em situação conjugal, mas sim, no mundo com os outros. O “ser-com” no mundo é um dos aspectos que não permite o ser “em si”, pois, por condição existencial somos seres com. Talvez o individualismo seja uma tentativa de viver este ser “em si”, negando a própria condição humana de “ser - com”. Percebe-se, então, uma diferença no modo de conceber o casamento. Neste sentido, observa-se como a cultura interfere na experiência subjetiva de cada sujeito, à medida que cada pessoa constrói seus ideais e seus valores.

Eu não sou eu, pois penso sempre no outro... se ela vai gostar ou não... Então eu prefiro não fazer determinadas coisas ou não ir a algum lugar... que ela não goste... para evitar confusão! Eu sempre tive muita tranquilidade em relação a isso... nunca me afetou... nunca me abalou o fato de deixar de fazer as coisas por ela!

Na minha opinião só é possível ser eu mesmo sozinho, sem estar em situação conjugal!!! Porque... nela... a gente pensa no outro o tempo todo!

É... Pensar no outro é deixar de ser eu mesmo... Porque a gente deixa de fazer as coisas por causa do outro... e até de pensar algumas coisas!

São dois “si-mesmos” diferentes tentando conviver. Nesta direção, como discutido no capítulo anterior, teceremos algumas considerações acerca do estrangeiro, articulando-o a esta experiência. Segundo Arbex (1998), o estranho, muitas vezes, nos ameaça, emergindo, assim, uma tentativa de aniquilar todas as diferenças, à medida que elas incomodam demais. Nesta direção, o estranho muito próximo reflete o estranho em mim, tornando-se impossível conviver e restando, apenas, a alternativa de aparar as estranhezas, para continuar ao lado do outro.

Ressalta-se, aí, a dificuldade de conviver com a alteridade. Segundo Arbex (1998), cada vez mais a diferença é sinônimo de marginalidade e de ameaça; o diferente nos coloca diante da dúvida e da angústia, pois foge ao nosso padrão e controle. Excluir o estrangeiro seria negar nossa própria condição existencial de “ser-com”.

Olha eu penso assim... do lado prático... da roupa... do barzinho...a gente completamente perde a individualidade... Pelo menos no nosso caso... acho que não existe individualidade... Acontece com os dois! Mas eu acho que a gente não perde a individualidade quando a gente está com a gente mesmo... Eu encontro comigo na hora em que eu tomo banho... na hora em que vou dormir... eu entro em contato comigo mesmo... até para poder administrar meus conflitos... minhas perdas... É nesse momento que eu posso “pensar por mim”... então “eu sou eu”... Acho que ele tem razão... casamento... quem não souber administrar... não deveria entrar. A gente poderia saber isso antes... como participando de uma oficina de casais... Deveria existir um prédio, com vários apartamentos, que fossem alugados para os casais passarem um mês... ou um ano... para então analisar se vão casar ou não... Passado esse período, decidiriam se iriam se casar ou não...

Percebe-se, neste depoimento, a tentativa de livrar-se da angústia, como se pudéssemos preparar-nos para viver. É a busca do controle do imprevisível, pois, por dificuldade de viver na angústia e no imprevisível, pensa-se numa alternativa na qual se pudesse experimentar a situação conjugal, sem que, associada a ela tivesse que se deparar com o descontrole dos fatos. É uma tendência ao pragmatismo, como uma alternativa para nos livrarmos da dor e do sofrimento. Parece-nos que ela vive a conjugalidade como invasão, perda ou roubo de privacidade. O “ser-com” em situação conjugal, para ela, é vivido como perda da singularidade, uma perda de si, em que não é possível “ser-si-mesmo” sendo com em situação conjugal.

Na verdade eu estou muito satisfeito... não acho que gostaria de saber algo antes de casar... Eu sei de alguns problemas que a gente tem... Mas acho que é isso mesmo... tenho exemplos da vida dos nossos pais... e já sabia que era assim! De casamento... do casamento dos meus pais... então já

sabia como era o casamento... Quando me casei... já fui perguntando... se ela queria ter filhos comigo... Compartilhar nossas vidas... Até que a morte nos separe... Pois quero ficar com você para sempre!... Não foi, Isis?

Já para Rui, “ser-si-mesmo” é ser em conjugalidade e isso não o incomoda. A partir de seus padrões culturais e modelo de educação referenciado pelos pais, “ser-com” seria viver a conjugalidade como figura, deixando de lado a singularidade. Ele entende que nada é perfeito e que é possível viver o “ser-com”, sem incômodos para sua singularidade. Neste momento, ele está falando de sua experiência enquanto filho de um casal, de um determinado contexto histórico, apontando, aqui, para o processo de endoculturação, em que cada pessoa aprende determinados valores culturais a partir de suas referências familiares, na sua experiência, enquanto filho e homem. Rui aprendeu que casamento deve ser vivido como algo indissolúvel, as coisas e a vida devem ser compartilhadas em tudo, demarcando, assim, sua concepção de casamento.

Sim... mas acho que a gente deveria “NAMORAR” o resto da vida... Hoje... entendo aqueles casais moderninhos que cada um mora no seu apartamento! Antes eu dizia... “Meu Deus como pode?” Hoje eu entendo... quando você namora tem sempre aquela coisa de sedução... de não estar junto o tempo todo que desgasta muito a relação... Então, hoje eu entendo!

O namoro seria uma forma de manter o que é bom, sem o peso da convivência. Seria um modo de vivência, no qual não se faz necessária a convivência. Quando incomoda, afasta-se e, cada um vai para sua casa, não precisando manter-se ao lado do outro, pois a situação conjugal configura um

espaço de intimidade onde o incômodo mora ao lado, ou melhor, junto de você. Tornando-se mais difícil livrar-se do incômodo. A conjugalidade poderia ser compreendida, assim, como o espaço onde o estranho (alteridade) se faz familiar, próximo.

Acho que a melhor época da vida é a época de NAMORADO... Se todo mundo soubesse disso namoraria o resto da vida... Casado, a gente tem que saber dividir tudo! Até o banheiro...

Não é só o dia-a-dia... é também deixar de fazer o que se gosta... ir ao shopping... tomar um chopinho com uma amiga... ir ao cinema... hoje mesmo uma menina que trabalha comigo estava comentando que queria ir assistir Cazuza mas não vai porque não tem companhia... fiquei até com pena dela... fiquei pensando que eu poderia sair do trabalho e ir com ela ao cinema... mas na mesma hora pensei em RUI e imaginei que ele não gostaria que eu fosse... então fiquei calada! Se eu falar que vou ao cinema com uma amiga tenho certeza que ele acha um absurdo!

Com certeza iria achar um absurdo mesmo...como sei que você também não gostaria que eu fosse com um colega para o cinema sozinho!

Quem sabe a gente não pode começar a fazer esse exercício?

Percebemos, através deste depoimento que a narrativa se mostra como possibilidade de abertura para um corte do cotidiano, facilitando olhar para a vida, na tentativa de criar novos significados e sentido. Percebe-se, nessa fala, uma elaboração de experiência, em que ela questiona o modo de con-vivência atual e

sugere possibilidades de mudanças. A narrativa, deste modo, configura-se como abertura a si-mesmo, a partir de um encontro pela alteridade. Isis, ao narrar sua história, revela a narrativa como um meio de resgate de sua experiência, abrindo, assim, possibilidade para sua elaboração.

Eu não gostaria... Acho que na hora que a gente está no casamento muita coisa tem que ser dividida! Ela para mim é minha companhia... para todas as horas... talvez eu esteja forçando a individualidade dela... o “ser-si-mesmo”... não sei... mas a minha maneira de pensar é que a partir do momento que estou casado eu tenho que compartilhar tudo...

Serão irmãos siameses, em que tudo precisa ser igual, não havendo espaço para o diferente, para o estranho? Talvez a questão seja considerar a alteridade como elemento fundante para a construção de nossa singularidade, condição da qual não poderemos nos livrar. Para reforçar esta perspectiva, Enriquez (1998) complementa que, ao aproximarmos-nos das nossas estrangeirices, tendemos a negar o outro na sua alteridade e buscamos uma aproximação, uma igualdade. Vale ressaltar que o estranho, no mínimo, é uma ameaça à raça e no máximo, mostra a diferença.

Sim...Para mim essa é a minha concepção de casamento Para mim casamento é conviver... é estar junto o tempo todo... é participar de tudo... é uma convivência de tudo!

É...eu deixei de fazer muita coisa...eu cheguei a abalar minhas relações de amizades...Um dia liguei para minha irmã e meu cunhado atendeu ao telefone e disse que ela tinha ido tomar um

chá com as amigas e que iria para lá mais tarde... fiquei pensando... que legal! Jamais eu poderia fazer um negocio desse... Acho que de repente isso é tão saudável! Ter momentos de ficar sozinha... conversar abobrinhas...

Parece que eles elegeram figuras excludentes para viver em situação conjugal: ele elegeu a conjugalidade e ela, por sua vez, elegeu a singularidade, como se eles entendessem a conjugalidade e a singularidade como excludentes, faltando talvez uma interlocução entre as figuras eleitas, tornando-se um interdito mal compreendido, por apresentarem uma posição binária numa visão de opostos a serem rejeitados e excluídos. Segundo Woodhard (2000), a singularidade não é o oposto da diferença, não se trata de uma relação de opostos. Nesta linha de reflexão, caberia pensar o “ser-com” e o “ser-si-mesmo” não como opostos, mas sim, como complementares. Qual a dificuldade de conceber a experiência de “ser-si-mesmo” sendo com? Como não intercambiá-las? Se é próprio da condição humana de co-existência a tensão entre “si-mesmo” e “ser-com”, como, então, vivê-la?

Acho que você pode ter amigos íntimos... mas amigos de trabalho são colegas e não amigos! Eu não gostaria que você saísse com colegas de trabalho... assim como você também não gostaria que eu saísse! Acho que casamento interfere até nas escolhas dos amigos! São essas coisas que eu acho que ISIS é muito individualista! Na concepção dela quando falo em sair com algumas pessoas que ela não considera interessante ela pede que eu não saia... mas o contrário ela não gosta!

Desvela-se, aqui, uma ambivalência: vontade de sair também, mas ela não o deixa sair; demonstrando talvez que ele também sinta vontade de sair, mas não vai,

pois compreende que casamento tem que ser vivido tudo juntos, não sendo permitido experimentar e viver momentos sozinhos com outras pessoas, sem que, necessariamente, o companheiro esteja ao lado.

Hoje nós não temos amigos da época de solteiro...alguns amigos “nossos” eram “meus” amigos... RUI não tem amigos da época de solteiro... nem de época nenhuma... acho isso tão estranho!

Ela fala de amizade... para mim amigo é o meu pai... minha mãe... eles são meus amigos... os outros são colegas...As pessoas... cada um tem interesse em si próprio... Se estiver bem, eu estou contigo... caso contrário não estou mais... está aí a diferença do casamento... está com o outro em todas as horas... na saúde... na doença... na alegria... na tristeza e até que a morte os separe! Casamento para mim é isso!

Já para mim... eu acho que não TEM que ser eterno... ou melhor... Tem que ser eterno enquanto durar... Tem que durar enquanto estiver bom para os dois... meus pais não foram exemplo de nada para mim no sentido de casamento... Minha mãe vivia bem... eu nunca vi briga entre eles... Eles educaram os filhos muito bem... mas viviam por obrigação de estar casados... ela não se sentia amada por ele... não era uma mulher feliz... tesão nem pensar... relação sexual... muito menos... Nunca amou! Hoje ela se lamenta... Pois... esse é um exemplo de casamento... que eu não quero para mim!

Esta última fala, aponta para o casamento como uma escolha livre de manter-se ou não casada, enquanto bem-estar e não como obrigação. Remete a sua

experiência enquanto filha que observou e viveu com os pais que não se gostavam, mas viviam juntos por obrigação. Parece, que na sua experiência enquanto filha, o casamento dos pais não se mostrou como forma de bem estar e sim, de muita infelicidade, pois encaravam o casamento como obrigatoriedade, voltados a uma concepção de indissociabilidade do casamento.

Desta forma, percebemos como a instituição casamento tem mudado de valores, pois, anteriormente, o casamento era, acima de tudo, uma unidade econômica e de parentesco, com a finalidade de criar os filhos, independentemente dos sentimentos que envolvessem os casais, que, muitas vezes, mantinham suas relações familiares para criar os filhos, mesmo quando não havia satisfação naquele tipo de relação. Segundo Singly (1993 apud FERES-CARNEIRO, 2001), atualmente estamos muito mais próximos do casamento como bem-estar e satisfação dos indivíduos do que como obrigatoriedade de manter-se casado, independente de suas vontades.

Mais espera um pouco... se eu não estiver bem ao lado da minha esposa... se não tiver relação sexual com minha mulher... não vou manter meu casamento por causa da concepção que tenho de casamento! Mas enquanto eu poder administrar... resolver... e chegar a um denominador comum... eu tentarei! Casamento é para todas as horas... se o cara estiver lá na merda você tem que estar junto... tem um ditado que diz “quem come a carne rói os ossos”!

PESQUISADORA – Acho que está claro o exemplo de casamento? Mas aqueles momentos de si mesmo quais são?

Tem vários momentos de si mesmo... no trabalho... tomando banho... viajando...

Engraçado ...estou pensando... neste momento...que para “ser-si-mesmo”... que você chamou atenção... é preciso estar sozinha... de repente ... nesse momento... posso pensar o que quiser... fazer o que quiser... estar sozinha são momentos de ser eu mesmo! Poderia talvez pensar em dizer que eu conseguiria viver mais fácil o si mesmo quando distante... afastado do outro...

Parece que Isis não se resguardou, que se descuidou de si e, esta se percebendo agora como anda descuidada e invadida em sua privacidade, não podendo “ser-si-mesma” ao lado do companheiro, acreditando até que só é possível viver momentos de si mesma quando afastada dele.

Eu sou eu mesmo quando estou junto com ela... eu sou eu mesmo quando estou dançando com ela... me divertindo com ela... fazendo alguma coisa com ela! A partir da hora que a gente casa tem que dividir todos os momentos! A gente deixa de “ser-si-mesmo” quando casa! Meu momento de ser eu mesmo... eu tenho, mas é compartilhado... “ser-si-mesmo” é ser feliz a dois... Se todo mundo conseguisse “ser-si-mesmo” ao lado da pessoa que gosta seria ideal... Mas... o outro tem que ser complemento seu... Não dá para ser individual no casamento...

Eu tenho uma amiga que é bem alegre... fala muita besteira... toma uma cachaça boa... Ela é advogada e o marido dela é médico... eu perguntei a ela... “Como é que seu casamento dá certo?”...Ela respondeu....“È porque ele respeita o meu jeito de ser e eu respeito o jeito dele ser!”

No nosso caso... RUI nunca respeitou nem aceitou meu jeito de ser... me abafou muito... Eu sou muito falante... gosto de rir demais... então... não posso “ser eu”... porque ele me tolhe muito!

Mas você tem que agradar o outro... você pode até ser você... desde que o outro lhe complete! A verdade é essa... infelizmente! INFELIZMENTE é a verdade? Oh! Felizmente! Não sei... estou SATISFEITO com a minha maneira de pensar e viver o casamento... tem casais que casam onde um tem sua casa e o outro mora em outra casa... para mim isso não existe... ou você casa ou você não casa... então é melhor continuar namorando!...

É... mas agora estou pensando numa coisa NOVA... acho que compartilhar... não quer dizer mudar o outro... ou melhor... moldar o outro do seu jeito... Quando a gente tem uma amizade geralmente a gente se relaciona com ela do jeito que ela é... A gente compartilha tudo no casamento... mas não quer dizer que eu vou mudar o outro... acho que tem que aceitar o jeito do outro ser e compartilhar... e não moldar o outro de acordo com os meus conceitos... com meus gostos! Estou pensando nisso agora... o problema não está no compartilhar... pois nós estamos compartilhando o tempo todo na sociedade... você compartilha no trabalho... no supermercado... nós vivemos em sociedade... nós não vivemos sozinhos... então compartilhar é uma constante... mas mudar o jeito do outro é que não concordo! Percebo que estou em relação com o outro o tempo todo... como qualquer ser no mundo que você é... Exatamente... se relacionar é uma constante... Agora isso não quer dizer que eu tenho que mudar ou fazer o outro mudar em minha função!

Esta participante começa a se dar conta de que não enfrenta dificuldades em se relacionar com outros em sociedade, estabelecendo relações de respeito às

diferenças, mas ressalta que, no casamento, ela precisa se moldar ao jeito do companheiro sem poder “ser-si-mesmo” ao lado dele, tendo que ser negada na sua diferença para melhor viver com ele, vivendo a conjugalidade como uma invasão de si.

Aponta-nos para nossa condição existencial, ser-no-mundo com os outros, mas faz uma distinção entre ser no mundo com outros em sociedade e ser no mundo com “em situação conjugal”. Aponta-nos, portanto, para uma diferença, pois, quando em situação conjugal, na experiência dela, existe uma dificuldade de respeitar o “ser-si-mesmo” de cada um, uma tentativa de negar a diferença.

Interessante! ISIS fala em uma necessidade de liberdade, mas na prática, ela também não deixa que eu viva a minha liberdade... É muito bonito na teoria... mas na prática... é complicado! Entretanto, ela vive se queixando e reclamando da obrigação de agradar o outro e satisfazer o outro... Acho que ela tem dificuldade em compartilhar!

Não concordo!!! porque eu compartilho muito bem com todos ao meu redor... no trabalho... com minhas amigas... Mas no casamento parece que esse compartilhar é se moldar ao outro... É diferente!

Acho que você não nasceu para casar... É por isso que você está já no seu segundo casamento!

Para você é mais fácil ceder... porque você acredita nisso! Mas comigo é diferente! Eu tenho mais dificuldade de ceder porque me incomoda... não é o que eu acredito...

Então... de repente... a gente deveria estar separados e não casados!

Infelizmente... Eu acho muito complicado... porque estamos saindo de uma crise... Talvez é mais gostoso o lado do namoro... o momento de sair junto... curtir o outro... mas viver juntos é difícil!

Eu não acho que perdi minha individualidade... Eu simplesmente a acoplei à outra pessoa... Eu posso ser eu mesmo ao lado dela!

Não! Não pode! Eu não sou a mesma quando estou ao seu lado e quando estou com meus colegas... Ao seu lado, sempre fico muito tensa... preocupada... Eu estou deixando de ser ISIS a partir do momento que estou me comportando como ele gostaria que me comportasse ... Eu não posso estar relaxada!

Eu acho que ISIS passou a viver uma história que ela não vivia antes... Ela começou a trabalhar num local em que a maioria das pessoas são solteiras... individuais... ou estão separadas... São pessoas de barzinho... de farra... não tem um casamento sólido... e parece que isso influencia um pouco ISIS!

É como se ISIS estivesse deixando de compartilhar minha concepção de casamento... ou da própria concepção de um casamento... Não sei... Acho que ISIS não deveria ter casado... ela não dá para estar casada... Porque depois que a gente casa... não dá para separar as coisas... Inclusive... já comentei com ela... caso ela queira ir viver a individualidade

dela... Agente se separa... e então... ela pode viver o “SER ISIS”.

Eu realmente... me sinto sufocada... Estou me lembrando quantos contatos com colegas eu perdi... Eu perdi muito... Talvez eu possa estar continuando a ser ISIS... Mas... a minha personalidade está abalada!

ISIS tem dificuldade de compartilhar as coisas! Acho que ela não aprendeu a dividir as coisas... Acho que ela não dá para viver um casamento!

Acho que... de repente nós dois perdemos a individualidade... os dois estão sufocados... Individualidade seria o contrário de conjugalidade... Não sei... Será que só se pode ser casal se não for individual e vice-versa?... Será que só se pode ser individual fora do casamento?...

Não sei... Mas eu acho que eu posso “ser eu mesmo” ao lado dela! Acho... que a gente não consegue sempre “ser-si-mesmo” ao lado do outro... acho que existem momentos de si mesmo...

Eu acho que o saudável numa relação é você ter essa liberdade de “ser-si-mesmo”... eu quero voltar a ser eu mesmo... de novo! Porque antes eu era...

Só se você era si mesmo... antes de casar!

Não! Depois que casamos... logo no início... eu era “eu mesma”... Com o tempo... fui me moldando ao seu jeito! Hoje... tudo vai mudar novamente... Quero voltar a ser eu!... Estando ao

seu lado! Mas!!! hoje... eu não existo... Tenho que me policiar com tudo... no que vou falar... o que vou fazer... eu não vivo à vontade ao seu lado!

Ninguém vive à vontade...normal... nenhum casal vive à vontade... sempre um está pensando no outro... e fazendo as coisas para não desagradá-lo! Você é você mesmo sempre pensando no outro!

Essa concepção de casamento dele é muito sufocante!... é por isso que resisto tanto... algumas vezes... pois não tenho essa mesma concepção! Isso é para mim um incômodo e me faz me queixar bastante...

Para mim parece mais confortável ... não me incômoda viver assim...

Eu lamento muito... Lamento tantas perdas...Mas é difícil eu ser eu mesma na situação conjugal...

Isso é natural do casamento... O casamento provoca isso... A gente perde muita coisa em função do outro... deixa de lado muitas coisas que a gente gosta... mas eu não lamento... tanto!

Vou te dizer uma coisa... A partir do momento em que você começa a compartilhar... até a mesma cama... fica difícil... momentos de si mesmo... Eu sou eu mesma quando exponho meu pensamento... e quando não sou obrigada a pensar igual a ninguém... quando eu brigo pelas minhas vontades e pensamentos... estou sendo eu nessa hora!

Eu não deixei de ser RUI... mesmo ao lado dela... Só passei a compartilhar minha vida! A gente não deixa de ser si mesmo no casamento... Passa a “ser-si-mesmo” junto de alguém! No casamento tem que estabelecer regras de comum acordo para que eu seja eu e ela seja ela! Tem que ser interessante para os dois...

Tem que administrar... momentos para “ser-si-mesmo”... Mas... às vezes é impossível...

Administrar... pensando em compartilhar... pensando no outro...

Estou pensando agora em algo mais interior... quem eu SOU e quem eu ESTOU ?

Eu sou eu... um cara que é casado... que vive para mulher e para os filhos... Eu sou caseiro... gosto de dançar... Sou feliz! Hoje eu sou professor de educação física... Sou um pai legal... e gosto de viver! Sou um cara simples... porém complicado também!

Rui remete-se aos papéis sociais que ele cumpre na sociedade enquanto pai, professor e marido, voltado para as exigências sociais que estão atribuídas a ele, ressaltando a importância de atender a esses papéis que lhe competem. Assim, a representação social surge como uma maneira de sustentar a angústia do ser lançado, ou mais simplesmente, como uma possibilidade de manter a esperança da identidade estruturada, da estabilidade alcançada frente à fugacidade liquidificante

do mundo contemporâneo. Por este prisma, a experiência de “ser-si-mesmo” é percebida como um conjunto de papéis sociais vividos e experienciados por Rui, definindo-o.

Eu SOU: amada por mim... feliz... alegre... gosto de me relacionar... de um modo geral... Eu me amo... Agora... eu ESTOU: sufocada... cobrada... perdida... tentando catar pedaços de uma relação... ou estou tentando reconstruí-la... Estou triste... Para mim, a diferença é que no ESTOU... eu não SOU... e no SOU... eu não ESTOU... Brigas... crises... confusões... está muito difícil ser eu mesma... Acho que deveria ser proibido... por lei... entrar em crise... pois é um desgaste muito grande!

Tem que administrar...

Tem duas ISIS... uma que está sendo... e a outra que é... em alguns momentos, eu sou ... e em outros, eu estou... Neste momento da vida, 99% do tempo eu ESTOU... Isso me incomoda... eu ter: que estar sendo alguém que eu não gosto de ser... me incomoda profundamente...

Será que o casamento entrou em crise por essa dificuldade de “ser-si-mesmo” em situação conjugal? Para mim, a crise foi uma questão mais dela... Ela entrou em crise! Então, levou o nosso casamento à crise! eu acho que foi por causa da morte do pai dela...

A morte do meu pai foi a gota d’ água, mas não foi o motivo da crise... O casamento vinha em crise... e de repente... eu não agüentei mais e estourei!

Quando eu casei... eu já sabia que era desse jeito... Talvez ISIS não soubesse... ou não consegue... compartilhar... Acho que casou... perdeu a individualidade... Todo casal deve ter essa consciência!

É complicado...

PESQUISADORA – Gostaria de agradecer a participação de vocês! Vocês querem fazer algum comentário?

Para mim... no casamento a gente tem que traçar regras... tem que tentar entender a cabeça do outro... não é fácil conviver... No namoro, é muito mais gostoso... Mas, a relação a dois é boa...

Eu também gosto de estar casada... Talvez... precise mudar algumas coisas... Com essa conversa, algumas coisas ficaram mais claras para mim...

Para mim ficou mais claro como ISIS é individualista... ela precisa administrar melhor para viver em sociedade...

Em sociedade eu vivo muito bem... A minha dificuldade é viver no casamento...

Para viver a dois... acho que ela precisa de mais tempo para administrar essa situação... Aqui... confirmou como é difícil para ela viver um casamento... Talvez... isso tenha repercutido muito no nosso casamento... e então chegou a crise... Eu aceito as limitações com mais resignação... ela se

incomoda mais... Talvez esse seja o grande problema do nosso casamento!

Talvez hoje eu esteja querendo re-configurar nossa relação... mas não sei se vai ser possível... não sei se a gente consegue...

Parece-nos que este casal tem encontrado tensão no que se refere à experiência de “ser-si-mesmo” e “ser-com” em conjugalidade. Apontando-nos para um sentido que nos foi compreendido **“Tensão: entre Rui e Isis”**. Se mostram como dois si-mesmo diferentes tentando conjugar-se, mas nesta tentativa encontram dificuldades e tensão, possivelmente por apresentam concepções de casamento diferentes. De certo modo buscam uma extinção de comportamentos diferentes, no intuito de encontrar uma maior igualdade de pensamento e de vontades, negando, muitas vezes, a vontade do outro, ou melhor, negando o outro em sua diferença.

Percebe-se também que Isis é a mais incomodada com esta negação de “si-mesmo”, demarcando uma diferença no modo de viver este fenômeno. Assim, vê-se como a experiência subjetiva é singular e vivida por cada sujeito de um modo próprio.

Este depoimento apontou, também, para a influência dos modelos culturais de casamento que experienciaram enquanto filhos, reforçando como a cultura e a sociedade interferem no modo de conceber e viver o fenômeno da conjugalidade.

Observou-se, ainda, uma tentativa por parte dela de criar novos acordos de convivência com ele, e ele, por sua vez, rejeitou a proposta, mesmo reconhecendo que seu casamento está em crise.

A partir deste encontro parece que ficou mais claro para ambos qual a concepção de casamento de cada um, demarcando assim, uma diferença no modo

de concebê-lo e vivê-lo enquanto experiência subjetiva de Rui e Isis. Percebemos que o “ser-com” em situação deste casal está em crise devido a vários fatores, um deles, a dificuldade de lidar com a tensão entre singularidade e conjugalidade.

- Segundo momento com os cônjuges.

A seguir serão descritos os depoimentos de Rui e Isis, do segundo encontro com o casal, cujo objetivo é entregar as narrativas dos cônjuges para que cada um confirme, altere e autentique seu depoimento. As narrativas foram entregues para cada cônjuge e marcamos de conversar após 15 dias.

Depoimento de Isis

Eu li meu depoimento e não retiro nada do que foi dito... acho que casamento... realmente não é fácil... ficou mais claro com aquela conversa... como somos diferentes... na maneira de pensar e viver o casamento... mas... por incrível que pareça... depois daquela conversa... estamos conseguindo nos ajustar um pouco mais... ficou mais claro... o que cada um pensa... talvez... a gente... nunca tenha conseguido... conversar daquele jeito... se escutando... e escutando o outro... talvez... isso... ajudou para hoje estar melhor...! Não teria nada para alterar... acho que é isso mesmo...

Depoimento de RUI

Foi muito legal... ler o que eu falei... não teria nada para alterar... foi aquilo mesmo... acho que estamos melhorando um pouco... talvez estamos nos entendendo mais... estamos entendendo mais o lado de cada um... ela está um pouco melhor... e ... eu... também... acho que melhorei um pouco com ela... o casamento tem saído da crise... talvez... aqui... conseguimos conversar melhor do que em casa... estamos melhor...

Percebemos como este tipo de pesquisa clínica, via narrativa, é propiciadora de um encontrar-se se encontrando com o outro, espaço intersubjetivo fértil para criar sentido e produzir novos significados, momento para escuta de si (encontrar-se consigo) e do outro enquanto alteridade, criando, assim, espaço para à elaboração de experiência.

4.2 Ana e Eva

Como é nossa experiência em “ser-si-mesmo” em situação conjugal? Penso que é tranqüila... estou muito satisfeita... consigo ser eu mesmo... é muito fácil! Tenho... às vezes... um jeito um pouco difícil... mas... na mesma hora... eu percebo que estou perdendo o controle e procuro me acalmar... me afasto um pouco para eu me acalmar... para espairer primeiro senão... eu acabo sendo muito agressiva... Fico um pouco chateada com esse meu jeito... mas não consigo mudar... e Eva já me compreende... Ela deixa eu me acalmar para depois conversarmos... “ser-com” na situação conjugal... como todo casal... a gente precisa abrir concessões para poder conviver bem e ser feliz... Uma coisa é muito favorável no relacionamento da gente... é que nos somos muito parecidas... estudamos juntas na mesma faculdade... temos a mesma área de interesse... gostamos das mesmas músicas... os programas de lazer são também muito parecidos... Até o que a gente não gosta é parecido... não gostamos de café... Então... são coisas assim... muito parecidas... muito próximas... que nos fez ficar juntas... mais juntas... mais juntas... e ... de repente... surgiu um sentimento inesperado... Éramos amigas antes... depois... descobrimos que estávamos apaixonadas...

Exato... é assim mesmo!... A gente se parece muito... temos uma sintonia grande... então fica fácil “ser-si-mesmo” estando com ela... Foi muito rápido... em 6 meses aconteceu... não tinha a intenção...

Apontam para uma questão que gostaríamos de problematizar. Para “ser-com” em situação conjugal é necessário que haja uma aproximação nos modos de “ser-si-mesmo”. Quanto mais próximos os modos de “ser-si-mesmo” mais fácil se torna a convivência em situação conjugal? Para elas, deste modo, não aconteceriam muitas divergências, pois os modos de “si-mesmo” se aproximam, configurando uma sintonia pela semelhança.

Interessante pensar que se trata de pessoas do mesmo sexo, que apresentam a mesma identidade sexual voltada para uma escolha da homossexualidade. Será que existe uma aproximação de experiências? Apresentam uma semelhança no modo de “ser-si-mesmo” e uma aproximação de experiências (homossexualidade)?

Observa-se uma tendência a uma igualdade de jeitos, acreditando, assim, que esta igualdade poderia facilitar a convivência entre elas. Será que quanto mais parecidos os modos de “ser-si-mesmo” mais fácil se torna a convivência? Talvez uma aproximação de experiências acabe por configurar uma maior compreensão entre “si-mesmo”, mas não podemos deixar de ressaltar que a experiência subjetiva é única para cada ser humano, não havendo igualdade de experiências. Pois, segundo Critelli (1996), é pela experiência singular que as coisas tomam consistência, não havendo então experiências iguais. Para ela, a realidade é uma trama de sentido e significados, produzida ao longo do tempo, pelo esforço em conjunto de cada um, em sua singularidade.

Bom... de qualquer forma há diferenças... embora sejam menores do que as semelhanças... e isso nos faz ficar bem... Por exemplo... eu... no fim de semana... faço questão que a gente fique juntas... porque o fim de semana é nosso... Eva viaja muito... Ela passa a semana fora trabalhando... e quando chega no fim de semana... ficamos muito próximas... Uma dificuldade nossa é a nossa família... a família de Eva não aceita a nossa situação... ou melhor... a mãe dela não aceita de jeito nenhum!... Eu respeito... mas é difícil para mim...

A gente deixou de ser uma só porque nós somos nós... Então nos estamos sempre juntas... sempre... sempre... A dificuldade é ter que estar vivendo uma felicidade separada... partida... porque minha mãe não aceita... Então... eu tenho que ficar dividida... Para mim é muito mais difícil... porque... para eu viver momentos felizes... preciso viver separadamente... Não consigo conciliar a felicidade total...

O “ser-si-mesmo” de Eva (homossexualidade) não pode ser vivido na sua plenitude, pois, ao ter que conviver em sociedade (ser-com), em família, ela tem que negar o “si-mesmo” homossexual. O “ser-com” conjugal de Eva e Ana é excluído do convívio familiar, não sendo reconhecido e aceito o seu ser conjugal. Neste sentido, como “ser-si-mesmo” em sociedade, quando a sociedade exclui aquele modo de ser? A homossexualidade pode ser entendida como um dos fenômenos que a

sociedade marginaliza e exclui no intuito de excluir o diferente, possibilitando, assim, criação de modelos normativos e hegemônicos.

Segundo Louro (1997), apoiando-se no conceito foucaultiano de biopoder, acredita-se que a sociedade modeliza e normatiza determinados comportamentos atribuindo-lhes valores sociais. Neste sentido, a sociedade detém um poder sobre os indivíduos, um poder de controlar as populações, historicamente criado e acionado para controlar diretamente o comportamento de homens e mulheres, criando uma marginalização de determinados fenômenos entendidos como em desacordo com o que foi definido como normal. Nesta direção, o que seria normal? Afinal, quem é diferente?

Segundo Jonathan Katz (1996 apud LOURO, 1997), a análise do anormal, do diferente e do outro, das culturas da minoria, aparentemente, tem despertado um interesse muito maior dos pesquisadores. Neste sentido, o normal não tem sido, muitas vezes, objeto de estudo e de preocupação, pois já está dentro do esperado então está tudo bem.

As sociedades da modernidade são caracterizadas pela diferença, elas são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes “posições de sujeito” – isto é, de identidades – para os indivíduos. (LOURO, 1997, p. 51, aspas do autor).

Interessante que, mesmo sendo caracterizada pela diferença, a sociedade moderna ainda apresenta dificuldades de lidar com a diferença excluindo-a, muitas vezes, de seu espaço de convivência, evocando sinalizações acentuadas dos preconceitos culturais.

E eu me queixo!...pois...às vezes...ela vai ficar com a mãe dela...e eu não posso estar junto com ela... Preciso ficar

afastada... arrumar o que fazer... então... às vezes... sou um pouco intransigente... Eu respeito a opinião da mãe dela... mas não gostaria que fosse assim... Às vezes... não consigo abrir mão de ficar com ela para ela ir ficar com a mãe dela... Para mim é difícil!...

Problema é nas festas comemorativas... Para minha mãe o Reveillon é uma época onde ela tem que estar com todos os filhos... já virou um ritual... Ela é supersticiosa... Ela não pode estar longe dos filhos... E... aí é problema... pois não posso passar junto com Ana...

Eva experiência um não poder “ser-si-mesmo” na família. Uma negação de “si-mesmo” enquanto ser conjugal.

È difícil... mas estamos tentando nos adaptar a essa situação... Estamos morando juntas há 3 anos... estamos tentando ficar bem... conviver com essa história da melhor forma possível para mim e para ela... Eu sei que para ela é muito difícil ter que lidar com essa situação... Imagino como é difícil!... As duas pessoas que ela ama... não poderem ficar bem...

Mas... fora isso... vivemos muito bem... Como já disse... a gente se entende muito bem... gostamos de estudar... não gostamos de farra... sair à noite... não é ANA?

É... Eu tinha dificuldade de conseguir achar as qualidades que eu sempre busquei em uma pessoa... que são: encontrar uma pessoa mais tranqüila do que eu... que pudesse suportar meu jeito de ser... uma pessoa que saiba que as brigas fazem parte do relacionamento... São ajustes necessários para relação e não significa final de relacionamento... Uma pessoa que entendesse que as brigas são temporárias... pois o objetivo é ficar juntas... É assim que se constrói um novo lar não é meu... nem é teu... é nosso...

É... convergir para o mesmo ponto... é dividir... Adoro essa vida de casada!... É dividir a nossa vida... nossa vida de casada... Nós enquanto casal estamos bem... O que é complicado é ter que viver com a sociedade... e com minha família... Entre homem e mulher acho que não tem o problema da sociedade interferindo... sendo mais difícil de contornar... no nosso caso... por causa da sociedade... Se fosse um casal heterossexual se resolveria mais fácil... ou nem teria esse problema... Pode acontecer de num casal heterossexual os pais não gostarem de seu namorado ou namorada... Mas acho que é mais fácil de engolir... Engole seco... mas acaba engolindo... No nosso caso... acho mais difícil!... o homossexualismo é mais forte... ele vai contra os princípios de minha mãe... Se de repente... minha mãe não gostasse de um namorado meu... mesmo assim... ele estaria presente nos momentos comemorativos... Ela engoliria meio seco... mas... com Ana... ela não permite a presença dela... pois a incomoda assustadoramente!...

É... se eu fosse um homem... eu estaria lá... Nem isso é possível!... Nem ver!...

Ana compreende e respeita a rejeição da mãe de Eva quanto à escolha homossexual dela e de sua filha. Existe uma facilidade de aceitação do preconceito talvez por vivê-lo em sua experiência, pois, como homossexual, experimenta o preconceito mesmo que de outro modo em sua vida particular. Entende a situação por haver uma harmonia ou uma aproximação de experiência – homossexualidade, uma aproximação no modo de “ser-si-mesmo”, enquanto escolha sexual (homossexualidade). Em sendo assim, a homossexualidade, ao ser olhada como o negativo da ordem - o avesso do heterossexual -, por um lado, “ganha” uma representação social, construída via estratégia da exclusão. Como excluída, ainda que num contra-ponto da mesma lógica, ela ocupa um lugar que, decerto, não lhe foi dado por si mesma. Como então viver o “si-mesmo” excluído, à medida que somos, por condição, seres com outros? Seria uma sociedade instalando a antinomia? Seria preciso furar e atravessar as convenções moralizantes e dominantes na cultura, encontrando uma possibilidade de ser e ser vista a partir de sua singularidade? Um resgate da propriedade?

Teve uma situação que foi super complicada... eu não sabia o que fazer... Na minha apresentação de monografia... eu já estava tensa... com a apresentação... da monografia em si... e... ainda... tinha a tensão do encontro de mamãe com Ana... minha mãe de um lado e o meu amor do outro...

Foi muito chato!... Eu procuro respeitar muito a opinião dela... e não a afronto de forma alguma... Sentei do outro lado... Seria grosseria de minha parte chegar lá... e... dizer: “Como vai a senhora?”... Se ela não quer falar é um direito dela... Essa é a nossa dificuldade enquanto casal... que... na verdade... não é nossa... mas... para a gente... é muito difícil... porque família é muito importante para a gente...

Nosso casamento é muito bom... Nós concordamos em tudo... Dinheiro é nosso... o carro é nosso... o apartamento é nosso... nosso palito de dente... nossa escova... então... tudo é nosso!... Para mim... está tudo bem!... Eu consigo conviver com ela... sendo eu... numa boa!...

É a gente vive bem... Os outros é que... às vezes... ficam muito preconceituosos... Por exemplo... no prédio onde a gente mora... a gente percebe alguns olhares... Outra vez... um vizinho veio perguntar se a gente morava juntas... duas mulheres!... Ficam observando demais... mas nós ficamos sempre muito reservadas... Não deixamos ninguém invadir nossa privacidade...

O ser conjugal Eva e Ana é experienciado de uma forma prazerosa, porém complicada, pois é um “ser-com” atrapalhado pela sociedade. A sociedade, neste sentido, interfere no modo de ser conjugal homossexual. Ao menos, excluindo este modo de “ser-com”. Elas têm que viver o ser conjugal privado, pois não é legitimado pela sociedade.

Na fala delas, parece que elas não percebem conflito conjugal em sua relação em si; o problema que interfere na relação conjugal é a sociedade. Os vizinhos, a mãe de Eva entre outros que não aceitam o “ser-si-mesmo” que é conjugado no modo homossexual, gerando, assim, uma tensão social por entre Ana e Eva, um tamponamento de “si-mesmo” pela sociedade.

Até as coisas que eu gosto... e ela não... a gente tenta conciliar... por exemplo... eu gosto de dançar... e ela não... então a gente sai para dançar... eu fico dançando com alguns amigos... e ela fica sentada olhando... sem nenhum problema... somos amadas amantes... não é amor?

sim... somos amadas amantes... ela tem um emprego que ela atualmente tem passado a semana fora... só chega no fim de semana... então eu deixo tudo arrumado até sexta-feira... para quando ela chegar a gente poder curtir... namorar... ficar juntas...

Para mim... fica difícil!... pois... quero ficar com Ana... ao mesmo tempo... tenho vontade de ver minha mãe... às vezes... então... precisamos conversar muito... ceder um pouco daqui... um pouco de lá... para todo mundo ficar bem... mas... acho que todo relacionamento é assim... com pai... com mãe... trabalho... casa... casal... em todo relacionamento você tem que aprender a ceder para conviver...

Será que o “ser-com” excluído pela sociedade não ofusca conflitos no modo de convivência enquanto ser conjugal? O conflito e o problema para relação delas é a sociedade, não se percebem com conflito na relação em si. Talvez poderíamos pensar num ofuscamento do “ser-com” privado - ser-conjugal (relacionamento homossexual) pelo “ser-com” público (relacionamento com a sociedade).

Ela tem um jeito muito meigo de conseguir as coisas... eu sou mais agitada... mais ansiosa... e... do jeito dela... com os argumentos que ela usa... ela acaba conseguindo muita coisa... a gente fala o tempo todo... que a gente gosta das mesmas coisas... que a gente é muito parecida... nos gostos... mas... agora estou dizendo... que nós temos... dois modos diferentes de ser... ela é mais calma... eu mais explosiva... interessante... somos diferentes!... Acho... que essa diferença... é que faz a diferença...

De repente... é!... as coisas que a gente gosta... de curtir em comum... não significa... sermos iguais... A gente compartilha de coisas em comum... mas preservamos nossas diferenças... a nível... de temperamento!...

Eis o momento que demarca as diferenças existentes no modo de ser si mesma de cada, mas consideram as semelhanças mais comuns.

O meu temperamento é um pouco difícil... então... é ruim preservar a minha diferença... mas... o dela... é um temperamento bom... que dá para conviver com Deus e o mundo... o fato de ser

diferente é bom também... se não... a gente não conseguiria conviver... mas... também... é muito bom... a gente ter gostos em comum...

Não é bem assim... embora... eu seja muito tranqüila... tem algumas questões éticas e morais... que sou intransigente... somos diferentes... mas conseguimos conviver tão bem... muito bem... mais vale lembrar que somos muito mais parecidas do que diferentes...

Este casal apresenta uma dificuldade em “ser-si-mesmo” devido à negação por parte da sociedade ao seu modo de “ser-com” conjugal, apontando-nos para a dificuldade em lidar com o diferente; mais uma vez, em que a noção de alteridade é negada em sua convivência com os outros. Assim, evidencia-se um sentido para nós narradora-ouvinte desta experiência: “**Tensão social: por entre Ana e Eva**”.

Desse modo, todo processo de rejeição, seja pela “exclusão” social seja pela invisibilidade pública, será sempre gerador de sofrimento psicológico, marginalização social e barbarização política. Isto porque a trama do ser humano se faz nas dobras do pertencimento mundano à co-existência, sustentada por Heidegger (2002) ao referir-se que o existir, originalmente, é *ser-com os outros*; vale dizer, o ser humano existe na medida de seu “ser-com”. Cria-se, então, uma “cegueira social”, para não se ver o que se mostra. Percebemos, mais uma vez, como a cultura interfere na nossa experiência subjetiva, levando este casal a ter dificuldades conjugais, devido à cultura em que estão inseridas.

Conseguiram criar um mundo à parte para viver sua conjugalidade, como uma alternativa para continuar em sociedade, buscando fazer de sua vida conjugal um

assunto privado, preservando-se de contato com a sociedade em geral, quando em situação conjugal, buscando, muitas vezes, espaços outros, para viver sua conjugalidade fora de casa. Mas, ao contrário, a conjugalidade só pode ser expressa em casa, no espaço privado do lar.

Apresentam, também uma aproximação de experiências, fazendo-nos questionar se este fenômeno não facilitaria a convivência enquanto ser conjugal?

- Segundo momento com os cônjuges.

A seguir serão descritos os depoimentos de Ana e Eva que fazem parte do segundo encontro com o casal. O segundo encontro, tem como objetivo entregar as narrativas aos cônjuges para que cada um confirme, altere e autentique seu depoimento.

Depoimento de Ana

Foi interessante... ler nossas falas... não teria nada para alterar... só gostaria de reforçar... nossa satisfação de viver juntas... talvez... ainda estamos muito presas... ao que a sociedade impõe como correto... vivemos tão bem... vou refletir um pouco mais sobre isso...!

Depoimentos de Eva

É... é isso mesmo... vivemos bem... a individualidade e a conjugalidade... estamos conseguindo administrar... pois... é sempre... necessário... alguns ajustes... mas estamos bem... estou muito feliz...

Talvez poderíamos pensar que a partir de nossa entre-vista, elas passaram a questionar um pouco acerca do preconceito da sociedade em relação a sua situação conjugal.

4.3 Pedro e *Maria*

O casamento é um estágio mais avançado do namoro... é uma continuação... da vida de namorado... não precisamos mudar de “ser-si-mesmo”... para viver o casamento... o casamento não deveria mudar as pessoas... eu não mudei nada... só continuei evoluindo... crescendo... lógico que o casamento... é... diferente do namoro... pois... a pessoa passa a conviver mais intimamente com a outra pessoa... mas... é uma continuação... uma evolução... na verdade... no casamento... você melhora ainda mais com o outro... a esposa é como uma mãe que cuida da casa... das roupas... cuida do homem... dos filhos... a única diferença... é que com a nossa mãe... a gente não pode ter filhos... e... com a esposa... podemos construir uma família... ter filhos...

Pedro compreende o casamento como uma evolução da relação conjugal, aproximando a concepção de esposa com a de mãe, diferindo-as, apenas, na possibilidade de ter filhos com a esposa, ao passo que com a mãe isto não é possível. Deste modo, percebemos uma concepção de casamento pautada na criação de filhos, sendo esta a razão e a diferença entre casamento e família. O casamento seria o espaço para a concepção de filhos e a mulher, por sua vez, como aquela que reproduz e cuida da prole; a imagem da mulher como aquela que cuida do marido, da casa e dos filhos.

Eu concordo com ele... casamento é uma evolução... da época do namoro... Eu sempre fiz questão de ser eu mesma... Antes do casamento... quando a gente namorava... eu nunca fingi nada... eu sempre fui assim... não importa se eu estava com dor de cabeça... se eu estava chata... se estava feia... despenteada... se estava preocupada... eu... sempre fui muito transparente... em relação a mim... Então... quando ele casou comigo... ele já sabia como eu era... A gente conviveu muito um com o outro... antes de casar... para saber se era isso mesmo que a gente queria... estamos juntos há seis anos... então... já deu para conhecer bem... um ao outro...

A gente freqüentava muito um a casa do outro... para saber quem eu era em casa... com meus pais... irmãos... com todos... E... eu também... freqüentava a casa dela... para ver como ela se relacionava com as pessoas... da casa dela... para saber quem é a pessoa...

Por que... às vezes... a pessoa é de um jeito... em casa... e... na rua... outro jeito... Para saber mesmo... quem é a pessoa... a gente tem que freqüentar a casa dela... Então... uma coisa boa no nosso casamento... é que eu não preciso fingir... eu sou eu mesma... ele já sabe como sou... eu acho que nada mudou... só ficou melhor... ele deixa eu ser quem eu sou... e eu também deixo ele ser quem ele é... Às vezes... eu já sei... quando ele está chateado... triste...

ele não precisa nem dizer... porque eu já percebo... ele fica mais calado... mais pensativo...Então... isso para mim... ele não deixa de ser ele mesmo... Eu tenho mania de repetir uma frase para ele... "Eu sou muito chata"... e ele responde... "chata e meia"...

Este casal reconhecem as diferenças entre eles e tentam, o máximo possível, respeitá-las, buscando uma articulação entre "si-mesmo" e "ser-com" possível, para a convivência.

Mas... eu não acho ela chata não!... Ela fala o que é certo... se isso... for ser chata... então... ela é "chata e meia"... por que ela está certa... com as coisas... quando ela reclama... ela está certa!... Antes... no começo do nosso relacionamento... ela sempre ficava pegando no meu pé... Eu era mais jovem... ela mais velha... e eu ficava perdendo tempo com as coisas... Então... ela chamava muita minha atenção... para eu acordar... Então... esse... era o chata dela... que foi muito bom... para eu melhorar... e tudo mais... Eu sou mais pensativo... e... ela... é mais direta... Eu sou mais paciente... ela mais agitada... a gente está sempre se completando... buscando um equilíbrio... preservando o que é de cada um... A gente conseguiu ter uma convivência muito boa... cada dia melhor... Estamos sempre nos aperfeiçoando...

Chama-nos atenção o modo como ele narra suas dificuldades em situação conjugal ao se refere quando Maria costuma "chamar sua atenção" ou "pegar no seu pé", denotando para nós uma atribuição de mãe, quando está brigando e reclamando de seu filho; ele, por sua vez, compreende que ela está fazendo o

melhor para ele, logo aceita suas reclamações de bom grado, pautado, talvez, na visão de esposa-mãe referendada em suas falas anteriores.

A gente tem uma convivência muito boa... Não que tudo é perfeito... mas as diferenças nos equilibram.. Lógico!... que às vezes... tem coisas... que incomodam demais... Então... precisamos sentar e conversar... Mas no geral... a gente se dá muito bem... Sou muito feliz...

Geralmente... as conversas... acontecem por causa de mim... começam comigo... Eu com mais frequência... sou o causador das conversas... Não estou dizendo que só sou eu... mas... geralmente... na maioria das vezes... começa... por causa de mim...

A gente sempre conversou sobre tudo...mesmo na época de namorado... Nós sempre pensamos mais em conversar do que ficar só se beijando... se abraçando o tempo todo... A gente sempre conversou muito... não essas conversas de incômodos... Mas... conversas normais... as conversas para acertar os incômodos... acontecem raramente...

Parece-nos que as conversas sobre os incômodos não são bem vindas, evitando gerar tensão entre os cônjuges. Seria uma forma de evitar tensão não colocar os incômodos em discussão? Seria então, um tamponamento de “si-mesmo”

ou de angústias? Como tamponar algo que é constitutivo do modo de ser do homem?

Recorremos a Heidegger (2002), para discutir essa questão. O tamponamento de “si” pode ser pensado, a partir do modo impróprio de ser do homem, que, por sua vez, também o constitui. Como já discutido anteriormente, a impropriedade seria um modo de livrar-se da angústia, caindo assim, no decaimento. Ou seja, “O modo de ser impessoal revelam a tendência do ser da cotidianidade”. (HEIDEGGER, 2002, p. 226). Teceremos algumas considerações ao que Heidegger denominou de-cadência, ao que é compreendido como um modo da pre-sença no mundo das ocupações, configurando um decair de “si” para o “mundo”, “de-cair no ‘mundo’ indica o empenho na convivência com outros [...]”. (HEIDEGGER, 2002, p. 237, aspas do autor).

Talvez este evitamento de *tensão* possa ser pensado como um tamponamento da angústia, ou até mesmo de “si-mesmo”.

É... sempre... compartilhamos os assuntos... relação sexual... trabalho... casamento... filhos... e outras coisas...

É... a gente compartilha tudo nas nossas conversas... mas temos um jeito um pouco diferente... um do outro... Eu sou mais apressada... e... ele é mais calmo... mais lento... Então... às vezes... peço alguma coisa para ele... e... ele não faz na hora... Então... eu fico irritada... por exemplo... eu peço: “Amor me ajuda a colocar a vassoura ali”!... ai ele responde... “está certo”... mas... não faz naquela hora... às

vezes demora bastante... e... eu perco a paciência... Já chamei ele para conversar... e disse... Por que você não diz assim: "Olha eu vou fazer... mas não agora"... Deste jeito... eu já não conto com isso agora... Se puder esperar... eu espero... caso contrário... eu vou e faço... Quando ele pede alguma coisa para mim... na mesma hora eu vou e faço... porque sou assim... eu tenho uma maneira de ser... ele já tem outra... e procuramos conciliar...

Ela me acelera um pouco... e... eu a acalmo mais...

Apresentam uma diferença no modo de "ser-si-mesmo" e, através de conversas, buscam encontrar um equilíbrio entre eles. Acreditam que, por serem diferentes, um acaba complementando o outro, reforçando que a diferença, em sua relação conjugal, é vivida como uma forma de equilíbrio, facilitando, assim, a convivência em situação conjugal. Será que a diferença entre "si-mesmo" facilita a convivência a dois?

Percebemos que não existe um modelo a ser seguido, para que a conjugalidade se revele da melhor forma; para uns, as semelhanças entre "si-mesmo" facilita a convivência, já, para outros, a diferença é a balança que equilibra esta convivência, acreditando que as diferenças os complementam. Neste sentido, vale ressaltar a multiplicidade de concepções acerca da conjugalidade e seu modo de vivê-la, ficando aqui exposto, mais uma vez, a importância de incluir a alteridade, a diferença no mundo com outros, para que não caia no mundo das exclusões.

Ele começou a trabalhar muito tarde... eu comecei cedo demais... então... acho que é isso que me acelerou... E ele continua mais lento... ele acordou mais tarde para a vida... depois que a gente se conheceu...

Ela me coloca lá no topo... principalmente nessas coisas de estudo... Eu sempre gostei muito de matemática... fui um estudioso nessa área... atualmente dou aula particular de matemática... Mas... na verdade... sou digitador... meu trabalho é com digitação... xerox... Lá... eu sou quase... multi-uso... Então... por enquanto estou assim... vou fazer vestibular para matemática... semana que vem estou fazendo o vestibular na Rural... pois... gosto do assunto e gosto de ensinar...

Eu já ensino... sou professora primária... adoro ensinar... Atualmente... estou fazendo faculdade de História... para continuar ensinando... Engraçado... a gente casa para ficar junto... mas... passamos o dia separados... eu passo o dia trabalhando e ele também... E... à noite... eu ainda vou para faculdade... Mas... vivemos bem assim... com nossos jeitos diferentes... e... indo em busca de nossas realizações profissionais... Mesmo o pouco tempo que passamos juntos durante a semana... conseguimos viver bem... Me lembro muito da relação dos meus pais... era muita briga... confusão... Então... eu aprendi que no relacionamento é preciso... a gente se respeitar... e... não brigar... sempre

procuro conversar... O relacionamento de casal é fazer o outro feliz... tentar compreender... ajudar... ser companheiro...

É... minha necessidade é fazê-la feliz!...

Há uma pre-ocupação de ambos, voltada para o outro, no sentido de fazer “o outro – fora de mim” feliz. O outro está sempre sendo visto e colocado como figura emergente na situação de conjugalidade. Refere-se a um “fazer por”, “fazer pelo outro” como forma de manter-se em conjugalidade.

Como fica o “si-mesmo”? Tamponado mais uma vez? Parece-nos que há um cuidado em ser como o outro gosta, para então melhor conviver. Talvez o processo tensional, para este casal, habite na *tensão* em evitar *tensão* entre “si-mesmo” e “ser-com”. Uma concentração em fazer o outro sentir-se bem, mesmo tendo que tamponar o “si-mesmo”.

Ele é demais!... Ele sempre foi muito disposto a mudar... a crescer... a fazer as coisas... Isso foi uma das coisas que me fez apaixonar por ele... Ele sempre se preocupa em me fazer feliz... me trata muitíssimo bem... ele é um amor... Para mim... casamento é bem estar... Nunca ficaria num casamento por obrigação... é muito bom estar casada!...

Percebe-se que eles concebem o casamento enquanto bem estar, não concordando com aquele tipo de casamento por obrigação. Mesmo apresentando uma concepção de mulher, pautada na idéia de cuidadora do lar e dos filhos, ele

demonstra um cuidado por não permanecer no casamento por obrigação, discordando da idéia da indissolubilidade do casamento a qualquer custo. Neste sentido, como já discutido em capítulos anteriores, as mudanças na instituição casamento têm acontecido, e mesmo aqueles casamentos pautados ainda em valores antigos, modificam e alteram as regras conforme a convivência do casal.

As pessoas tem o costume de dizer: "Bem casado é aquele que bem vive"... Para mim... a gente vive muito bem... Eu não me casei para me separar... e... isso... só depende de mim... se eu fizer o melhor sempre... tentar agradá-la sempre... tratá-la bem sempre... A tendência é a gente viver bem para o resto da vida... não só até que a morte nos separe... mas... também... além... Nós fazemos parte da Igreja dos Santos dos Últimos Dias... nossa religião é muito família... Fazemos parte da mesma religião... nos conhecemos lá...

Eu o conheci... antes dele ir para a missão... Começamos a namorar... quando ele teve que ir fazer a missão dele... então... noivamos... e... ele foi... Fiquei esperando por ele... por dois anos... nos comunicando por carta e telefone...

O casamento deste casal está permeado por valores e costumes religiosos em que ambos acreditam; eles comungam de uma mesma concepção de casamento, pautada, na religião que seguem, crendo que esta aproximação facilita o convívio entre eles.

Trazendo algumas reflexões feitas em capítulos anteriores, a religião teve um poder grande na concepção de casamento e no modo de vivê-lo; seu poder por muito tempo foi absoluto e inquestionável. A partir de algumas mudanças sociais, este poder foi questionado em seu absolutismo, mas não poderíamos negar que a religião, por muito tempo, foi uma instituição normatizadora da instituição casamento.

Neste sentido, esta reflexão parece-nos interessante quando o casal acredita que a religião os aproxima e facilita sua convivência com o outro. É como se comungassem de uma mesma concepção de casamento, facilitando, assim, sua convivência.

Eu sempre quis... criar algumas tradições para o nosso namoro... Antes... toda vez que completávamos um mês de namoro... eu dava um anel para ela... Hoje... ela já pode fazer uma coleção de anéis... Atualmente... sempre que posso... faço uma surpresa para ela nas quartas-feiras... pois... é um dia que ela vivia comentando... para ela... a quarta-feira é um dia bom... pois... representa o meio da semana... metade da semana... Ficava louca para que a semana acabasse... Então... o que faço... sempre que posso e o dinheiro dá... faço surpresas para ela neste dia... É uma eterna conquista... Adoro fazer isso!... Infelizmente... não dá para ser sempre... mas sempre que posso faço... acho que viver bem só depende de você... só depende de mim... Maria continuar gostando de mim... depende do modo como vou continuar tratando ela... no nosso relacionamento... Eu sempre trago algo novo... para não cair na monotonia... Desde o começo do nosso namoro... fiz coisas novas... mandava cartas... poesias. origamis... coisas diferentes... Sempre tive a mente que... se porventura nosso namoro acabasse... seria por culpa minha... era porque... eu

não estava conseguindo fazer algo que fizesse ela ficar comigo... Então... só dependia de mim... ela continuar comigo... ou... não...

Ele é assim... um apaixonado... muito romântico... muito lindo!... um amigo... Sou apaixonada por ele... ele me cativa muito... Acho que isso foi o exemplo que ele teve... da mãe dele com o padrasto... O padrasto dele... sempre tratou a mãe dele com muito carinho... Acho que ele viu isso... e... então... ele reproduz... Eu... na minha família... com meus pais... só presenciei brigas... Então... não quero isso... para o meu casamento... e ele... só presenciou carinho... respeito... e atenção... Então... é isso que ele me dá... Então... eu evito brigas... Ele me dá muito carinho e atenção... vivemos muito bem...

Meu padrasto foi um homem... maravilhoso para minha mãe... aprendi com ele... Foi um pai muito bom também. muito amável... Ele sempre quis casar com minha mãe... Mas... ela ficou traumatizada com o casamento anterior com meu pai... ele não tratava ela bem... então... ela não queria passar nada para o papel... pois... achava que se passasse para o papel... não daria certo... eles viviam juntos sem nenhum papel... legalizado... Acho isso... uma bobagem... o papel não tem nada a ver... As pessoas que tiveram outros casamentos anteriores... que não deram certos... ficam sem querer... casar no papel... achando que é o papel que vai alterar alguma coisa... Não acredito nisso... Acho que os casamentos de hoje não dão certo... muitas vezes... porque já se casam... pensando em se separar... já dizem um

para o outro: "É o seguinte... a gente casa... se não der certo... vai cada um para o seu lado"... É por isso que não dá certo... acho um pouco de egoísmo e individualismo da parte de cada um... Se não estiver bem para mim... eu pego o bêco... eu vou embora... e... pronto... sem pensar no outro...

O sentido que foi compreendido a partir da experiência com este casal: **"Pedro e Maria: evitando tensão"** o processo tensional, para este casal, talvez habite na tensão em evitar tensão entre "si-mesmo" e "ser-com", procura-se o máximo possível não confrontar os incômodos, mantendo-se sempre atentos ao que o outro gosta.

Ele referenda o modelo conjugal dos pais e acredita numa vivência conjugal muito satisfatória, a depender de como cada um investe nesta relação. Faz algumas considerações acerca da falta de sucesso no casamento de alguns casais, pois acredita que tudo depende do modo como você concebe o casamento, alegando que, muitas vezes, as pessoas se casam já pensando em se separar.

Percebemos uma preocupação no sentido de uma eterna conquista, confirmando a concepção de que nenhuma relação está pronta e perfeita por toda vida; é um constante exercício de conquista, de conhecimento, de tolerância de abdicção e de respeito às diferenças.

- Segundo momento com os cônjuges.

A seguir serão descritos os depoimentos de Pedro e Maria que fazem parte do segundo momento com o casal. O segundo encontro tem como objetivo entregar as narrativas aos cônjuges, para que cada um confirme, altere ou autentique seu depoimento.

Depoimento de Maria

Acho que é isso mesmo... o que eu falei... não teria nada para alterar... só confirmar... o que foi dito... conseguimos viver satisfatoriamente... sou uma pessoa muito feliz ao lado de Pedro... ele é muito atencioso e carinhoso comigo... na verdade ele é muito cuidadoso... comigo... e com a nossa relação... adoro ele...

Depoimento de Pedro

Casei para ser feliz... Então... serei!... como disse... só depende de mim!... Farei o que for possível para vê-la feliz... está é minha missão de vida... depois ser pai... pois... é... confirmo tudo o que foi dito... e assino em baixo...!

Percebemos que há um cuidado no sentido de preocupação com outro no intuito de agradar e fazer o outro sempre feliz.

5 REFLEXÕES: À GUIA DE UMA PROVISÓRIA CONCLUSÃO.

Objetivando compreender a experiência de “ser-si-mesmo” e “ser-com” em situação conjugal na contemporaneidade, teceremos, neste momento do trabalho, algumas possíveis e provisórias conclusões acerca desta questão. Recorreremos à articulação da experiência relatada de “ser-com” e “ser-si-mesmo” em situação conjugal com as teorizações apresentadas no corpo deste trabalho, visando a encaminhar uma reflexão do sentido que se anunciou para essa experiência.

Ressalta-se que esta é uma possibilidade de interpretação entre várias outras que poderiam ser consideradas. Assim, convido-os a conhecer e discutir algumas questões que nos saltaram aos olhos, enquanto narradora-ouvinte desta experiência, pois coisa alguma aparece em sua totalidade, à medida que se mostra sempre para um certo olhar. Neste sentido, retomando o que Critelli (1996) nos traz acerca da realidade do fenômeno, podemos considerar que quando revelamos algo estamos, ao mesmo tempo, ocultando outros. Dessa forma, a experiência se mostra como abertura para várias possibilidades de sentido. Justifica-se, portanto, os depoimentos aparecerem em sua íntegra, exatamente, para possibilitar abertura de novas interpretações. Deste modo, afirmamos que esta é apenas uma possibilidade de sentido que se apresentou para a pesquisadora.

Tensão vivida **entre** “ser-com” e “ser-si-mesmo” apresentou-se como uma experiência evidente, aos nossos olhos, ao longo da escuta destes depoimentos, merecendo, assim, uma reflexão. Propositadamente destaco as palavras **tensão** e **entre**.

O que poderíamos entender como tensão? Considerando que, muitas vezes, tensão é compreendida como sinônimo de conflito e problema, gostaríamos de trazer um outro sentido possível para esta questão. Em outra perspectiva, a partir de Heidegger (2002), tensão revela-se como uma experiência de desalojamento, em que se manifesta a angústia de ser. Nesta direção, tensão seria originária da condição existencial humana, condição, pela facticidade da finitude, inexoravelmente vivida e constituinte. A **tensão** situar-se-ia no **entre**, ou seja, numa região de trânsito do poder ser, pela condição originária de abertura ao mundo, modo de estar lançado ao apelo, para cuidar de ser, desamparo existencial. Entre o que já não somos e o que estamos em vias de poder ser, há o transitar, região espaço-temporalmente vivida como **transitoriedade** e expressa por **tensão**, como manifestação da angústia originária dessa mesma condição.

Pelo **entre**, referimo-nos ao que acontece entre algo e algo outro, tanto pelo contato entre espaços distintos, ou seja, de espaço de algo e espaço de algo outro, quanto entre algo e algo outro em mesmo espaço. Heidegger (2002) chama tal acontecimento como possibilidades de modos de ser, constituinte no humano. Para ele, esta condição constituinte, como ser-no mundo, possibilita que ser e mundo se façam a partir da disposição afetiva de abertura do ser, simultaneamente, podendo, referenciar-se um pelo outro, ou seja, pela alteridade como fenômeno de ser. Nesse sentido, **entre** diz respeito a encontrar-se (reconhecer-se a si mesmo) encontrando-se (reconhecer-se situado) no mundo com outros (reconhecer-se por uns e outros). Nessa direção, referências ocorrem como marcos transitórios, porém fundantes, passagens que são entre autenticidade e alteridade de ser *dentro-fora*, condição *diacrítica acontecente pela e na aproximação, pela e na separação* entre eu mesmo e eu outro mesmo: articulação espaço-temporal e não encontro entre espacialidade

e temporalidade como dois elementos distintos em si mesmos, podendo-se referir-se a essa mesma articulação, acontecendo entre autenticidade e alteridade.

É por essa compreensão que a articulação **entre** “ser-si-mesmo” e “ser-com” é vivida com muita **tensão**, quer por cada parceiro, quer pelo casal na situação de conjugalidade, à medida que se aproximar pela diferença revela-se tarefa conflitiva e inevitável, pela ambigüidade constituinte do modo de ser do homem. A **tensão** entre “si-mesmo” e “ser-com” pode ser compreendida pelo desalojamento encarnado por ambigüidade originária. Assim sendo, tal tensão arremessa o homem a um modo de existir sob o signo do trânsito reflexivo, num constante exercício de reconhecimento e diferenciação de si mesmo com outro, numa destinação pela angústia.

Partindo dessa ótica, a experiência subjetiva singular não se refere simplesmente ao modo de um sujeito compreender o que acontece, ou seja, não ocorre apenas em cada sujeito nem comunicada só **entre** dois sujeitos. O **entre** referido não diz respeito a “um fora” e a “um dentro”. A singularidade subjetiva se faz experiência pela especificidade contextual na qual acontece. O **entre**, neste sentido, implicaria que “o fora” (situação) diz respeito a uma especificidade fundante para o humano fazer experiência.

Alguns depoimentos mostraram a direção possível da **tensão entre** “ser-com” e “ser-si-mesmo”:

Eu acho que é um momento muito complicado a experiência de “ser-si-mesmo” em situação conjugal... é muito difícil viver a dois... É uma situação simples ou melhor deixa eu me fazer entender... Na nossa experiência... o que ele falou compartilhar... compartilhar... COMPARTILHAR... não é tomar o espaço do outro... é você ter o outro como parceiro no momento que precisa! Viver a dois eu acho muito difícil... exatamente por essa questão da individualidade... *você deixa de ser...* até de ter sua própria vontade... porque a gente precisa realmente dividir... Então, muitas vezes você tem que abrir mão... tem que administrar... e não é fácil! Não é todo mundo que administra isso bem... A gente também tem essa dificuldade!

(ISIS) .

Eu acho que isso acontece das duas partes... Cada cabeça é um mundo... Só que colocar dois mundos diferentes num mesmo espaço... é muito complicado! Muito difícil!

(RUI)

A angústia impõe-se nessas falas, pela necessidade de manifestação de ser que, simultaneamente, demanda que, para poder ser reconhecido por si mesmo, pelo outro refletido, se imponha a reflexividade pela condição de co-existência.

Acho que... de repente nós dois perdemos a individualidade... os dois estão sufocados... Individualidade seria o contrário de conjugalidade... Não sei... Será que só se pode ser casal se não for individual e vice-versa?... Será que só se pode ser individual fora do casamento?...

(ISIS)

Isis fala que conciliar “si-mesmo” e “ser-com” em situação conjugal, em sua experiência, seria como uma tentativa de conciliação, pela qual o “si-mesmo” deixaria de manifestar-se, mas dando-se a ver por sentimentos de angústia e de sufocamento. Seria experienciar como que um tamponamento de “si” a que Isis se refere:

(...) RUI nunca respeitou nem aceitou meu jeito de ser... me abafou muito... Eu sou muito falante... gosto de rir demais... então... não posso “ser eu”... porque ele me tolhe muito!

(...) A gente compartilha tudo no casamento... mas não quer dizer que eu vou mudar o outro... acho que tem que aceitar o jeito do outro ser e compartilhar... e não moldar o outro de acordo com os meus conceitos... com meus gostos!

(ISIS)

Entretanto, pelo dizer de outros narradores, a presença da diferença constituinte do humano ressalta-se entre modos de ser na situação de conjugalidade, apontando a manifestação da singularidade pela alteridade, configurada por atravessamentos com o diferentemente outro, seja o outro refletido a

partir do mundo, fora de mim, seja pelo outro diferente em mim. É pelo modo de “ser-com” (co-existência) que o modo de “ser-si-mesmo” pode ser experienciado, que, reflexivamente, permite o trânsito de um ao outro, entre um e outro. Alguns depoimentos falam desta experiência:

a gente fala o tempo todo... que a gente gosta das mesmas coisas... que a gente é muito parecida... nos gostos... mas... agora estou dizendo... que nós temos... dois modos diferentes de ser... ela é mais calma... eu mais explosiva... interessante... somos diferentes!... Acho... que essa diferença... é que faz a diferença...

(ANA)

De repente... é!... as coisas que a gente gosta... de curtir em comum... não significa... sermos iguais... A gente compartilha de coisas em comum... mas preservamos nossas diferenças... a nível... de temperamento!...

(EVA)

Assim, Ana e Eva falam do respeito à diferença e à singularidade como possibilidade de crescimento de ambas pela alteridade, acolhendo-a como modo co-existente de existir no mundo. A tensão pela diferença de ser “si-mesmo” sendo com possibilita o trânsito pelo modo de “ser-com” conjugal. Por sua vez, Pedro e Maria, também, lançam um olhar para o ser singular e plural ao mesmo tempo, como sendo o que lhes permite equilíbrio e possibilidade de con-vivência, para “aperfeiçoamento” de si e da conjugalidade. Contudo, para eles, o “ser-si-mesmo”, na conjugalidade, deve ser respeitado para que seja possível o “ser-com”, aqui por eles compreendido como *convivência*:

(...) Eu sou mais pensativo... e... ela... é mais direta... eu sou mais paciente... ela mais agitada... a gente está sempre se completando... buscando um equilíbrio... preservando o que é de cada um... a gente consegue ter uma convivência muito boa... cada dia melhor... estamos sempre nos aperfeiçoando...

(PEDRO)

A gente tem uma convivência muito boa... não que tudo é perfeito... mas as diferenças nos equilibram... lógico... que às vezes... tem coisas... que incomodam demais...então... precisamos sentar e conversar... mas no geral... a gente se dá muito bem... sou muito feliz...

(MARIA)

Por esses depoimentos, apresenta-se poder compreender a conjugalidade, como caracterizada “por uma oscilação maior ou menor entre momentos de fusão e momentos de diferenciação entre os parceiros”. (MAGALHÃES, 2003, p. 226). – Por sua vez, Rolnik e Guatarri (2000) aponta-nos que esta **tensão entre** singularidade e conjugalidade, percebida nos depoimentos de alguns participantes, é constituinte do ser humano. Para ela, o sujeito vive esse processo de subjetivação oscilando entre dois extremos e estabelecendo dois tipos de relação: uma de alienação e opressão, na qual o sujeito se submete à subjetividade tal como a recebe, sem questioná-la; a outra forma de relação seria de expressão e de criação, na qual o sujeito se re-apropria dos componentes da subjetividade, produzindo um processo que ela chama de singularização. Ressalta-se que esse movimento se apresenta em uma enorme dinamicidade, em que alienação e expressão se conjugam, como modo de configurar o estar-no-mundo dos sujeitos. O processo de singularização se dá no espaço coletivo de convivência, à medida que a tensão é constituinte da tarefa do existir.

Neste sentido, o processo de singularização estaria permeado pela angústia, ou seja, manter-se no **entre** “si-mesmo” e “ser-com” seria manter-se na **tensão** constitutiva de ser. Assim, a fala de Isis se dirigiria para essa direção: sua experiência de desalojamento e de angústia, procurando ela refugiar-se em um lugar de fixidez, para evadir-se de sentimentos, por essa condição, despertados.

Casamento... quem não souber administrar... não deveria entrar. A gente poderia saber isso antes... como participando de uma oficina de casais... Deveria existir um prédio, com vários apartamentos, que fossem alugados para os casais passarem um mês... ou um ano... para então analisar se vai casar ou não... Passado esse período, decidiriam se iriam se casar ou não...

(ISIS).

A fala de Isis aponta como é sofredor viver na angústia, ou seja, na tensão entre “si-mesmo” e “ser-com”. Manifesta, em tal situação desalojadora e angustiante, um modo de afastar-se do incômodo, buscando um marco de referência de estabilidade ilusório.

É caminhando pelo desalojamento tensional que Heidegger (2002) nos aponta para o modo da cotidianidade, outro constituinte modo de ser do homem. Expressa-se pelo modo da impessoalidade ou da de-cadência, compreendida como um modo da pre-sença no mundo das ocupações, revelando um decair de “si” para o “mundo”. Para Heidegger (2002, p. 237, aspas do autor), “de-cair no ‘mundo’ indica o empenho na convivência com outro”, esquecendo-se de si. Na fala de Pedro, há ressonâncias deste modo de ser na impessoalidade:

Casei para ser feliz... Então... serei!... Como disse... só depende de mim!... Farei o que for possível para vê-la feliz... Está é minha missão de vida...

(PEDRO)

Por outro lado, não suportar o **entre** desalojador acabaria por conduzir alguns dos casais entrevistados a viverem o modo de “si-mesmo” e “ser-com” como duas maneiras distintas, ou “ser si-mesmo”, ou “ser-com”. Expressariam essa dissociação por acusações e/ou negações de um a outro.

Talvez um tal modo de evitar a experiência do ser **entre** seja reforçada pela sociedade, à medida que considerar e respeitar o diferente e o plural não são fenômenos da sociedade contemporânea. Para Birman (2000b), tal modo cotidiano

residiria na cultura do narcisismo, caracterizada pela impossibilidade de poder admirar o outro em sua diferença. Sendo ser descentrado de si mesmo, obstrui a possibilidade de alteridade, conduzindo a uma possível negação do coletivo e plural.

Neste sentido, essa temática ressalta a implicação entre cultura e subjetividade, à medida que a cultura narcísica, associada à sociedade do espetáculo, tem sido encarnada pelo homem como modos de subjetivação massificada e singularização tamponada, gerando uma ruptura no modo ontológico de “ser-com”: excluir o coletivo, o “ser-com”, seria um modo de negar a nossa própria condição existencial de co-existentes.

Como, então, poder ser singular nesta sociedade individualizante? É neste contexto que a clínica se apresenta como uma alternativa para abertura à alteridade: os vários *outros* como presença da reflexividade de “ser-si-mesmo” sendo com outro, à medida que

está comprometida, com a escuta do interditado e com a sustentação das tensões e dos conflitos. Talvez o clínico seja a escuta de que nosso tempo necessita para ouvir a si mesmo naquilo em que lhe faltam as palavras. (FIGUEIREDO, 1996, p. 40).

A clínica revela-se como espaço para sustentação das **tensões**; uma escuta comprometida com o encontrar-se **entre autenticidade e alteridade**; o espaço da intersubjetividade, possível pelo acolhimento como escuta do excluído, da pluralidade, do coletivo. Clinicar é dispor-se em presença da alteridade junto ao outro: experienciar “ser-com” sendo “si-mesmo”.

“Contudo, é somente a partir de um primordial sentir-se em casa (*ethos*) que se criam às condições para as experiências de encontro da alteridade e para os conseqüentes acontecimentos desalojadores”. (FIGUEIREDO, 1996, p. 48, grifo do

autor). Nesta direção, a clínica pode ser compreendida como abertura para uma escuta de “si-mesmo”, pela articulação **tensional entre** “si-mesmo” e “ser-com”, no espaço intersubjetivo (**entre**-subjetivo), para resgate de sentido desse modo de imersão de ser humano. Afinal, como diz Enriquez (1998, p. 40), “Se somos aventureiros da vida interior e estamos abertos ao mundo, então o estrangeiro em nós e o outro será acolhido.”

Numa outra direção, a pesquisa pela via da narrativa se apresentou, na prática, como modo de intervenção clínica pela criação de um espaço intersubjetivo para encontrar-se a “si-mesmo” sendo com o outro – pesquisador e participantes, terapeuta e cônjuges (encontrar-se **entre** intersubjetividades). Alguns depoimentos desvelaram como a **entre**-vista foi mobilizadora para encaminhar sentido ao modo de “ser-si-mesmo” e “ser-com” em situação conjugal para esses casais.

Por incrível que pareça... depois daquela conversa... estamos conseguindo nos ajustar um pouco mais... ficou mais claro... o que cada um pensa... talvez... a gente... nunca tenha conseguido... conversar daquele jeito... se escutando... e escutando o outro... talvez... isso... ajudou para hoje estar melhor...!

(ISIS)

Para além disso, os depoimentos ainda indicam uma razão bastante significativa para que os depoentes, como casal, possam permanecer em conjugalidade: o conviver ainda ser prazeroso para ambos. Possivelmente, tal percepção diz respeito à conjugalidade enquanto “**bem estar**”, o que apontaria que, entre eles, uma concepção de indissociabilidade na relação conjugal *a qualquer custo* estaria, gradualmente, se distanciando de um modo de compreensão de que ““ser-si-mesmo”” deve ser tamponado pela relevância de ““ser-com””.

Já para mim... eu acho que não TEM que ser eterno... ou melhor... Tem que ser eterno enquanto durar... Tem que durar enquanto estiver bom para os dois...

(ISIS)

Mais espera um pouco... se eu não estiver bem ao lado da minha esposa... se não tiver relação sexual com minha mulher... não vou manter meu casamento por causa da concepção que tenho de casamento!

(RUI)

Adoro essa vida de casada!... É dividir a nossa vida... nossa vida de casada... Nós enquanto casal... estamos bem... O que é complicado é ter que viver com a sociedade...

(EVA)

É a gente vive bem... Os outros é que... às vezes... ficam muito preconceituosos...

(ANA)

Ele é um amor... para mim casamento é bem estar... nunca ficaria num casamento por obrigação... é muito bom estar casada!...

(MARIA)

As pessoas têm o costume de dizer: "Bem casado é aquele que bem vive"... para mim... a gente vive muito bem... Eu não me casei para me separar... e... isso... só depende de mim... se eu fizer o melhor sempre... tentar agradá-la sempre... tratá-la bem sempre... a tendência é a gente viver bem pro resto da vida...

(PEDRO)

A que **bem estar** estariam eles se referindo? Tais narrativas apontam o estar-no-mundo encontrando-se consigo e com os outros como uma dimensão existencial: ser *ethos*. Nesse sentido, os depoimentos revelam que, embora as representações sociais e as questões identitárias estejam presentes e interferindo no modo de ser e agir dos homens, nossos narradores buscam um encontrar-se consigo mesmo, um "bem estar" consigo junto ao outro. Modo esse que só encontra sentido em ser perseguido "sendo com", enquanto, nessa situação de conjugalidade, houver possibilidade de abertura para encontrar a "si-mesmo". Assim, o bem-estar

existencial seria poder estar-no-mundo-experienciando-com-outros sendo “si-mesmo”, um encontrar-se se encontrando com outros, habitando a **tensão** entre autenticidade e alteridade.

Enquanto for possível transitar entre o “ser-si-mesmo” e o “ser-com”, em situação conjugal, para fazer experiência, um e outro estarão em presença. Contudo, quando a abertura para “ser-si-mesmo” distanciar-se na situação conjugal, a conjugalidade poderia ser vivida como “**mal estar**” abrindo brechas para sua ruptura.

Sem dúvida, outras compreensões poderiam ainda ser tentadas, à medida que se aproxima o final desta caminhada. Entretanto gostaríamos de alinhar algumas reflexões que se mostraram significativas. Por fim, de refletir algo que nos chamou atenção no decorrer desta pesquisa. Refere-se à diacriticidade de conceitos abordados e problematizados por este trabalho: subjetividade x modos de subjetivação, identidade x multiplicidade identitária, masculino x masculinidades, feminino x feminilidades, cultura x processos culturais, ética x éticas, casamento tradicional x pluralidade de modelos conjugais, família nuclear x várias configurações familiares.

Pela compreensão empreendida a partir dos depoimentos, seria possível refletir acerca dessas articulações, ou seja, coexistem, simultaneamente, para fazerem experiência, ora aproximando-se do “ser-si-mesmo”, distanciando-se do “ser-com”, ora o inverso. Tal trânsito **entre** singularidade e pluralidade implica **tensão** com angústia.? Diria do desalojamento e do sofrimento humano que, para encontrar-se, transita pela autenticidade, alteridade, diferença, singular e plural?

Talvez uma das grandes tendências da ciência, da cultura e dos homens seja buscar organizar o caos, através de modelos e normas hegemônicas, como forma

de impedir o acolhimento daquilo que nos é estranho: ser desalojado. Poderia valer, ainda mais uma vez, o exercício de apontar, em contexto tão individualista de humanidade, valores coletivos para resgatar alteridade pela diferença como condição de ser autenticamente na co-existência?

Neste sentido, talvez seja essa a contribuição deste trabalho: introduzir o diferente, como possibilidade de encontrar-se, pelo coletivo, como alteridade. Assim, empreendemos uma caminhada difícil, tensa, conflitiva, angustiante, porém prazerosa para bem estar existencial: encontrar sentido para a humanidade do homem, partindo do espaço experiencial como abertura, para encontrar reflexões acerca do ser convivência no mundo do coletivo.

Finalmente, **estar-no-mundo-com-outros-encontrando-se-si-mesmo entre tensão** estaria dizendo da própria condição humana. **Entre tensão**, nessa ótica, referir-se-ia à angústia que

abre o ser aí numa dimensão em que lhe apreende o que lhe é mais fundamental, que é seu modo de aparecer no mundo enquanto cuidado. A angústia abre-nos para nosso modo mais elementar, originário de ser, que é o cuidado. (ALMEIDA, 1999, p. 51).

Seria esse um pressuposto tacitamente tatuado em nós, como referência da qual se parte para atravessar, sem bússola nem pé de pato, o Canal da Mancha, ao sabor da abertura de possibilidades de ser, no meio da travessia: cuidar de ser pelo transitar entre “ser-si-mesmo sendo no mundo-com”, até que a morte nos interrompa... Diz respeito a encontrar-me pelo cuidar de ser lançada angustiando-me por encontrar-me desamparada, buscando referências para encontrar-me, assim, encontrar-se é aventurar-se à viagem para descobrimento de **“ser-si-mesmo” com outro em situação de conjugalidade**.

Em realidade, não se trata de mudar uma paisagem, mas sim, de mirar a mesma paisagem com outros olhos. Ou,

Nenhum aprendizado dispensa viagem. [...] Parti, sai. Sai do ventre de tua mãe, do berço, da sombra oferecida pela casa do pai e pelas paisagens juvenis. Ao vento, sob a chuva: do lado de fora faltam abrigos. [...] Bifurcar a direção dita natural. [...] Bifurcar quer dizer obrigatoriamente decidir-se por um caminho transversal que conduz a um lugar ignorado. [...] Partir. Sair. Deixar-se um dia seduzir. Tornar-se vários, desbravar o exterior, bifurcar em algum lugar. [...] Porque não há aprendizado sem exposição, às vezes perigosa, ao outro. Nunca mais saberei quem sou, onde estou, de onde venho, aonde vou, por onde passar. Eu me exponho ao outro, às estranhezas. (SERRES, 1993, p. 15).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, F. M. Aconselhamento psicológico numa visão fenomenológico-existencial: cuidar de ser. In: MORATO, H. (org) **Aconselhamento Psicológico centrado na pessoa: novos desafios**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999. p.45-60.

ARBEX, J. Jr. A construção do estrangeiro pela mídia. In: KOLTAI, C. (org.). **O estrangeiro**. São Paulo: Escuta: FAPESP, 1998. p.9-20.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BIRMAN, J. Insuficientes, um esforço a mais para sermos irmãos. In: KEHL, M. R. **Função Fraternal**. Rio de Janeiro: Resumé Dumará, 2000a. p.171-208.

_____. **Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000b.

BOSS, M. **Na noite passada eu sonhei**. São Paulo: Summus, 1963.

BUCHER, J. O casal e a família sob novas formas de interação In: FERES-CARNEIRO, T. (org). **Casal e família – Entre a tradição e a transformação**. Rio de Janeiro: NAU, 1999. p.82-95.

CARRETEIRO, T. Vinculações entre romance familiar e trajetória social. In: FERES-CARNEIRO, T. (org). **Casamento e família: do social à clínica**. Rio de Janeiro: NAU, 2001. p.119-133.

CASTELLS, M. **A era da informação: economia, sociedade e cultura (Fim de milênio)**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

COSTA, J. F. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

CRITELLI, D. **Analítica do Sentido**: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica. São Paulo: EDUC: Brasiliense, 1996.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contra ponto, 1997.

DINIZ, G. R. S. Homens e mulheres frente à interação casamento-trabalho: aspectos da realidade brasileira. In: FERES-CARNEIRO, T. (org). **Casal e família** – Entre a tradição e a transformação. Rio de Janeiro: NAU, 1999. p.20-40.

ENRIQUEZ, E. O judeu como figura paradigmática do estrangeiro. In: KOLTAI, C. (org.). **O estrangeiro**. São Paulo: Escuta: FAPESP, 1998. p.37-60.

FERES-CARNEIRO, T. Casamento contemporâneo: construção da identidade conjugal. In: FERES-CARNEIRO, T. (org). **Casamento e família**: do social à clínica. Rio de Janeiro: NAU, 2001. p.67-80.

FIGUEIREDO, L. C. **Escutar, recordar e dizer**: Encontros heideggerianos com a clínica psicanalítica. São Paulo: Educ/Escuta, 1994.

_____. **Revisitando as Psicologias**: Da epistemologia à ética das práticas e discursos psicológicos. São Paulo: Educ / Petrópolis: Vozes, 1996.

FORGHIERI, Y. **Psicologia fenomenológica**: fundamentos, métodos e pesquisa. São Paulo: Pioneira, 1993.

GENDLIN, E.T. *Befindlichkeit*: Heidegger and the Philosophy of Psychology. In: **Review of Existential Psychology and Psychiatry**. 16(1-3), ps. 43-71, 1978/1979.

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor e erotismo na sociedade moderna. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

_____. **Mundo em descontrole**. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Recorde, 2000.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HASSOUN, J. O estrangeiro: um homem distinto. In: KOLTAL, C. (org.). **O estrangeiro**. São Paulo: Escuta: FAPESP, 1998. p.83-104.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Tradução de Márcia de Sá Cavalcante. Petrópolis: Vozes, 2002.

HOUAISS, I. A. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 1.0.5.a**. Disponível em CD, 2004.

JABLONSKI, B. **Até que a vida nos separe** - A crise do casamento contemporâneo. Rio de Janeiro: Agir, 1998.

KIYAN, A. M. M. **E a gestalt emerge**: vida e obra de Frederick Perls. São Paulo: Altana, 2001.

KOLTAL, C. A segregação, uma questão para o analista. In: KOLTAL, C. (org.). **O estrangeiro**. São Paulo: Escuta: FAPESP, 1998. p.105-112.

KINGMA, D. **O futuro do amor**. Porto: Público 9, 2003.

LARAIA, R. B. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

LASCH, C. **A cultura do narcisismo**. Rio de Janeiro: Imago, 1984.

LOURO, G.L. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MAGALHÃES, A. S. Transmutando a individualidade na conjugalidade. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (org). **Família e casal**: arranjo e demandas Contemporâneas. Rio de Janeiro: EPUD / São Paulo: Loyola, 2003. p.225-246.

MATURANA, H. Seres humanos individuais e fenômenos sociais humanos. In: MONY, E. (org). **Terapia Familiar em transformação**. São Paulo: Summus, 2000. p.15-30.

MORATO, H. T. P. **Eu-Supervisão**: em cena uma ação buscando significado sentido. 1989. 266f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.

_____. Serviço de aconselhamento psicológico do IPUSP: aprendizagem significativa em ação. In: MORATO, H (org.). **Aconselhamento Psicológico centrado na pessoa**: novos desafios. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999. p.27-44.

PRADO, M. C. C. A. Narcisismo, conjugalidade e estados de estranhamento. In: FERES-CARNEIRO, T. (org). **Casal e família** – Entre a tradição e a transformação, Rio de Janeiro: NAU, 1999. p.150-163.

ROLNIK, S. Toxicômanos de identidade - Subjetividade em tempo de Globalização. In: LINS, D. **Cultura e subjetividade**: saberes nômades. Campinas: Papyrus, 1997. p.19-24.

_____.; GUATTARI, F. **Micropolítica**: Cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 2000.

SERRES, M. **Filosofia Mestiça**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

SOUZA, N. S. O estrangeiro: nossa condição. In: KOLTAI, C. (org.). **O estrangeiro**. São Paulo: Escuta, 1998. p.155-164.

VATIMO, G. **A quebra da palavra poética**. Em o fim da modernidade - Nihilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna. Portugal: Presença, 1987.

VITALE, M. F. Separação e ciclo vital familiar: um enfoque sociodramático. In: ALMEIDA, W. C. (org). **Grupos**: a proposta do psicodrama. São Paulo: Agora, 1999. p.165-178.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 07-72.

ZINKER, J. C. **A busca de elegância em psicoterapia**: uma abordagem gestáltica com casais, famílias e sistemas íntimos. São Paulo: Summus, 2001.